UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA
E LINGÜÍSTICA GERAL

ROGÉRIO FERREIRA DA NÓBREGA

**O recuo do dativo em -e: análise em regressão logística sobre a
variação e mudança da flexão de caso no alemão**

Versão Corrigida
São Paulo
2015

ROGÉRIO FERREIRA DA NÓBREGA

O recuo do dativo em -e: análise em regressão logística sobre
a variação e mudança da flexão de caso no alemão

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Semiótica e
Linguística Geral do Departamento de
Linguística da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para obtenção
do título de mestre em Linguística

Orientador: Prof. Dr. Paulo Chagas de
Souza

Versão Corrigida
São Paulo
2015

ROGÉRIO FERREIRA DA NÓBREGA

O recuo do dativo em -e: análise em regressão logística sobre
a variação e mudança da flexão de caso no alemão

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Semiótica e
Linguística Geral do Departamento de
Linguística da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para obtenção
do título de mestre em Linguística

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. Paulo Chagas de Souza
Orientador
Departamento de Linguística - USP

Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Rafael Dias Minussi
Departamento de Letras
Universidade Federal de São Paulo

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeira e imensamente ao meu orientador, Prof. Dr. Paulo Chagas de Souza, por aceitar me orientar durante minha pesquisa e pela valiosa colaboração que teve para o meu desenvolvimento na pesquisa linguística e despertar meu interesse para muito além dos estudos de alemão.

Aos meus colegas do grupo FONEMOS e do promissor LINEURAS, com os quais passo a maioria das minhas tardes de sexta-feira me dedicando aos estudos de fonologia e morfologia.

Agradeço ao meu amigo e incentivador, Prof. Dr. Göz Kaufmann, pelo grande incentivo desde o começo da graduação, quando eu apenas me dedicava aos estudos de língua alemã, sem qualquer pretensão de pesquisar na área, por sua presteza, bem como sugestões e críticas.

Agradeço ao Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro pela colaboração no desenvolvimento deste trabalho e pela oportunidade dada para a primeira apresentação deste trabalho ao GMHP, a cujos membros fixos e avulsos também registro meus agradecimentos.

À Profa. Dra. Evani de Carvalho Viotti pelo brilhante curso que frequentei e pelos comentários que me ajudaram a refletir e me empenhar mais na reflexão do objeto de estudo.

À Prof. Dra. Ana Paula Scher pela dedicação e comprometimento em permitir a análise de meu objeto de estudo por um outro viés, mesmo que não aqui diretamente utilizado.

Agradeço ao Prof. Dr. Rafael Dias Minussi pela leitura cuidadosa do meu trabalho e pelas valiosas sugestões de melhorias, que, se não cumpridas, correm por inteira responsabilidade do autor.

Agradeço aos meus professores de alemão do Departamento de Letras Modernas por me guiarem durante o processo de aprendizado do alemão como língua estrangeira.

Aos meus pais Valderi e Ozeli, por terem como prioridade a minha formação sobretudo como pessoa, por investirem em mim e por me mostrarem com gestos e palavras os valores que tanto prezo.

Agradeço à minha companheira Karolina pela paciência em meus momentos de ausência enquanto me dedicava à execução deste trabalho.

Aos funcionários do DL, Érica e Robson, que jamais hesitaram em prestar auxílio a qualquer tempo.

Aos meus amigos Sandro e Farias pelo apoio, amizade e consideração, e ao Lucas, por me inspirar narrando suas apaixonantes leituras diversas.

Obrigado!!!

RESUMO

O objetivo geral desta dissertação é traçar um panorama da evolução do dativo em -e dentro do contexto do paradigma dos demais casos morfológicos existentes no alemão e detectar prováveis fatores atuando concomitantemente na variação da (não) ocorrência desse marcador de caso. Para tanto, revisitamos o desenvolvimento do sistema de casos do alemão e descrevemos o comportamento e padrões exibidos pelos marcadores de caso de substantivos no singular e no plural. Discutimos a útil noção de declinações forte e fraca, de Grimm (1822), bem como algumas teorias sobre mudança linguística, tais como o enfraquecimento de sílabas átonas (SAPIR, 1921), o surgimento do artigo definido (PHILLIPI, 1997) e da teoria baseada no uso (BARÖDAL, 2009). As questões levantadas por essas teorias podem ter contribuído com o paulatino apagamento de marcadores de caso nas línguas germânicas. Não rejeitamos nenhuma delas, haja vista que todas fornecem hipóteses plausíveis, entretanto, a mudança não ocorreu de forma homogênea em diferentes contextos e parece exibir certos padrões que podem ser explicados pela interação de diversos fatores, e não com base apenas nas grandes ideias das teorias descritas acima.

Testar a hipótese dessa policausalidade requer o emprego de metodologia específica. Como o fenômeno aqui estudado é a realização vs. não realização do dativo em -e, empregamos o método de regressão logística binária, o mais adequado para descrever e testar hipóteses sobre relações entre uma variável-resposta categórica e variáveis explanatórias também categóricas e/ou contínuas (PENG; LEE; INGERSOLL, 2002).

Obtivemos robusta evidência de que fatores tipológicos, fonológicos e prosódicos desempenham importante papel na variação da realização do dativo em -e e observamos que a interação de fatores tem maior poder explanatório sobre os padrões exibidos na variação do que uma análise que considere a influência de diferentes fatores de maneira isolada.

A maior vantagem em aplicarmos um teste como o de regressão logística binária consiste na possibilidade de captar a existência de determinados padrões interacionais, e, portanto, podemos analisar a variação e mudança, como no exemplo

do dativo em -e, de um ponto de vista multifatorial, e não limitando nosso escopo a fatores isolados, pois, em um sistema complexo como é a língua, eles parecem indissociáveis.

Palavras-chave: caso dativo, alemão, variação, mudança, policausalidade, regressão logística.

ABSTRACT

The main goal of this investigation is to outline an overview of the development of the dative -e within the context of the paradigm of other morphological cases existing in German and to identify factors that play a concomitant role in the variation of the (non-)occurrence of the case marker. In order to perform this task, we revisited the development of the German case system and described the behaviour and patterns exhibited by the case markers of singular and plural nouns. We discussed the useful notion of strong and weak declensions such as thought of by Grimm (1822), as well as some theories on language change, as the weakening of unstressed syllables (SAPIR, 1921), the rise of the definite article (PHILLIPI, 1997) and the usage-based approach to language (BARÐDAL, 2009). The questions raised within the framework of these theories might have contributed to the non-occurrence of the case marker in Germanic languages. We did not reject any of the theories, since they provide plausible hypotheses, however, the change did not occur homogeneously in different contexts and it seems to exhibit certain patterns that may be accounted for by the interaction between diverse factors and therefore not only by the general ideas mentioned above.

In order to test this multicausality hypothesis, it is necessary to apply a specific methodology. Given that the phenomenon studied in this investigation is the occurrence vs. non-occurrence of the dative -e, we performed a binary logistic regression analysis, which is well suited for describing and testing hypotheses about relationships between categorical outcome variables and explanatory variables that are also categorical and/or continuous (PENG; LEE; INGERSOLL, 2002).

We obtained strong evidence that typological, phonological and prosodic factors play an important role in the variation of the dative -e and we observed that the interaction between such factors can better explain the patterns exhibited in the variation than an approach that only takes into account the influence of individual factors.

The advantage in performing a binary logistic regression is based on the fact that it highlights the existence of interactional factors, and therefore we can analyse the variation and change, using the example of the dative -e, from a multifactorial point

of view without limiting our scope to individual factors only, since they do not seem to work individually within a complex system such as the human language.

Key-words: dative case, German, variation, change, multicausality, logistic regression.

LISTA DE TABELAS

2.1	Declinação masculina vocálica em -a	20
2.2	Declinação masculina vocálica em -jâ	21
2.3	Declinação masculina vocálica em -wâ	21
2.4	Declinação masculina vocálica em -i	21
2.5	Declinação masculina vocálica em -u	22
2.6	Declinação masculina consonântica	22
2.7	Declinação neutra vocálica em -a	22
2.8	Declinação neutra vocálica em -jâ	23
2.9	Declinação neutra vocálica em -wâ	23
2.10	Declinação neutra vocálica em -u..	23
2.11	Declinação feminina vocálica em -ô	24
2.12	Declinação feminina vocálica em -jô	24
2.13	Declinação feminina vocálica em -wô	25
2.14	Declinação feminina vocálica em -i	25
2.15	Declinação feminina vocálica em -u	25
2.16	Declinação feminina consonântica	26
2.17	Declinação masculina fraca	26
2.18	Declinação neutra fraca	26
2.19	Declinação feminina fraca	27
2.20	Declinação de substantivos fortes do médio-alto-alemão por vogal temática	29
2.21	Declinação de substantivos fortes do médio-alto-alemão por gênero ...	29
2.22	Declinação de substantivos no alemão padrão moderno	29
2.23	Declinação dos substantivos masculinos e neutros fortes no dativo singular	31
3.1	Evolução do acusativo plural de <i>Tag</i> , 'dia'	35
3.2	Declinação no inglês antigo	36
3.3	Declinação no alemão padrão moderno por combinação singular/plural ...	42
4.1	Itens vocabulares analisados	55
4.2	Autores analisados	61
4.3	Frequência dos substantivos analisados	66
4.4	Teste qui-quadrado de análise geral	70

4.5	Teste de qualidade de ajuste de Hosmer e Lemeshow	71
4.6	Classificação dos dados do modelo sem variáveis explanatórias	71
4.7	Classificação dos dados do modelo com variáveis explanatórias	72
5.1	Realização do dativo em -e por todos os autores	75
5.2	(Não) realização do Dativo em -e por tipo de Coda do Substantivo	78
5.3	(Não) realização do Dativo em -e por autor	79
5.4	Probabilidade de Realização do Dativo em -e autor	80
5.5	(Não) realização do Dativo em -e em substantivos (i)mediatamente ou não preposicionados em todas as obras	82
5.6	(Não) realização do Dativo em -e por fonema inicial da sílaba subsequente	85
5.7	Probabilidade de realização do dativo em -e por fonema da sílaba subsequente	85
5.8	(Não) realização do Dativo em -e por estrutura silábica do substantivo	87
5.9	Probabilidade de realização do dativo em -e por estrutura silábica do substantivo	88
5.10	(Não) realização do dativo em -e por tonicidade da sílaba subsequente	89
5.11	Probabilidade de realização do dativo em -e por tonicidade da sílaba subsequente.....	90
5.12	(Não) realização do dativo em -e por estrutura silábica do substantivo	91
5.13	(Não) realização do Dativo em -e por tipo de consoante que ocupa a posição da coda.....	91
5.14	(Não) realização do Dativo em -e por tipo de fonema da sílaba subsequente	92
5.15	(Não) realização do Dativo em -e por tipo de consoante que ocupa a posição da coda	94
5.16	(Não) realização do Dativo em -e por tipo de regência de caso	94
5.17	(Não) realização do Dativo em -e para substantivos preposicionados ...	94
5.18	(Não) realização do Dativo em -e por tipo de consoante que ocupa a posição da coda	96
5.19	(Não) realização do Dativo em -e para substantivos preposicionados ...	97

5.20	(Não) realização do Dativo em -e por tonicidade da sílaba subsequente ...	99
5.21	(Não) realização do Dativo em -e por tipo de consoante que ocupa a posição da coda	101
5.22	(Não) realização do Dativo em -e para substantivos preposicionados ..	101
5.23	(Não) realização do Dativo em -e por tipo de consoante que ocupa a posição da coda	102
5.24	(Não) realização do Dativo em -e por gênero do substantivo.....	104
5.25	(Não) realização do Dativo em -e por tipo de consoante que ocupa a posição da coda	104
5.26	(Não) realização do Dativo em -e por tipo de consoante que ocupa a posição da coda	106
5.27	(Não) realização do Dativo em -e por tipo de fonema da sílaba subsequente em Rainer Maria Rilke	106
5.28	(Não) realização do Dativo em -e por estrutura silábica do substantivo em Wilhelm Raabe	108
5.29	(Não) realização do Dativo em -e por estrutura silábica do substantivo em Heinrich Heine	109
5.30	(Não) realização do Dativo em -e por estrutura silábica do substantivo em Franz Kafka	111

LISTA DE FIGURAS

4.1	Resultado do teste de regressão logística (variáveis na equação) envolvendo todos os autores	67
5.1	Resultado do teste de regressão logística (variáveis na equação) envolvendo todos os autores	76
5.2	Resultado do Teste de Regressão Logística (variáveis na equação) para o autor E.T.A. Hoffman	92
5.3	Resultado do Teste de Regressão Logística (variáveis na equação) para o autor Jeremias Gotthelf	95
5.4	Resultado do Teste de Regressão Logística (variáveis na equação) para o autor Eduard Mörike	98
5.5	Resultado do Teste de Regressão Logística (variáveis na equação) para o autor Theodor Storm	99
5.6	Resultado do Teste de Regressão Logística (variáveis na equação) para o autor Gottfried Keller	102
5.7	Resultado do Teste de Regressão Logística (variáveis na equação) para o autor Theodor Fontane	103
5.8	Resultado do Teste de Regressão Logística (variáveis na equação) para o autor Arthur Schnitzler	104
5.9	Resultado do Teste de Regressão Logística (variáveis na equação) para o autor Rainer Maria Rilke	106
5.10	Resultado do Teste de Regressão Logística (variáveis na equação) para o autor Adalbert Stifter	110

LISTA ABREVIATURAS E SIGLAS

A.A.A.	ANTIGO-ALTO-ALEMÃO
A.A.M.	ALTO-ALEMÃO-MODERNO
ACUS.	ACUSATIVO
AUX.	AUXILIAR
CAT.	CATEGORIA
DAT.	DATIVO
DEF.	DEFINIDO
DEM.	DEMONSTRATIVO
DF	DEGREES OF FREEDOM
FEM.	FEMININO
GEN.	GENITIVO
GERM.	GERMÂNICO
GÓT.	GÓTICO
I.M.	INGLÊS MODERNO
IV	ITEM VOCABULAR
M.A.A.	MÉDIO-ALTO-ALEMÃO
MASC.	MASCULINO
ND.	NIEDERDEUTSCH
NEUT.	NEUTRO
NOM.	NOMINATIVO
OBJ.	OBJETO
OD.	OBERDEUTSCH
PART.	PARTICÍPIO
PL.	PLURAL
PRON.	PRONOME
S.E.	STANDARD ERROR
S.M.C.	SEGUNDA MUTAÇÃO CONSONÂNTICA
SIG.	SIGNIFICANCE LEVEL
SING.	SINGULAR
SN	SINTAGMA NOMINAL
SUBJ.	SUBJUNTIVO
SUBST.	SUBSTANTIVO

SUJ.

SUJEITO

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1. Características da Língua Alemã	5
1.1 Características Gerais	5
1.2 Das declinações forte e fraca	6
 CAPÍTULO 2. O SISTEMA DE CASOS	 10
2.1 Funções e significados dos casos	12
2.2 Caso no alemão	13
2.2.1 Função dos casos no alemão	14
2.2.1.1 Nominativo	15
2.2.1.1 Acusativo	16
2.2.1.1 Dativo	17
2.2.1.1 Genitivo	18
2.3 A diacronia do paradigma flexional dos substantivos no alemão	19
2.3.1 Os masculinos da declinação forte	20
2.3.2 Os neutros da declinação forte	22
2.3.3 Os femininos da declinação forte	24
2.3.4 Os masculinos, neutros e femininos da declinação fraca	26
2.4 O dativo em -e nos contextos social e histórico	27
2.5 Características do dativo em -e	28
2.5.1 A proposta de Pfeffer e Janda para o alemão moderno: Formação de dativo sem -e, exceto em expressões idiomáticas	 31
 CAPÍTULO 3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	 35
3.1 Teorias da mudança	35
3.2 Variedades regionais e padrão do alemão falado e escrito	40
3.3 Gênero e sua relação com as classes de declinação e formação de plural	42
3.4 Gênero e forma (estrutura silábica)	47
3.5 Aspectos fonológicos	50

3.5.1 Fortição final	50
3.5.2 Oclusiva glotal	52
CAPÍTULO 4. METODOLOGIA E DADOS	53
4.1 coleta e seleção dos dados	53
4.2 Algumas noções sobre o SPSS	57
4.3 O Modelo de Regressão Logística	53
4.4 Definição e codificação das variáveis	60
4.4.1 Variáveis Autor e Região	60
4.4.2 Variáveis Gênero, Animacidade e Estrutura Silábica	61
4.4.3 Variável Tipo de Coda	63
4.4.4. Variável Preposição Imediata	64
4.4.5 Variáveis Tipo e Tonicidade do Fonema Subsequente	64
4.4.6 Variável Caso $\pm$ Preposicional	65
4.4.7 Variável Frequência	65
4.5 Performance do Teste de Regressão Logística, Resultados e Interpretação	66
4.6 Efetividade do modelo de Regressão Logística	69
CAPÍTULO 5. ANÁLISE DOS DADOS: O recuo do dativo em -e	74
5.1 Análise geral	75
5.1.1 Tipo de coda	77
5.1.2 Autor	79
5.1.3 Substantivos (l)mediatamente (ou não) Preposicionados	81
5.1.4 Fonema inicial da sílaba subsequente	84
5.1.5 Ritmo	86
5.2 Análises individuais por autor	90
5.2.1 E.T.A. Hoffman	91
5.2.2 Jeremias Gotthelf	93
5.2.3 Eduard Mörike	96
5.2.4 Theodor Storm	98
5.2.5 Gottfried Keller	100
5.2.6 Theodor Fontane	102

5.2.7 Arthur Schnitzler	103
5.2.8 Rainer Maria Rilke	105
5.2.9 Demais autores	108
CONCLUSÃO	113
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	117

INTRODUÇÃO

O alemão moderno é uma das línguas germânicas que mantiveram seu sistema de casos, embora no curso secular a flexão nominal em si tenha sido bastante simplificada e haja registros mais atuais em língua escrita padrão de outras perdas, como do *-n*, típico marcador de caso dativo da maioria dos substantivos no plural, perda atestada inclusive na variante escrita. Diferentemente de outras línguas germânicas, como o inglês e o holandês, o alemão padrão moderno não perdeu o caso morfológico e mantém o nominativo, o acusativo, o dativo e o genitivo.

Dentre as perdas de flexão nominal já processadas está a do dativo em *-e*, morfema de caso ainda atestado, sobretudo na língua escrita, porém restrito a construções mais fixas. Enquanto no gótico sua forma era predominantemente a de um *-a*, tendo sido reduzida a *-e* já no antigo-alto-alemão¹, o morfema de dativo singular de substantivos fortes masculinos e neutros, ou, simplesmente, dativo em *-e*, perdurou sob a mesma forma, a de um schwa, até fins do século XIX, ocorrendo cada vez menos, desde então. A paulatina diminuição no uso do dativo em *-e* constitui uma mudança importante tanto do ponto de vista sincrônico quanto do diacrônico: o aumento do sincretismo em decorrência do nivelamento das formas, cada vez menos distintivas, no que diz respeito aos substantivos. No alemão padrão contemporâneo, a terminação em *-e* como morfema de caso é considerada facultativa e arcaizante. As mudanças são notadas, sobretudo, na forma dos substantivos. Comparadas as formas de outrora, como as do gótico às do alemão padrão moderno, observamos que elas são significativas: temos no gótico distinções de declinações fracas e fortes, discutidas em 1.2 adiante, e os diversos subgrupos de tais declinações com características típicas de suas classes. Embora seja possível – e plausível – insistir em um modelo de classificação e descrição do alemão padrão moderno que faz distinção entre substantivos com relação à morfologia (fortes e fracos, como veremos), as formas distintivas de marcadores de caso cada vez menos numerosas que culminaram com sua ausência (ou em sua forma *-Ø*) demandam análise específica e busca por suas motivações. Assim, são discutidos na literatura os diversos prováveis

¹ Também traduzido por velho-alto-alemão. Não surgiu diretamente do gótico, uma das três ramificações do grupo germânico. As outras duas são a nórdica e a ocidental, esta última da qual surgiu diretamente o velho- ou antigo-alto-alemão.

fatores envolvidos na diminuição das formas distintivas, tendo como consequência inversamente proporcional o aumento do sincretismo.

Um desses fatores teria sido a mudança do acento no germânico. Enquanto no indo-europeu o acento era livre, podendo recair tanto sobre radical quanto sobre a flexão, na passagem para o germânico passa a incidir na sílaba inicial (*Inizialakzent*, no alemão), provocando, conseqüentemente, o enfraquecimento das sílabas átonas. A decorrente erosão fonológica acabaria por ocasionar a desintegração do sistema de casos em algumas das línguas germânicas.

Enquanto a erosão fonológica é tida como causa da perda das distinções em línguas com sistema de casos, numa abordagem que tenha a gramaticalização como mecanismo de mudança consideram-se o surgimento do artigo e o aumento de seu uso como razões para o enfraquecimento das mesmas vogais outrora distintivas, possivelmente pelo fato de o artigo assumir o papel de marcador de caso expresso por um sufixo do substantivo. O paradigma de declinações do alemão, que apresentava características distintivas entre si tanto com relação a consoantes quanto à qualidade das vogais (cheias ou schwas), sofreu nivelamento que atingiu grande parte de suas formas, enquanto os artigos mantiveram suas distinções. A marcação de caso apenas no artigo não é exclusividade de uma língua germânica como o alemão: no romeno, por exemplo, os substantivos, exceto os femininos, não são declinados quando acompanhados de artigo indefinido, ocorrendo o inverso quando acompanhados de artigo definido.

Temos até aqui, portanto, duas prováveis razões para o mesmo fenômeno: o enfraquecimento das sílabas átonas (*Nebensilbenabschwächung*, no alemão), sendo uma a provável consequência da mudança de acento e, a outra, o surgimento de uma nova estrutura.

Um terceiro viés possível seria aquele baseado na frequência, ou, simplesmente, uma abordagem baseada no uso: construções mais frequentes teriam atraído construções menos frequentes, de maneira que aquelas pertencentes a este grupo se tornassem ainda menos frequentes ou desaparecessem, i.e., uma analogia

generalizadora que teria desintegrado o sistema de casos, ou, de maneira inversa, o teria mantido “íntacto”, no caso de os diversos tipos de construções terem se preservado, a depender das frequências de tipo e/ou ocorrência (do inglês *type* e *token*, respectivamente) das construções poupadas. Diferentemente de outras línguas germânicas, como o inglês e o holandês, que perderam completamente o sistema de casos, o alemão sofreu a redução ou apagamento de diversas vogais, inclusive as de morfemas distintivos de caso no substantivo, mas manteve o sistema praticamente íntacto no sentido de preservar flexão de caso em adjetivos, determinantes e algumas das flexões em substantivos.

Apesar da preocupação normativista do século XVIII, quando da observação do crescente apagamento do morfema, inclusive em sua forma escrita, o dativo em -e recuou paulatinamente, tendo praticamente desaparecido desde o início do século XX. Mesmo quando ainda muito frequente, o dativo em -e encontrava, em certos contextos, algumas restrições tipológicas, embora os contextos favoráveis fossem muito mais numerosos. Entretanto, o apagamento do -e ocorreu inclusive em ambientes em que não havia, aparentemente, quaisquer restrições, ocasionando o nivelamento do paradigma.

As pesquisas sobre o desenvolvimento de casos nas línguas germânicas nos têm fornecido diversas hipóteses acerca de certas mudanças: as discutidas acima, por exemplo, podem ter atuado conjuntamente em favor da redução de formas distintivas, porém não abordam as circunstâncias em que havia a variação e paulatina diminuição no uso do dativo em -e até a completude da mudança que culminou com seu apagamento praticamente categórico, exceto em contextos bastante específicos, como em expressões fixas consagradas pelo uso e preservadas atualmente sobretudo na escrita. Ademais, tais abordagens tendem a dar ênfase sobremaneira a apenas um único aspecto envolvido na mudança. Entretanto, línguas são sistemas complexos em que apenas um fator pode, mas não necessariamente deve atuar sozinho sobre determinado fenômeno, de forma que um acontecimento pode ter causas multifatoriais.

O objetivo da presente pesquisa é traçar um panorama da evolução do dativo em -e dentro do contexto do paradigma dos demais casos morfológicos no alemão e, posteriormente, detectar prováveis fatores atuando concomitantemente sobre a variação da (não) ocorrência do morfema em questão, fazendo-o no âmbito de um sistema complexo que é a língua. Tais fatores têm natureza diversa e dizem respeito à sintaxe, prosódia, fonologia ou são externos à língua, e.g., o que inclui a variação diatópica. O que diferencia a proposta aqui apresentada das demais é o fato de não se buscar focar em apenas um motivo para variação e mudança, senão constatar a interação de fatores variados. A hipótese da existência de causas multifatoriais para um fenômeno dicotômico (realização vs. não realização do dativo em -e) requer o emprego de metodologia específica. Por esta razão, utilizamo-nos do método de regressão logística binária, o qual nos permite mensurar individualmente o impacto de diversos fatores, porém dentro do contexto da coexistência de outros elementos que concorrem para o mesmo resultado, o que chamaremos de variáveis independentes, atuando conjuntamente a favor ou contra a realização do dativo em -e, nossa variável dependente dicotômica (ou binomial).

1. CARACTERÍSTICAS DA LÍNGUA ALEMÃ

Nesta seção, pretende-se discutir brevemente algumas características da língua alemã em termos históricos, aludindo aos seus estágios anteriores, além de seu atual status nos diferentes países em que é falada, bem como a introdução das declinações forte e fraca, noção central para o desenvolvimento do presente trabalho.

1.1 CARACTERÍSTICAS GERAIS

O alemão padrão moderno é uma das línguas que constituem o subgrupo ocidental das línguas germânicas da família das línguas indo-europeias. Essa família linguística, reconstituída por meio do método comparativo, usualmente é dividida em outras nove partes, além do grupo germânico, a saber, o grupo indo-iraniano, as línguas tocharianas, o hitita, o armênio, o grego, a língua albanesa, as línguas itálicas, as célticas e as balto-eslavas. O grupo germânico é comumente dividido em três subgrupos: compreende as línguas nórdicas, dentre elas as orientais (sueco e dinamarquês) e as ocidentais (islandês, norueguês e língua faroesa); o subgrupo germânico oriental, cujo registro mais antigo data do século IV, quando da tradução da bíblia ao gótico levada a cabo pelo bispo Úlfilas; por fim, temos o subgrupo ocidental (WRIGHT, 1966, p. 2), do qual fazem parte o alemão, o inglês, o frísio e os dialetos do baixo-alemão, incluindo o holandês (ELLIS, 1953, p.1).

A periodização da língua alemã constitui um problema para o seu tratamento histórico. Em virtude dos diversos critérios que possam ser adotados, como fatores internos, entendidos aqui no sentido da deriva de Sapir (1921), que será discutido no item 3 deste trabalho, e/ou externos ao sistema (fatores sociolinguísticos, como valoração das variedades, contato, transmissão irregular, etc.), não há consenso sobre a divisão em diferentes épocas. Como o presente trabalho não pretende esgotar o tema, adotemos por conveniência de explanação o modelo proposto em Hennings (2012, p. 12). Para uma ampla discussão do tema, cf. Roelcke (1998, p. 1000-1013).

Antigo-alto-alemão (*Althochdeutsch*): ca. 750 – 1050;

Médio-alto-alemão (*Mittelhochdeutsch*): ca. 1050 – 1350;

Inícios do Novo-alto-alemão (*Frühneuhochdeutsch*) ca. 1350 – 1650;

Alto-alemão-moderno (*Neuhochdeutsch*) ca. 1650 em diante.

O termo *Hochdeutsch*, 'alto-alemão', é a variedade padrão do alemão e goza de prestígio mesmo nos demais países de fala alemã, como Suíça e Áustria, onde ela tem status de superestrato, seja por razões econômicas ou sociais. Embora haja diferenças consideráveis entre o alemão padrão, os dialetos e a forma coloquial, a serem detalhadas em 3.2, faz-se necessária certa idealização do objeto de estudo para sua análise (FOX, 2005, p. 14-15; LIGHTFOOT, 2006, p. 17-26; MCMAHON, 1994). Portanto, referir-nos-emos à língua alemã padrão quando utilizarmos simplesmente o termo **alemão**, especificando, caso contrário, quando se tratar de dialetos e língua coloquial.

O alemão padrão moderno é uma língua flexional de casos, entendidos aqui como categorização de substantivos, adjetivos, determinantes e pronomes. Diferentemente de outras línguas germânicas, como o inglês e o holandês, que preservam resquícios dos casos apenas no paradigma pronominal, o alemão não os perdeu como um todo. No genitivo, por exemplo, não apenas os adjetivos, determinantes e pronomes sofrem declinação, como também o próprio substantivo.

Das línguas germânicas modernas, o alemão é uma das que mais preservaram o sistema de casos, embora a flexão nominal tenha sido bastante simplificada e haja registros mais recentes em língua escrita padrão de outras perdas, como já mencionado anteriormente, do marcador de caso dativo plural *-n*, além do dativo em *-e* do singular de substantivos da declinação forte, descrita logo a seguir.

1.2 Das declinações forte e fraca

Geralmente remetidos em descrições sobre a gramática alemã, os termos forte e fraco não recebem grande atenção, senão apenas menção de que possuem suas origens na gramática de Jacob Grimm. Originalmente, Grimm (1822) se refere como fortes e fracas às declinações de substantivos, cujo conceito pode ser estendido também aos adjetivos e verbos:

“A declinação fraca parece ter surgido por meio da inserção de um -n de formação inicialmente insignificante para a declinação, jamais aparecendo, conseqüentemente, junto de raízes puras. Esse -n de formação ocasionou a rápida erosão do caso genuíno, e, em seguida, surgiu como forma própria e essencial da declinação [...] uma vez distintas as formas em fortes e fracas, todas as declinações devem, pois, ser listadas, pois essa diferença de fato se concretizou historicamente.” (GRIMM, 1822, p. 697, tradução nossa)²

Com isso, Grimm define os substantivos como fortes e fracos de acordo com a morfologia que apresentam: os substantivos do indo-europeu, bem como os do grupo germânico, tinham classes de declinação baseadas no som final dos radicais, resultando em subgrupos de declinações vocálica e consonântica. Entretanto, quando Grimm cunhou os novos termos para a declinação dos substantivos alemães, os critérios já haviam se tornado opacos no médio-alto-alemão. Desta forma, foram designados os termos forte e fraco: a declinação fraca, também chamada declinação em -n, (*n-Deklination*), compreende os substantivos masculinos, neutros e femininos que necessariamente formam o nominativo plural em -n e, concomitantemente, **não** admitem a realização do genitivo singular em -s, enquanto os demais, ou seja, os fortes, são os que obrigatoriamente realizam o nominativo plural diferente de -n e também, mas não necessariamente, admitem genitivo em -s no genitivo (CREDNER, 1908, p. 120-121). Ressalte-se que, já no médio-alto-alemão, substantivos da então declinação consonântica, exceto aqueles com radicais em -n, -an, -jan, -ôn, -jôn ou -în, passaram a ser declinados como os substantivos fortes (HENNINGS, 2012, p. 146). Por esta razão, faz-se necessária uma observação: comumente, autores fazem a correspondência da declinação forte com a vocálica, por um lado, e da fraca com a consonântica, por outro (BRAUNE; REIFFENSTEIN, 2004, p. 183 et seq.; HENNINGS, 2012; ELLIS, 1953). Entretanto, substantivos que outrora eram da declinação consonântica, por exemplo o médio-alto-alemão ‘man’, ‘homem’, não formam o plural em -n, mas também aceitam, concomitantemente, o -s no genitivo singular, sendo, portanto, substantivos fortes.

² Texto original: “Die schwache declination scheint durch einschaltung eines zur declination anfangs unwesentlichen bildungs-n entstanden, zeigt sich dem zufolge niemahls an reinen wurzeln. Dieses bildungs -n führte schenellere abschleifung der wahren casus herbei und erschien dann als eigne, der declination wesentliche form. [...]; aufgestellt werden müssen aber nach dem unterschied starker und schwacher form alle deutsche declinationen, da er historisch ein wirklicher geworden ist.”

Os termos forte e fraco também são estendidos aos verbos. Observemos um exemplo de verbo fraco no tempo pretérito, em que fica evidente a presença de um sufixo *-te* em todas as pessoas do paradigma. Assim, temos na conjugação do verbo *machen*, ‘fazer’, e.g., conjugações como *ich mach-te*, ‘eu fiz’, *du mach-te-st*, ‘tu fizeste’, *er mach-te*, ‘ele fez’, e assim por diante. O rótulo “forte” é destinado aos verbos que, no pretérito, possuem alguma alternância vocálica na raiz e, no particípio, terminam em *-en*, como *anfangen*, infinitivo de ‘começar’, pretérito *anfing* (primeira e terceira pessoas do singular), particípio *angefangen*. As conjugações de verbos fortes não são homogêneas, por qual razão eles são também chamados de verbos irregulares, em oposição aos demais verbos, os regulares.

Por fim, temos as declinações fraca e forte dos adjetivos: na ausência de qualquer determinante ou na presença de um artigo indefinido (inclusive o negativo e o possessivo), há declinação forte, ou seja, um marcador de caso específico é realizado junto ao adjetivo, expressando gênero, número e caso quando no singular, enquanto o gênero é neutralizado em termos de marcação morfológica quando no plural. Assim, temos no nominativo, e.g.,

(1) *[k]ein* *alter* *Mann*
 [nenh]um velho homem
 ‘[nenh]um homem velho’

(2) *[k]eine* *alte* *Frau*
 [nenh]uma velha mulher
 ‘[nenh]uma mulher velha’

(3) *[k]ein* *altes* *Radio*
 [nenh]um velho rádio
 ‘[nenh]um rádio velho’

Na presença de um artigo definido, a distinção com relação à marcação de caso é “neutralizada” no adjetivo, que recebe a declinação fraca, independentemente do gênero:

(4) *der alte Mann*
O velho homem
'o homem velho'

(5) *die alte Frau*
A velha mulher
'a mulher velha'

(6) *das alte Radio*
O velho rádio
'o rádio velho'

Portanto, podemos concluir que os termos forte e fraco são úteis para classificação dos substantivos segundo suas declinações, sobretudo para o médio-alto-alemão em diante, inclusive para o alemão moderno. Problemas envolvendo outras propostas de classificação das declinações para o alemão padrão moderno são detalhados em 3.3.

2. O Sistema de casos

A morfologia flexional do alemão padrão moderno resume-se, grosso modo, como tendo quatro casos morfológicos: o nominativo, o acusativo, o dativo e o genitivo. O nominativo é o único que invariavelmente não recebe flexão de caso em se tratando de substantivos (caso reto), enquanto os demais (do caso oblíquo) podem possuir algum marcador morfológico, a depender do número, gênero e classe de declinação a que pertencem.

O acusativo, por exemplo, apresenta morfologia de caso apenas nos substantivos das declinações fraca e mista (na realidade, mistos também são classificados como fracos, vide itens 2.5 e 3.3). Para substantivos masculinos da declinação fraca, o sincretismo é pleno ao longo de todo o paradigma dos casos oblíquos, que recebem um *-en* junto ao radical. O mesmo ocorre com os casos oblíquos de substantivos mistos, exceto no genitivo singular, em que, além do *-en* típico da declinação fraca, recebe o *-s* característico da declinação forte.

Blake observa que:

“O termo caso também é usado para o fenômeno de se ter um sistema de casos, e uma língua com tal sistema é também referida como língua de casos. Nossa definição de caso diz respeito à marcação de substantivos dependentes quanto ao tipo de relação que eles mantêm com seus núcleos. Esta definição obviamente incorpora certas assunções sobre o que é um núcleo e o que é um dependente ou modificador. O verbo é tomado como o núcleo do sintagma, já que determina amplamente quais dependentes deverão estar presentes.” (BLAKE, 2001, p. 1, tradução nossa)³

Blake faz, basicamente, três distinções sobre os casos: há “casos” conforme os conhecemos em diversas línguas, os quais se distinguem uns dos outros num sistema (nominativo, acusativo, dativo, etc.), e os “marcadores de caso”, os quais o realizam morfológicamente. O marcador de caso é um afixo, enquanto “formas de caso” são palavras completas. No alemão, o dativo, além das funções de alvo/recipientes, também é comumente utilizado nas funções de instrumental, ablativo e locativo,

³ Texto original: “the term case is also used for the phenomenon of having a case system and a language with such a system is sometimes referred to as a case language. Our definition of case refers to marking dependent nouns for the type of relationship they bear to their heads. This definition obviously embodies certain assumptions about what is a head and what is a dependent or modifier. The verb is taken to be the head of the clause, since it largely determines what dependents may be present.”

porém, quando expressa estas três últimas, o substantivo é acompanhado de preposição, ou seja, a morfologia do caso dativo no alemão expressa a semântica característica de outros casos abstratos, tais como os mencionados acima. Por esta razão (a de um morfema corresponder a diversos casos), Hentschel e Vogel (2009, p. 250) consideram que o sistema alemão de apenas quatro casos é fictício:

“O atual sistema de quatro casos é, ao menos do ponto de vista flexional-morfológico, em partes, uma ficção: muitas formas representam mais do que um caso” (tradução nossa)⁴

e que

“O processo de redução dos casos é antecedido pelo sincretismo de casos, o sincretismo de diferentes formas em uma única, pela fusão, por exemplo, o sincretismo do locativo, instrumental e ablativo do indo-europeu no ablativo do latim.” (tradução nossa)⁵

A separabilidade dos sufixos de caso nas línguas é variada, sendo que algumas marcam casos com sufixos facilmente isoláveis da raiz, enquanto, em outras, essa separação não pode ser feita da mesma maneira, e.g. o turco e o latim: numa língua aglutinante, como o turco, há relação de um morfema para uma função, como nos exemplos abaixo, de Calabrese (1996, p. 77-83):

(7) *elma-lar-ı*
maçã-PL-ACUS.’
maças

em que número (plural) e caso (acusativo) são realizados por morfemas distintos (*-lar* e *-ı*, respectivamente), enquanto uma língua do tipo flexional, como o latim, semânticas diferentes, tais como tempo, gênero, papel temático, etc., não necessariamente são expressas por múltiplos morfemas isoláveis uns dos outros, pois

⁴ Texto original: “Auch das heutige Vier-Kasussystem ist, wenigstens flexionsmorphologisch, zum Teil eine Fiktion: Viele Formen vertreten mehr als einen Kasus.”

⁵ Texto original: “Dem Prozess des Kasusabbaus geht Kasussynkretismus, die Verschmelzung bzw. der Zusammenfall verschiedener Kasusformen in einer voraus, so z. B. der Zusammenfall von indogermanischem Lokativ, Instrumental und Ablativ im Lateinischen Ablativ.”

um único morfema pode ser expoente de número e caso, sintetizando-os como, por exemplo,

- (8) *frūct-u-um*
fruto-TEMA-[GEN.PL]
'dos frutos'

substantivo latino da quarta declinação, em que o plural e o caso genitivo são realizados pelo único morfema *-um*.

Em virtude dessa polissemia morfêmica, é plausível analisar morfemas, inclusive no alemão, não apenas por sua forma, senão também pelas significações de que são expoentes.

2.1 Funções e significados dos casos

Fillmore (1968) formulou uma lista baseada nos rótulos tradicionais de casos, e, mais tarde (FILLMORE, 1971), ampliou essa relação para oito. As novas designações são fundamentadas em universais de relações semânticas, portanto casos de estrutura profunda, compreendendo agente, experienciador, instrumento, objeto, fonte, objetivo, lugar e tempo. Blake (2001, p. 67-70) amplia essa lista de acordo com os papéis semânticos discutidos na literatura. Entretanto, os critérios de classificação são objeto de discussão. Há também uma especialização dos termos usados por Fillmore compreendendo 14 papéis: os de paciente, agente, instrumento, experienciador, localização, fonte, trajeto, destino, recipiente, propósito, beneficiário, maneira, extensão e possuidor. Essa distinção é relevante também em termos de comparação entre línguas, haja vista que, não havendo simetria no sistema de casos no que diz respeito aos seus marcadores, é possível verificar como as línguas os codificam com os mesmos expoentes morfológicos, como quando ocorre sincretismo, e também quais casos tendem a se amalgamar no desenvolvimento das línguas.

2.2 Caso no alemão

No alemão, a função sintático-semântica das palavras é reconhecível pela ordem em que se distribuem na frase ou por meio de marcadores morfológicos. Em situações de anteposição do objeto ao sujeito em orações ativas, por exemplo, o papel sintático de cada sintagma nominal (SN) pode ficar evidente por meio das marcas de caso, embora seja possível identificá-lo fora da ordem canônica, indubitavelmente, apenas quando ao menos um dos SNs é masculino singular, não ocorrendo o mesmo com neutros, femininos e plurais. Neste caso, a ordem sintática é determinante. Em

- (9) *[den Mann]*_{ACUS.} *beißt* *[der Hund]*_{NOM.}
 [o homem]_{OBJ.} morde[o cachorro]_{SUJ.}
 ‘o cachorro morde o homem’

conhecemos os papéis temáticos de cada SN mesmo que ambos estejam fora da ordem canônica e pertençam à mesma classe, número e gênero, pois o determinante declinado indica essa informação: *der*, ‘o’, (masc., sing., nom.) vs. *den*, ‘o’, (masc., sing., acus.). Se os sintagmas em questão fossem femininos, neutros ou plurais, somente a ordem das palavras poderia determinar os papéis temáticos devido ao sincretismo das formas dos determinantes.

Para o que em determinadas línguas, como o inglês, seria necessário o emprego de uma preposição *to* (‘para’, ‘a[*to*]’), como para a expressão de recipiente em

- (10) *she gave the apple to the elephant*
 ela deu a maçã para o elefante
 ‘ela deu a maçã ao elefante’,

no alemão é possível empregar a forma *dem*_{DAT.}, ‘ao’, artigo determinado declinado no dativo que expressa função sintática, número e gênero em uma forma sintética, como na sentença de mesmo sentido

- (11) *Sie hat den Apfel dem Elefanten gegeben*
 Ela AUX. a maçã ODAT. elefante deuPART.
 ‘Ela deu a maçã ao elefante’.

Ademais, um caso morfológico não prototípico pode ser expoente da função de outros casos abstratos, por exemplo, o dativo empregado com preposições do tipo *mit*, ‘com’, instrumental em seu sentido abstrato, e o genitivo empregado com função de partitivo, como em *die Hälfte [des Geldes]*GEN., ‘a metade do dinheiro’.

2.2.1 Função dos casos no alemão: colapso dos casos do indo-europeu⁶

O indo-europeu possuía nove casos possíveis, a saber, instrumental, ablativo, locativo, diretivo⁷, vocativo, além dos quatro existentes também no alemão, nominativo, dativo, acusativo e genitivo. No antigo-alto-alemão, o instrumental manteve-se parcialmente preservado, desaparecendo em estágio posterior da língua. O próprio instrumental, o locativo e o ablativo são, mormente, expressos no alemão moderno pelo dativo, porém, não sem a obrigatoriedade da correspondente preposição junto ao SN, sendo que, mais raramente, a função de ablativo pode ser expressa pelo caso genitivo por meio de verbos que exprimem ausência ou subtração de algo, como em

- (12) *einer Sache ermangeln*
 umaGEN. coisa carecer
 ‘carecer de alguma coisa’

⁶ A discussão dos casos nesta seção é baseada em Hentschel e Vogel (2009, p. 194-202).

⁷ O caso diretivo é controverso. Refere-se, sobretudo, ao hitita, no qual só aparecia no singular junto de substantivos inanimados e serve para indicação geral da noção do ‘aonde’: “Uma dupla função semelhante da designação [combinação de local e direção] é encontrada ocasionalmente também no caso alativo: este conceito é frequentemente usado no lugar do termo “diretivo” para um caso geral de direção e passa a significar não apenas o caso mais preciso do ‘daqui até algo’, para o qual ele está dentro de um sistema, como mostrado acima.” (HENTSCHEL; VOGEL, 2009, p. 193-195)

2.2.1.1 Nominativo

Em alemão, o nominativo corresponde, grosso modo, ao caso do sujeito tanto como argumento de um verbo intransitivo, quanto de um transitivo. O nominativo também é empregado como caso no predicativo ocorrendo com verbos copulativos, como no exemplo (14), do alemão padrão moderno, embora haja concorrência não padrão do acusativo, como na região sul da Alemanha, tal qual em (13):

(13) *wenn ich dich*_{ACUS.} *Wäre*
se eu você fosse
'se eu fosse você'

(14) *wenn ich du*_{NOM.} *wäre*
se eu você fosse
'se eu fosse você'

Também assume a função do partitivo sintético outrora realizado por orações como

(15) *ein Glas Weines*_{GEN.}
um copo vinho
'um copo de(do) vinho',

então expresso pelo genitivo, que atualmente é agramatical (HENTSCHEL; VOGEL, 1993, p. 321), passando a ser realizado no nominativo, como

(16) *ein Glas Wein*_{NOM.}
um copo vinho
'um copo de(do) vinho'

além do fato de o substantivo *Wein* passar a ter forma invariável também em outros contextos, como em

(17) *Der Preis [eines Glases]*_{GEN.} *Wein*_{NOM.}

O preço [um copo]_{GEN.} vinho_{NOM.}
 'O preço de um copo de vinho'.

2.2.1.2 Acusativo

A função prototípica do acusativo no alemão é de paciente ou objeto direto de um verbo transitivo. No alemão padrão, pode, entretanto, ocorrer de forma duplicada junto de verbos como *kosten* 'custar', por exemplo, em

(18) *das hat mich*_{ACUS.} *[einen Urlaubstag]*_{ACUS.} *gekostet*
 Isso AUX. me um dia de férias custar_{PART.}
 'isso me custou um dia de férias'

ou *lehren* 'ensinar', o que ocasiona concorrência do dativo em variedades coloquiais, que, frequentemente, expressa a qualidade de beneficiário, como discutido anteriormente, exemplificado nas formas não padrão e padrão, respectivamente, em (19) e (20):

(19) *Sie lehrt mir*_{DAT.} *Statistik*_{ACUS.}
 Ela ensina eu_{DAT.} estatística
 'ela me ensina estatística'

(20) *Sie lehrt mich*_{ACUS.} *Statistik*_{ACUS.}
 Ela ensina eu_{ACUS.} estatística
 'Ela me ensina estatística'

Em alguns casos, o acusativo pode expressar uma função predicativa, normalmente assumida, conforme visto em 2.2.1.1 acima, pelo nominativo. Esse tipo é chamado de **acusativo predicativo**, o que se exemplifica pelo verbo *nennen*, 'chamar', em

(21) *sie nannte ihn*_{ACUS.} *[einen Angeber]*_{ACUS.}
 ela chamou ele_{ACUS.} [um fanfarrão]
 'ela o chamou de fanfarrão'

ou mesmo com adjetivos do tipo *schuldig*, ‘culpado’, em

- (22) *ich bin dir*_{DAT.} *[eine Erklärung]*_{ACUS.} *schuldig*
Eu sou você_{DAT.} [uma explicação] devido
‘eu lhe devo uma explicação’

O acusativo também é usado com o sentido de direção, quando acompanhado de certas preposições, bem como para extensões espaciais e temporais, quando é empregado o chamado **acusativo livre** na forma de um adjunto adverbial de lugar ou tempo, como

- (23) *[den ganzen Weg]*_{ACUS.} *nach Hause*
[o todo caminho] para casa
‘(por)todo o caminho para casa’.

2.2.1.3 Dativo

Dativo é o caso do objeto indireto que caracteriza o recipiente ou beneficiário, assim como experienciador da ação expressa pelo verbo. Prototipicamente, pode ser representado pelos verbos bitransitivos, como *geben*, ‘dar’, *senden*, ‘enviar’, etc. Da mesma forma, o dativo é empregado na função do que também é conhecido por **sujeito psicológico** em construções do tipo

- (24) *mir*_{DAT.} *ist langweilig*
*eu*_{DAT.} *está tedioso*
‘estou entediado’

Assim como o acusativo e o nominativo, o dativo pode ocorrer com certos adjetivos predicativos como

- (25) *das ist mir*_{DAT.} *bewusst*
Isto é *eu*_{DAT.} sabido

‘estou ciente’

Ocorrendo junto de preposições, o dativo assumiu o que era de função do locativo, do ablativo e do instrumental, como, por exemplo, em [*im Haus*]_{DAT.}, ‘na casa’, *aus [dem Haus]*_{DAT.}, ‘(a partir) da casa’ e *mit [der Axt]*_{DAT.}, ‘com o machado’, respectivamente. Demais empregos do dativo incluem: os *dativus commodi* e *incommodi*, que descrevem vantagem ou desvantagem relativa à pessoa ou objeto; o *dativus possessivus* é exemplificado em

- (26) *er starrte ihr*_{DAT.} *die ganze Zeit auf den Busen*
ele olhou el_{DAT.} o todo tempo sobre o peito
‘ele olhou para o peito dela o tempo todo’,

o *dativus iudicantis*, usado com referência à pessoa que há de julgar algo, como

- (27) *ist dir*_{DAT.} *das interessant?*
é você_{DAT.} isto interessante
‘você acha isso interessante?’;

e, por fim, o *dativus ethicus*, que descreve o envolvimento emocional de alguém na situação

- (28) *Komm mir*_{DAT.} *bloß nicht wieder so spät nach Hause!*
Venha eu_{DAT.} só não novamente tão tarde para casa
‘Não me volte novamente tão tarde para casa!’

2.2.1.4 Genitivo

Primariamente, o genitivo é o caso do atributo nominal. Semanticamente, tem como funções básicas as noções de posse e de partitividade, além de exprimir as relações das partes para com o todo. Diacronicamente falando, o genitivo em sua forma morfológica no alemão ocorria de maneira mais frequente tanto por coexistir com uma forma semanticamente próxima e concorrente, como o partitivo em [*des Brotes*]_{GEN.}

nehmen, ‘pegar do pão’, com mesmo sentido, porém no dativo, como em *von [dem Brot]DAT. nehmen*, ou mesmo o acusativo (*BrotACUS. nehmen*, ‘pegar pão’).

2.3 A diacronia do paradigma flexional de substantivos do alemão

Para discussão da diacronia do paradigma flexional dos substantivos do alemão desde estágios anteriores, baseamo-nos nas obras de Hennings (2012), Credner (1908), Ellis (1953), Schade (1884), Braune e Reiffenstein (2004), Wright (1966) e Hentschel (2009). O paradigma da flexão da base, ou raiz, se mantém com os atuais quatro casos morfológicos desde o médio-alto-alemão, uma vez que no antigo-alto-alemão havia formas particulares para um caso locativo e um instrumental. Nos manuais do médio-alto-alemão, os substantivos são classificados de acordo com gênero, bem como com a classe de declinação, i.e., com base na flexão nominal no primitivo germânico, em que a classificação é feita conforme o som final da raiz. Tal classificação é detalhada a seguir, onde se demonstra que a prática de divisão em classes era feita basicamente de duas maneiras: pelos gêneros ou por meio das terminações do radical dos substantivos propriamente ditas. O que ambas as classificações compartilham é o modo de distinção entre substantivos fortes e fracos, o que nos remonta às práticas classificatórias adotadas para o germânico. As classificações a seguir nos permitem observar tanto os critérios adotados de acordo com gênero quanto o desenvolvimento das flexões, bem como das raízes propriamente ditas. Aqui seguimos a ordem proposta por Credner (1908, p. 119-133)⁸, cuja classificação se dá com base no indo-europeu, apenas para esclarecer sua origem, bem como frisar diferenças entre os dois estágios de desenvolvimento da língua em sua passagem para o germânico. As formas do gótico, cuja origem está no grupo germânico oriental, são apresentadas somente para deixar mais claros os critérios de classificação, que vão se tornando opacos no decorrer do

⁸ Para simplificação, foram omitidas as formas do vocativo, que mormente coincidiam com o nominativo no gótico e no antigo-alto-alemão, mas também com o acusativo em alguns tipos de declinação. Da mesma forma, foi omitida a declinação no caso instrumental, que, quando existia no singular do gótico, coincidia com o dativo. De acordo com Ellis (1953, p. 27), o instrumental no singular do antigo-alto-alemão era igual ao dativo na maioria dos casos, enquanto no plural todas as formas do dativo e instrumental coincidiam.

desenvolvimento da língua. O antigo-alto-alemão e os demais estágios da língua, inclusive o alemão padrão moderno, derivam do grupo germânico ocidental⁹:

2.3.1 Os masculinos da declinação forte

Nas Tabelas de 2.1 a 2.6 são apresentadas as declinações de substantivos masculinos fortes do antigo-alto-alemão (a.a.a.), nos exemplos do alto-alemão-moderno (a.a.m.) *Tag*, ‘dia’, *Hirt*, ‘pastor’, *Gast*, ‘hóspede’, *See*, ‘mar’, *Sohn*, ‘filho’ e *Mann*, ‘homem’, respectivamente. Também são apresentadas as formas do gótico (gót.) e do médio-alto-alemão (m.a.a.):

Tabela 2.1 Declinação masculina vocálica em -a

		gót.	a.a.a.	m.a.a.	a.a.m.
sing.	Nom.	<i>dag-s</i>	<i>tag</i>	<i>tac</i>	<i>Tag</i>
	Gen.	<i>dag-is</i>	<i>tag-es (-as)</i>	<i>tag-es</i>	<i>Tag-es</i>
	Dat.	<i>dag-a</i>	<i>tag-e (-a)</i>	<i>tag-e</i>	<i>Tag-(e)</i>
	Acus.	<i>dag</i>	<i>tag</i>	<i>tac</i>	<i>Tag</i>
pl.	Nom.	<i>dag-ô-s</i>	<i>tag-â (-a)</i>	<i>tag-e</i>	<i>Tag-e</i>
	Voc.	<i>dag-ô-s</i>	<i>tag-â (-a)</i>	<i>tag-e</i>	<i>Tag-e</i>
	Gen.	<i>dag-ê</i>	<i>tag-o</i>	<i>tag-e</i>	<i>Tag-e</i>
	Dat.	<i>dag-am</i>	<i>tag-um (-om, -un, -on)</i>	<i>tag-en</i>	<i>Tag-en</i>
	Acus.	<i>dag-ans</i>	<i>tag-â</i>	<i>tag-e</i>	<i>Tag-e</i>

⁹ As classes de declinação como aqui apresentadas com base no I.E. se mostram parcialmente opacas, haja vista terem ocorrido mudanças fonéticas consideráveis do I.E. para o germânico: I.E. */o/ > Germ. */a/ e I.E. */â/ > Germ. */ô/ (O sinal * está para som reconstituído, vide nota de rodapé 14). Substantivos do I.E. cujas vogais temáticas componentes do sufixo formador da raiz (*Stammbildendes Suffix*) que orientam as classificações das classes de declinação têm sua vogal correspondente no germânico identificável pela forma do dativo plural. Distinguem-se no Germânico as declinações *a-*, *ô-*, *i-* e *u-*. No gótico ainda podemos ver claramente a vogal temática, obviamente nas declinações vocálicas, na forma do dativo plural, assim, reconhecemos as vogais como em *dag-a-m*, *gib-ô-m*, *anst-i-m*, *sun-u-m*, etc. (HENNING, 2012, p. 134)

Tabela 2.2 Declinação masculina vocálica em -já

		gót.	a.a.a.	m.a.a.	a.a.m.
sing.	Nom.	<i>haírd-eis</i>	<i>hirt-i</i>	<i>hirt-e</i>	<i>Hirt</i>
	Gen.	<i>haírd-eis</i>	<i>hirt-es</i>	<i>hirt-es</i>	<i>Hirt-en</i>
	Dat.	<i>haírd-ja</i>	<i>hirt-e</i>	<i>hirt-e</i>	<i>Hirt-en</i>
	Acus.	<i>haírd-i</i>	<i>hirt-i</i>	<i>hirt-e</i>	<i>Hirt-en</i>
pl.	Nom.	<i>haírd-jôs</i>	<i>hirt-e (-â)</i>	<i>hirt-e</i>	<i>Hirt-en</i>
	Gen.	<i>haírd-jê</i>	<i>hirt-eo (-o)</i>	<i>hirt-e</i>	<i>Hirt-en</i>
	Dat.	<i>haírd-jam</i>	<i>hirt-im (-um)</i>	<i>hirt-en</i>	<i>Hirt-en</i>
	Acus.	<i>haírd-jans</i>	<i>hirt-e (-a)</i>	<i>hirt-e</i>	<i>Hirt-en</i>

Tabela 2.3 Declinação masculina vocálica em -wâ

		gót.	a.a.a.	m.a.a.	a.a.m.
sing.	Nom.	<i>saiw-s</i>	<i>sêo</i>	<i>sê</i>	<i>See</i>
	Gen.	<i>saiw-is</i>	<i>sêw-es</i>	<i>sêw-es</i>	<i>See-s</i>
	Dat.	<i>saiw-a</i>	<i>sêw-e</i>	<i>sêw-e</i>	<i>See</i>
	Acus.	<i>saiw</i>	<i>sêo</i>	<i>sê</i>	<i>See</i>
pl.	Nom.	<i>saiw-ôs</i>	<i>sêw-a</i>	<i>sêw-e</i>	<i>See-n</i>
	Gen.	<i>saiw-ê</i>	<i>sêw-o</i>	<i>sêw-e</i>	<i>See-n</i>
	Dat.	<i>saiw-am</i>	<i>sêw-um</i>	<i>sêw-en</i>	<i>See-n</i>
	Acus.	<i>saiw-ans</i>	<i>sêw-a</i>	<i>sêw-e</i>	<i>See-n</i>

Tabela 2.4 Declinação masculina vocálica em -i

		gót.	a.a.a.	m.a.a.	a.a.m.
sing.	Nom.	<i>gast-s</i>	<i>gast</i>	<i>gast</i>	<i>Gast</i>
	Gen.	<i>gast-is</i>	<i>gast-es</i>	<i>gast-es</i>	<i>Gast-es</i>
	Dat.	<i>gast-a</i>	<i>gast-e</i>	<i>gast-e</i>	<i>Gast(-e)</i>
	Acus.	<i>gast</i>	<i>gast</i>	<i>gast</i>	<i>Gast</i>
pl.	Nom.	<i>gast-eis</i>	<i>gest-i</i>	<i>gest-e</i>	<i>Gäst-e</i>
	Gen.	<i>gast-ê</i>	<i>gest-eo (-o)</i>	<i>gest-e</i>	<i>Gäst-e</i>
	Dat.	<i>gast-im</i>	<i>gest-im (-in)</i>	<i>gest-en</i>	<i>Gäst-en</i>
	Acus.	<i>gast-ins</i>	<i>gest-i</i>	<i>gest-e</i>	<i>Gäst-e</i>

Tabela 2.5 Declinação masculina vocálica em -u

		gót.	a.a.a.	m.a.a.	a.a.m.
sing.	Nom.	<i>sun-us</i>	<i>sun-u (-o)</i>	<i>sun</i>	<i>Sohn</i>
	Gen.	<i>sun-aus</i>	<i>sun-ô (-es)</i>	<i>sun-es</i>	<i>Sohn-es</i>
	Dat.	<i>sun-au</i>	<i>sun-iu (-i, -e)</i>	<i>sun-e</i>	<i>Sohn(-e)</i>
	Acus.	<i>sun-u</i>	<i>sun-u (-o)</i>	<i>sun</i>	<i>Sohn</i>
pl.	Nom.	<i>sun-jus</i>	<i>sun-i</i>	<i>sün-e</i>	<i>Söhn-e</i>
	Gen.	<i>sun-iwê</i>	<i>sun-eo (-o)</i>	<i>sün-e</i>	<i>Söhn-e</i>
	Dat.	<i>sun-um</i>	<i>sun-im (-in)</i>	<i>sün-en</i>	<i>Söhn-en</i>
	Acus.	<i>sun-uns</i>	<i>sun-i</i>	<i>sün-e</i>	<i>Söhn-e</i>

Tabela 2.6 Declinação masculina consonântica

		gót.	a.a.a.	m.a.a.	a.a.m.
sing.	Nom.	<i>mann-a</i>	<i>man</i>	<i>man</i>	<i>Mann</i>
	Gen.	<i>man-s</i>	<i>man (mann-es)</i>	<i>man (mann-es)</i>	<i>Mann-es</i>
	Dat.	<i>mann</i>	<i>man (mann-e)</i>	<i>man (mann-e)</i>	<i>Mann-e (Mann)</i>
	Acus.	<i>mann-an</i>	<i>man</i>	<i>man</i>	<i>Mann</i>
pl.	Nom.	<i>man-s (mann-ans)</i>	<i>man</i>	<i>man (mann-e)</i>	<i>Männ-er (Mann-en)</i>
	Gen.	<i>mann-ê</i>	<i>mann-o</i>	<i>manne (man)</i>	<i>Männ-er (Mann-en)</i>
	Dat.	<i>mann-am</i>	<i>mann-um (-un)</i>	<i>mannen (man)</i>	<i>Männ-ern (Mann-en)</i>
	Acus.	<i>man-s (mann-ans)</i>	<i>man</i>	<i>man (mann-e)</i>	<i>Männ-er (Mann-en)</i>

2.3.2 Os neutros da declinação forte

Observe-se:

Tabela 2.7 Declinação neutra vocálica em -a

		gót.	a.a.a.	m.a.a.	a.a.m.
sing.	Nom.	<i>waúrd</i>	<i>wort</i>	<i>wort</i>	<i>Wort</i>
	Gen.	<i>waúrd-is</i>	<i>wort-es (-is, as)</i>	<i>wort-es</i>	<i>Wort-es</i>
	Dat.	<i>waúrd-a</i>	<i>wort-e (-a)</i>	<i>wort-e</i>	<i>Wort-e</i>
	Acus.	<i>waúrd</i>	<i>wort</i>	<i>wort</i>	<i>Wort</i>
pl.	Nom.	<i>waúrd-a</i>	<i>wort</i>	<i>wort</i>	<i>Wort-e, Wört-er</i>
	Gen.	<i>waúrd-ê</i>	<i>wort-o</i>	<i>wort-e</i>	<i>Wort-e, Wört-er</i>
	Dat.	<i>waúrd-am</i>	<i>wort-um (-om, -un, -on)</i>	<i>wort-en</i>	<i>Wort-en, Wört-ern</i>
	Acus.	<i>waúrd-a</i>	<i>wort</i>	<i>wort</i>	<i>Wort-e, Wört-er</i>

Nas Tabelas de 2.7 a 2.10 são apresentadas as declinações de substantivos neutros fortes, nos exemplos de *Wort*, ‘palavra’, *Netz*, ‘rede’ e *Knie*, ‘joelho’, do alto-alemão-moderno, e *ƿaīhu*, ‘pecúnia’, do gótico, respectivamente.

Tabela 2.8 Declinação neutra vocálica em -jâ

		gót.	a.a.a.	m.a.a.	a.a.m.
sing.	Nom.	<i>nat-i</i>	<i>nezz-i</i>	<i>netz-e</i>	<i>Netz</i>
	Gen.	<i>nat-jis</i>	<i>nezz-es</i>	<i>netz-es</i>	<i>Netz-es</i>
	Dat.	<i>nat-ja</i>	<i>nezz-e</i>	<i>netz-e</i>	<i>Netz(-e)</i>
	Acus.	<i>nat-i</i>	<i>nezz-i</i>	<i>netz-e</i>	<i>Netz</i>
pl.	Nom.	<i>nat-ja</i>	<i>nezz-i</i>	<i>netz-e</i>	<i>Netz-e</i>
	Gen.	<i>nat-jê</i>	<i>nezz-eo (-io, -o)</i>	<i>netz-e</i>	<i>Netz-e</i>
	Dat.	<i>nat-jam</i>	<i>nezz-im (-in, -um, -un, -on)</i>	<i>netz-en</i>	<i>Netz-en</i>
	Acus.	<i>nat-ja</i>	<i>nezz-i</i>	<i>netz-e</i>	<i>Netz-e</i>

Tabela 2.9 Declinação neutra vocálica em -wâ

		gót.	a.a.a.	m.a.a.	a.a.m.
sing.	Nom.	<i>kniu</i>	<i>kneo</i>	<i>knie</i>	<i>Knie</i>
	Gen.	<i>kniw-is</i>	<i>knëw-es</i>	<i>kniew-es</i>	<i>Knie-s</i>
	Dat.	<i>kniw-a</i>	<i>knëw-e</i>	<i>kniew-e</i>	<i>Knie</i>
	Acus.	<i>kniu</i>	<i>kneo</i>	<i>knie</i>	<i>Knie</i>
pl.	Nom.	<i>kniw-a</i>	<i>kneo</i>	<i>knie</i>	<i>Knie</i>
	Gen.	<i>kniw-ē</i>	<i>knëw-o</i>	<i>kniew-e</i>	<i>Knie</i>
	Dat.	<i>kniw-am</i>	<i>knëw-um</i>	<i>kniew-en</i>	<i>Knie-n</i>
	Acus.	<i>kniw-a</i>	<i>kneo</i>	<i>knie</i>	<i>Knie</i>

Tabela 2.10 Declinação neutra vocálica em -u

		gót.
sing.	Nom.	<i>ƿaīhu</i>
	Gen.	<i>ƿaīháus</i>
	Dat.	<i>ƿaīháu</i>
	Acus.	<i>ƿaīhu</i>
pl.	Nom.	-
	Gen.	-
	Dat.	-
	Acus.	-

2.3.3 Os femininos da declinação forte

Nas Tabelas de 2.11 a 2.16 são apresentadas as declinações de substantivos femininos fortes, nos exemplos de *Gabe*, ‘dom’, *Sippe*, ‘clã’, do alto-alemão-moderno, *ʦelde*, ‘casa’, do médio-alto-alemão, *Kraft*, ‘força’, *Hand*, ‘mão’, e *Nacht*, ‘noite’, também do alto-alemão-moderno, respectivamente:

Tabela 2.11 Declinação feminina vocálica em -ô

		gót.	a.a.a.	m.a.a.	a.a.m.
sing.	Nom.	<i>gib-a</i>	<i>gëba</i>	<i>gëbe</i>	<i>Gabe</i>
	Gen.	<i>gib-ōs</i>	<i>gëba (-u, -o)</i>	<i>gëbe</i>	<i>Gabe</i>
	Dat.	<i>gib-ai</i>	<i>gëb-u, (-o)</i>	<i>gëbe</i>	<i>Gabe</i>
	Acus.	<i>gib-a</i>	<i>gëb-a</i>	<i>gëbe</i>	<i>Gabe</i>
pl.	Nom.	<i>gib-ōs</i>	<i>gëb-ā</i>	<i>gëbe</i>	<i>Gabe-n</i>
	Gen.	<i>gib-ō</i>	<i>gëb-ōno</i>	<i>gëbe-n</i>	<i>Gabe-n</i>
	Dat.	<i>gib-ōm</i>	<i>gëb-ōm, (-ōn, -on)</i>	<i>gëbe-n</i>	<i>Gabe-n</i>
	Acus.	<i>gib-ōs</i>	<i>gëb-ā</i>	<i>gëbe</i>	<i>Gabe-n</i>

Tabela 2.12 Declinação feminina vocálica em -jô

		gót.	a.a.a.	m.a.a.	a.a.m.
sing.	Nom.	<i>sipp-ja</i>	<i>sipp-a</i>	<i>sipp</i>	<i>Sippe</i>
	Gen.	<i>sipp-jâ</i>	<i>sipp-â, -ô</i>	<i>sipp</i>	<i>Sippe</i>
	Dat.	<i>sipp-ju</i>	<i>sipp-u, -o</i>	<i>sipp</i>	<i>Sippe</i>
	Acus.	<i>sipp-ja</i>	<i>sipp-a</i>	<i>sipp</i>	<i>Sippe</i>
pl.	Nom.	<i>sipp-jâ</i>	<i>sipp-â, -ô</i>	<i>sipp</i>	<i>Sippe-n</i>
	Gen.	<i>sipp-jônô</i>	<i>sipp-ônô</i>	<i>sipp-en</i>	<i>Sippe-n</i>
	Dat.	<i>sipp-jôm</i>	<i>sipp-ôm</i>	<i>sipp-en</i>	<i>Sippe-n</i>
	Acus.	<i>sipp-jâ</i>	<i>sipp-â, -ô</i>	<i>sipp</i>	<i>Sippe-n</i>

Tabela 2.13 Declinação feminina vocálica em -wô

		gót.	a.a.a.	m.a.a.
sing.	Nom.	<i>salip-wa</i>	<i>salid-a</i>	<i>selde</i>
	Gen.	<i>salip-wôs</i>	<i>salid-â, -ô</i>	<i>selde</i>
	Dat.	<i>salip-wai</i>	<i>salid-u, -o</i>	<i>selde</i>
	Acus.	<i>salip-wa</i>	<i>salid-a</i>	<i>selde</i>
pl.	Nom.	<i>salip-wôs</i>	<i>salid-â, -ô</i>	<i>selde</i>
	Gen.	<i>salip-wô</i>	<i>salid-ônô, -ôn</i>	<i>selde-n</i>
	Dat.	<i>salip-wôm</i>	<i>salid-ôm, -ôn</i>	<i>selde-n</i>
	Acus.	<i>salip-wôs</i>	<i>salid-â, -ô</i>	<i>selde</i>

Tabela 2.14 Declinação feminina vocálica em -i

		a.a.a.	m.a.a.	a.a.m.
sing.	Nom.	<i>kraft</i>	<i>kraft</i>	<i>Kraft</i>
	Gen.	<i>kreft-i</i>	<i>kreft-e (kraft)</i>	<i>Kraft</i>
	Dat.	<i>kreft-i</i>	<i>kreft-e (kraft)</i>	<i>Kraft</i>
	Acus.	<i>kraft</i>	<i>kraft</i>	<i>Kraft</i>
pl.	Nom.	<i>kreft-i</i>	<i>kreft-e</i>	<i>Kräft-e</i>
	Gen.	<i>kreft-eo (-o)</i>	<i>kreft-e</i>	<i>Kräft-e</i>
	Dat.	<i>kreft-im (-in, -on)</i>	<i>kreft-en</i>	<i>Kräft-en</i>
	Acus.	<i>kreft-i</i>	<i>kreft-e</i>	<i>Kräft-e</i>

Tabela 2.15 Declinação feminina vocálica em -u

		gót.	a.a.a.	m.a.a.	a.a.m.
sing.	Nom.	<i>hand-us</i>	<i>hant</i>	<i>hant</i>	<i>Hand</i>
	Gen.	<i>hand-aus</i>	<i>hent-i</i>	<i>hend-e (hant)</i>	<i>Hand</i>
	Dat.	<i>hand-au</i>	<i>hent-i</i>	<i>hend-e (hant)</i>	<i>Hand</i>
	Acus.	<i>hand-u</i>	<i>hant</i>	<i>hant</i>	<i>Hand</i>
pl.	Nom.	<i>hand-jus</i>	<i>hent-i</i>	<i>hend-e</i>	<i>Händ-e</i>
	Gen.	<i>hand-iwê</i>	<i>hent-eo</i>	<i>hend-e</i>	<i>Händ-e</i>
	Dat.	<i>hand-um</i>	<i>hantum (-om, -un, hentim)</i>	<i>hand-en (henden)</i>	<i>Händ-en</i>
	Acus.	<i>hand-uns</i>	<i>hent-i</i>	<i>hend-e</i>	<i>Händ-e</i>

Tabela 2.16 Declinação feminina consonântica

		gót.	a.a.a.	m.a.a.	a.a.m.
sing.	Nom.	<i>naht-s</i>	<i>naht</i>	<i>nacht</i>	<i>Nacht</i>
	Gen.	<i>naht-s</i>	<i>naht (-i, -es)</i>	<i>nacht (-e)</i>	<i>Nacht</i>
	Dat.	<i>naht</i>	<i>naht (-i, -e)</i>	<i>nacht (-e)</i>	<i>Nacht</i>
	Acus.	<i>naht</i>	<i>naht</i>	<i>nacht</i>	<i>Nacht</i>
pl.	Nom.	<i>naht-s</i>	<i>naht</i>	<i>naht (neht-e)</i>	<i>Nächt-e</i>
	Gen.	<i>naht-ê</i>	<i>naht-o</i>	<i>nahte (neht-e)</i>	<i>Nächt-e</i>
	Dat.	<i>naht-am</i>	<i>naht-um (-im)</i>	<i>nahten (neht-en)</i>	<i>Nächt-en</i>
	Acus.	<i>naht-s</i>	<i>naht</i>	<i>naht (neht-e)</i>	<i>Nächt-e</i>

2.3.4 Os masculinos, neutros e femininos da declinação fraca

Nas Tabelas de 2.17 a 2.19 são apresentadas as declinações de substantivos

Tabela 2.17 Declinação masculina fraca

		gót.	a.a.a.	m.a.a.	a.a.m.
sing.	Nom.	<i>aúhs-a</i>	<i>ohs-o</i>	<i>ohse</i>	<i>Ochse</i>
	Gen.	<i>aúhs-ins</i>	<i>ohs-en (-in)</i>	<i>ohse-n</i>	<i>Ochse-n</i>
	Dat.	<i>aúhs-in</i>	<i>ohs-en (-in)</i>	<i>ohse-n</i>	<i>Ochse-n</i>
	Acus.	<i>aúhs-an</i>	<i>ohs-on (-un)</i>	<i>ohse-n</i>	<i>Ochse-n</i>
pl.	Nom.	<i>aúhs-ans</i>	<i>ohs-on (-un)</i>	<i>ohse-n</i>	<i>Ochse-n</i>
	Gen.	<i>aúhs-(a)nê</i>	<i>ohs-ôno</i>	<i>ohse-n</i>	<i>Ochse-n</i>
	Dat.	<i>aúhs-am</i>	<i>ohs-ôm (-ôn)</i>	<i>ohse-n</i>	<i>Ochse-n</i>
	Acus.	<i>aúhs-ans</i>	<i>ohs-on (-un)</i>	<i>ohse-n</i>	<i>Ochse-n</i>

Tabela 2.18 Declinação neutra fraca

		gót.	a.a.a.	m.a.a.	a.a.m.
sing.	Nom.	<i>haírt-ô</i>	<i>herz-a</i>	<i>herze</i>	<i>Herz</i>
	Gen.	<i>haírt-ins</i>	<i>herz-en (-in)</i>	<i>herze-n</i>	<i>Herz-ens</i>
	Dat.	<i>haírt-in</i>	<i>herz-en (-in)</i>	<i>herze-n</i>	<i>Herz-en</i>
	Acus.	<i>haírt-ô</i>	<i>herz-a</i>	<i>herze</i>	<i>Herz</i>
pl.	Nom.	<i>haírt-ôna</i>	<i>herz-un (-on)</i>	<i>herze-n</i>	<i>Herz-en</i>
	Gen.	<i>haírt-anê</i>	<i>herz-ôno</i>	<i>herze-n</i>	<i>Herz-en</i>
	Dat.	<i>haírt-am</i>	<i>herz-ôm (-on)</i>	<i>herze-n</i>	<i>Herz-en</i>
	Acus.	<i>haírt-ôna</i>	<i>herz-un (-on)</i>	<i>herze-n</i>	<i>Herz-en</i>

masculinos, neutros e femininos fracos, nos exemplos de *Ochse*, ‘boi’, *Herz*, ‘coração’, e *Zunge*, ‘língua’, do alto-alemão-moderno, respectivamente.

Tabela 2.19 Declinação feminina fraca

		gót.	a.a.a.	m.a.a.	a.a.m.
sing.	Nom.	<i>tugg-ô</i>	<i>zung-a</i>	<i>zunge</i>	<i>Zunge</i>
	Gen.	<i>tugg-ôns</i>	<i>zung-ûn</i>	<i>zunge-n</i>	<i>Zunge</i>
	Dat.	<i>tugg-ôn</i>	<i>zung-ûn</i>	<i>zunge-n</i>	<i>Zunge</i>
	Acus.	<i>tugg-ôn</i>	<i>zung-ûn</i>	<i>zunge-n</i>	<i>Zunge</i>
pl.	Nom.	<i>tugg-ôns</i>	<i>zung-ûn</i>	<i>zunge-n</i>	<i>Zunge-n</i>
	Gen.	<i>tugg-ônô</i>	<i>zung-ôno</i>	<i>zunge-n</i>	<i>Zunge-n</i>
	Dat.	<i>tugg-ôm</i>	<i>zung-ôm(-ôn)</i>	<i>zunge-n</i>	<i>Zunge-n</i>
	Acus.	<i>tugg-ôns</i>	<i>zung-ûn</i>	<i>zunge-n</i>	<i>Zunge-n</i>

Uma forma alternativa de classificação priorizaria o critério baseado no radical, portanto, podendo abarcar substantivos de diferentes gêneros, conforme Weinhold e Ehrismann (1930, p. 87-108), e, assim, teríamos: a declinação em *-a* (inclusive as em *-ja* e *-wa*), compreendendo apenas substantivos masculinos e neutros, a declinação em *-o* (inclusive *-jo* e *-wo*), contendo apenas femininos, a declinação em *-i*, que conta com masculinos e femininos, e as declinações em *-u*, a fraca, ou em *-n*, e outras consonânticas menores, constituídas de substantivos de todos os gêneros¹⁰.

2.4 O dativo em *-e* nos contextos social e histórico

Quanto ao sistema de casos, mais especificamente ao dativo em *-e*, atuaram em favor de sua relativa estabilidade até fins do século XIX alguns fatores externos, como o princípio do “Fala como escreves”, e demais esforços para total concordância entre a fala e a escrita (VEITH, 2000). Há casos atestados na língua alemã de influência da escrita sobre a fala: a prática de distinguir na ortografia palavras homófonas, como com a grafia das vogais “e” e “ä”, fez surgir na língua falada uma diferença até então inexistente em determinadas regiões, e a consequente distinção entre uma vogal

¹⁰ Até o médio-alto-alemão, é adotada tal classificação para os substantivos de acordo com a classe de declinação, porém, conforme o enfraquecimento das vogais átonas paulatinamente ocorre e a redução dos contrastes avança, as distinções se tornam opacas. A motivação para a classificação é sincronicamente bastante arbitrária e sua motivação é reconhecível apenas diacronicamente.

anterior média fechada [e] e uma anterior média aberta [ɛ], respectivamente. Siebs (1912, p.39-43), em sua obra *Deutsche Bühnenaussprache*, sobre a pronúncia da língua alemã dos palcos, descreve como ocorrem tais influências. Assim, temos *Ehre*, ‘honra’, e *Ähre*, ‘espiga’, *Reeder*, ‘armador’, e *Räder*, ‘rodas’, *Gewehr*, ‘arma’, e *Gewähr*, ‘garantia’ (POLENZ, 1970). Antes de vir a ser considerado como de uso facultativo, ou mesmo arcaizante, o dativo em -e era visto como norma prescritiva rígida na língua literária desde Johann Christoph Adelung, germanista alemão que no século XVIII sugeria que

“O -e nesta declinação é som característico de flexão de caso, razão pela qual também nunca deveria ser suplantado no genitivo e dativo em palavras propriamente alemãs, como ocorre frequentemente na interação social, *Baums*, *Arms*, *Oheims*, *Wohls*, *Aufschubs*, *Abends*, pelos corretos *Baumes*, *Armes*, *Oheimes*, *Wohles*, *Aufschubes*, *Abendes* [...]”¹¹ (ADELUNG 1781, p. 138-139).

Como se pode observar, à época desse ímpeto por normatização e estabilização da terminação, havia clara preocupação quanto ao emprego variável do dativo em -e. Essa é uma típica intervenção externa que logrou certo êxito sobre a língua. Como a regra para o emprego do dativo em -e era válida para a linguagem literária como norma fixa desde Adelung, no final do século XVIII, entrou com bastante vigor na língua escrita do século XIX. No alemão padrão contemporâneo, a terminação -e como caso morfológico de substantivos masculinos e neutros no singular da declinação forte é vista apenas como facultativa.

2.5 Características do dativo em -e

As Tabelas 2.20 e 2.21, abaixo, com dados de Hennings (2012), mostram os paradigmas completos dos substantivos do médio-alto-alemão *tac* (alemão padrão moderno '*Tag*', ‘dia’), *hirte* ('*Hirte*', ‘pastor’), †*künne* ('gênero'), *sê* ('*See*', ‘mar’), *knie* ('*Knie*', ‘joelho’), *gast* ('*Gast*', ‘hóspede’), *kraft* ('*Kraft*', ‘força’), e *vrist* ('*Frist*', ‘prazo’).

¹¹ Texto original: “Das e ist in dieser Declination ein charakteristischer Biegungstlaut, daher es auch in eigentlich Deutschen Wörtern im Genitiv und Dativ nie verbissen werden sollte, ob es gleich im gesellschaftlichen Umgange häufig geschieht, *Baums*, *Arms*, *Oheims*, *Wohls* *Aufschubs*, *Abends*, für die richtigen *Baumes*, *Armes*, *Oheimes*, *Wohles*, *Aufschubes*, *Abendes* [...]”

Tabela 2.20 Declinação de substantivos fortes
do médio-alto-alemão por vogal temática

		Declinação em -a		Declinação em -ja		Declinação em -wa	
Sing.	Nom.	<i>tac</i>	<i>wort</i>	<i>hirt-e</i>	<i>künne</i>	<i>sê</i>	<i>knie</i>
	Gen.	<i>tag-es</i>	<i>wort-es</i>	<i>hirt-es</i>	<i>künne-s</i>	<i>sêw-es</i>	<i>knie(-we)s</i>
	Dat.	<i>tag-e</i>	<i>wort-e</i>	<i>hirt-e</i>	<i>künne</i>	<i>sêw-e</i>	<i>knie(-we)</i>
	Acus.	<i>tac</i>	<i>wort</i>	<i>hirt-e</i>	<i>künne</i>	<i>sê</i>	<i>knie</i>
Pl.	Nom.	<i>tag-e</i>	<i>wort</i>	<i>hirt-e</i>	<i>künne</i>	<i>sêw-e</i>	<i>knie</i>
	Gen.	<i>tag-e</i>	<i>wort-e</i>	<i>hirt-e</i>	<i>künne</i>	<i>sêw-e</i>	<i>knie(-we)</i>
	Dat.	<i>tag-en</i>	<i>wort-en</i>	<i>hirt-en</i>	<i>künne-n</i>	<i>sêw-en</i>	<i>knie(-we)n</i>
	Acus.	<i>tag-e</i>	<i>wort</i>	<i>hirt-e</i>	<i>künne</i>	<i>sêw-e</i>	<i>knie</i>

Tabela 2.21 Declinação de substantivos fortes
do médio-alto-alemão por gênero

		masc.	fem.	fem.
Sing.	Nom.	<i>gast</i>	<i>kraft</i>	<i>vrist</i>
	Gen.	<i>gast-es</i>	<i>kreft-e/kraft</i>	<i>vrist(-e)</i>
	Dat.	<i>gast-e</i>	<i>kreft-e/kraft</i>	<i>vrist(-e)</i>
	Acus.	<i>gast</i>	<i>kraft</i>	<i>vrist</i>
Pl.	Nom.	<i>gest-e</i>	<i>kreft-e</i>	<i>vrist-e</i>
	Gen.	<i>gest-e</i>	<i>kreft-e</i>	<i>vrist-e</i>
	Dat.	<i>gest-en</i>	<i>kreft-en</i>	<i>vrist-en</i>
	Acus.	<i>gest-e</i>	<i>kreft-e</i>	<i>vrist-e</i>

Tabela 2.22 Declinação de substantivos no alemão padrão moderno

		Tipo S1 do Sing.		Tipo S2 do Sing.	Tipo S3 do Sing.
Sing.	Nom.	<i>Mann</i> Ø	<i>Feld</i> -Ø	<i>Mensch</i> -Ø	<i>Hand</i> -Ø
	Gen.	<i>Mann-es</i>	<i>Feld-es</i>	<i>Mensch-en</i>	<i>Hand</i> -Ø
	Dat.	<i>Mann-e</i>	<i>Feld-e</i>	<i>Mensch-en</i>	<i>Hand</i> -Ø
	Acus.	<i>Mann</i> -Ø	<i>Feld</i> -Ø	<i>Mensch-en</i>	<i>Hand</i> -Ø
Pl.	Nom.	<i>Männer</i>	<i>Felder</i>	<i>Mensch-en</i>	<i>Hände</i> -Ø
	Gen.	<i>Männer</i>	<i>Felder</i>	<i>Mensch-en</i>	<i>Hände</i> -Ø
	Dat.	<i>Männer-n</i>	<i>Felder-n</i>	<i>Mensch-en</i>	<i>Hände-n</i>
	Acus.	<i>Männer</i>	<i>Felder</i>	<i>Mensch-en</i>	<i>Hände</i> Ø

Esses substantivos estão classificados ainda segundo os critérios aplicados ao antigo-alto-alemão e já não eram mais transparentes mesmo no médio-alto-alemão. A Tabela 2.22, do alemão padrão moderno, classifica os substantivos segundo critérios mais transparentes que levam em conta o estágio atual da língua.

Algumas observações¹²:

Como visto em 1.2, substantivos fracos são os que realizam o nominativo plural em *-n* como terminação e, concomitantemente, não admitem *-s* no genitivo singular, enquanto todos os demais substantivos se enquadram na declinação forte. Tal critério permite que classifiquemos como fortes os substantivos dos três gêneros. Diferentemente, um critério como o apresentado em Helbig e Buscha (2001, p. 211-214)¹³, adotado na Tabela 2.22, privilegia exclusivamente formas (morfemas) do singular, o que acaba por classificar todos os substantivos femininos, inclusive os que seriam da declinação forte, por não realizarem o plural em *-n*, como *Kräfte*, ‘forças’, no mesmo Tipo S3 dos que seriam femininos fracos, e.g. *Birnen*, ‘pêras’:

- Tipo S1 com *-s* ou *-es* no genitivo singular (masculinos e neutros): tal como *Mann*, a maioria dos substantivos masculinos e todos os neutros (exceto *Herz*, ‘coração’) seguem o tipo S1;
- Tipo S2 com *-n* ou *-en* nos casos oblíquos e nominativo plural (masculinos): Uma quantidade de masculinos, sobretudo masculinos que denominam seres animados, é do tipo S2, que no caso oblíquo termina em *-(e)n*. Alguns masculinos e o

¹² O *-e* do dativo em substantivos do tipo S1, em que S está para número gramatical “singular”, é empregado aqui por ser nosso foco, porém, dos morfemas empregados, é o único da referida classificação representativo do estágio atual da língua considerado arcaizante. A classificação de tipos é feita conforme Helbig e Buscha (2001). Os negritos, separação de sufixo e radical e adição de sinal de morfema zero [Ø] são nossos.

¹³ Aqui são reproduzidos apenas os critérios, não os mesmos substantivos. Os critérios mencionados são os morfemas *-es* ou *-s* presentes no genitivo singular e a realização do caso oblíquo em *-n* para determinação das declinações dos tipos S1 e S2, respectivamente. Não é mencionado, porém, o caso reto plural também é realizado em *-n* (nominativo). Nada é dito a respeito do tipo S3, porém, fica implícito o fato de que número, gênero e morfemas específicos desempenham papel na classificação: o genitivo singular determina o tipo de declinação (substantivos do tipo S3 realizam genitivo singular em Ø, embora se possa falar em termos de gênero, pois todos os pertencentes ao tipo S3 são femininos).

neutro *Herz* têm, adicionalmente ao *-(e)n* do tipo S2 no genitivo, o *-s* do tipo 1 (declinação mista, por possuir características tanto de fortes quanto de fracos);

- Todos os femininos seguem o tipo S3 e não sofrem flexão em nenhuma forma do singular.

Como se pode observar pela Tabela 2.22, as formas flexionais, quando existentes, não são muito variadas, havendo várias sincréticas, e as classes de declinação podem ser agrupadas em número menor, quando comparadas às de estágios anteriores da língua. Note-se que, quanto à morfologia flexional, somente os substantivos do genitivo singular tanto masculinos quanto neutros e o dativo plural ocorrem, além da declinação fraca com *-en* nos casos oblíquos (i.e., não nominativos):

Mais especificamente, a Tabela 2.23 mostra exemplos apenas de substantivos do tipo S1 (masculinos e neutros fortes) no caso dativo:

Tabela 2.23 Declinação dos substantivos masculinos e neutros fortes no dativo singular

Def./indefinido	Masculinos		Neutros	
Dat. Sing. S1	<i>Weg-(e)</i>	<i>Fall-(e)</i>	<i>Lied-(e)</i>	<i>Feld-(e)</i>
	'caminho'	'caso'	'canção'	'campo'

O dativo em *-e* era o típico morfema de marcação de caso no singular masculino e neutro, embora houvesse diversas restrições, como as mencionadas em 2.5.1, logo abaixo, que supostamente operavam na língua em maior ou menor medida, mesmo no médio-alto-alemão.

2.5.1 A proposta de Pfeffer e Janda para o alemão moderno: Formação de dativo sem *-e*, exceto em expressões idiomáticas

Considerando uma extensa base de dados das línguas falada e escrita, Pfeffer e Janda (1979) complementam uma lista de contextos em que o dativo em *-e* jamais

ocorria e outros em que passou a ser cada vez menos frequente, diferentemente do que era previsto nas gramáticas tradicionais. Por um lado, embora essa lista incluía diversas restrições ao emprego do dativo em -e, como regras fonotáticas que restringem a realização do morfema, por outro, muitas outras regras são baseadas 1) na baixíssima frequência de ocorrências e 2) na inexistência ou na alta frequência de uma quantidade limitada de ocorrências do corpus da língua alemã contemporânea pesquisado.

A terminação de dativo em -e geralmente não é empregada:

(i) - junto de substantivos que terminem em sílabas de acento não primário ou átonas, ou seja, em -el, -em, -en, -er, -chen, -lein, -(l)ing, bem como -ich, -ig, -nis, -sal, -sam, -(t)um e junto de composições nominais com tais substantivos;

Alguns casos esperados sem -e:

Apfel, 'maçã', *Himmel*, 'céu', *Löffel*, 'colher', *Mädel*, 'menina', *Mantel*, 'manto', *Mittel*, 'meio', *Onkel*, 'tio', *Sessel*, 'poltrona', *Vogel*, 'pássaro', *Atem*, 'respiração', *Besen*, 'vassoura';

(ii) - Junto de substantivos terminados em vocóides:

Casos esperados sem -e:

Auge, 'olho', *Ende*, 'fim', *Kaffee*, 'café', *Schnee*, 'neve', *See*, 'mar', *Tee*, 'chá', *Juli*, 'julho', *Bau*, 'construção', *Ei*, 'ovo', *Mai*, 'maio', *Schuh*, 'sapato', etc.;

(iii) - Junto de indicador de medida no dativo.

Casos esperados sem -e:

Mit einem FaßØ Bier, 'com um barril de cerveja', *von ihrem bisschen FleischØ*, 'de sua pouca carne', *bei einem Glas Bier*, 'num copo de cerveja';

(iv) - Junto de palavras estrangeiras, ou seja, de empréstimos de outras línguas que ainda dão impressão de serem estrangeiras, mesmo após o princípio gramatical formal da adequação gráfica, fonética ou flexiva.

Casos esperados sem -e:

Artikel, ‘artigo’, *Atom*, ‘átomo’, *August*, ‘agosto’, *Autor*, ‘autor’, *Doktor*, ‘doutor’, *Element*, ‘elemento’, *Evangelium*, ‘evangelho’, *Experiment*, ‘experimento’, *Faktor*, ‘fator’;

(v) - junto de substantivações por pronomes, partículas, etc.:

von intensivem RotØ, ‘de vermelho intensivo’;

(vi) - junto de designações de línguas:

Einem schlechtem DeutschØ, ‘um alemão ruim’;

(vii) - junto de antropônimos e topônimos:

Von KarlØ, ‘de Karl’, *am RheinØ*, ‘no Reno’;

(viii) - junto de substantivos preposicionados sem artigo, inclusive formas abreviadas de pontos cardeais, isolados e em expressões fixas, ou seja, designações adverbiais de matéria, espécie, tempo, local, entre outros, bem como descrição do solo e junto de grupos de palavras de dois membros ligadas por meio da conjunção *und*, ‘e’, e outras fórmulas, com exceção feita a expressões fixas, como *nach Hause* e *zu Hause*:
Casos esperados sem -e:

An HolzØ, ‘em madeira’, *aus BrauchØ*, ‘de costume’, *aus FleischØ*, ‘de carne’, *aus HolzØ*, ‘de madeira’, *aus SteinØ*, ‘de pedra’, *auf BesuchØ*, ‘de visita’, *auf SonntagØ*, ‘a domingo’, *mit BierØ*, ‘com cerveja’;

(ix) - junto de substantivos com duas ou mais sílabas, inclusive substantivos compostos, além daqueles que terminam em consoante dobrada, bem como em -ch e -ß. (= ss):

Abend, ‘noite’, *Anfang*, ‘começo’, *Beispiel*, ‘exemplo’, *Sonntag*, ‘domingo’, *Unterschied*, ‘diferença’, *Abschluß*, ‘graduação’, etc;

(x) - junto de substantivos com *emp-*, *ent-*, *er-*, *ge-*, *ver-*, *zer-* e vários outros prefixos átonos:

Besuch, ‘visita’, *Gefühl*, ‘sentimento’, *Verkehr*, ‘trânsito’;

(xi) - junto de substantivos que terminem em consoante dobrada após vogal breve do radical, também em *-ck* e *-ß*. (= *ss*), inclusive substantivos compostos:

Schiff, 'barco', *Stamm*, 'raíz', *Bett*, 'cama', *Metall*, 'metal', *Modell*, 'modelo';

Note-se que há diversos fatores que, presumivelmente, restringem ou inibem a realização do dativo em *-e* e desempenham algum papel no controle do emprego da realização morfológica. O apagamento do dativo em *-e*, que sugere ser mais do que um fenômeno fonológico, é, do ponto de vista sincrônico do alemão padrão moderno, a última das perdas morfológicas nos substantivos, embora outras formas do paradigma do alemão padrão moderno já sejam atestadas em exemplos de escrita fortemente normatizada (SAUER, 1997, p. 54). No entanto, o dativo em *-e* era o morfema distintivo de caso empregado, e seu rareamento, sobretudo desde fins do século XIX, deve ter suas possíveis causas investigadas, afinal, a apócope do dativo em *-e* representa mais um importante estágio do desenvolvimento quase milenar do paradigma flexional de substantivos alemães.

3. Revisão bibliográfica

A erosão fonológica é uma clássica explicação para a perda de caso morfológico. O indo-europeu possuía um acento livre, ou seja, a tônica podia recair tanto numa sílaba de flexão quanto na anterior. Na passagem ao estágio germânico, houve uma mudança do acento, constituindo o acento inicial (alemão *Initialakzent*), comumente considerado na literatura como fator determinante para o enfraquecimento das vogais átonas, como discutido por Hennings (2012, p. 45-46) e Meisen (1961), e possivelmente motivado por razões semânticas (POLENZ, 1970). A concentração da energia do acento no germânico teve como consequência o paulatino enfraquecimento das sílabas átonas (*Nebensilbenabschwächung*), termo também usado para fins de periodização da língua alemã. O enfraquecimento pode ser observado no exemplo de Polenz, reproduzido na Tabela 3.1, para o acusativo plural *Tage* (dias), em que a desinência de caso está destacada do radical¹⁴:

Tabela 3.1 Evolução do acusativo plural de *Tag*, ‘dia’

Indo-europeu	gótico	a.a.a.	m.a.a.	a.a.m.
<i>*dhog-ons</i>	<i>dag-ans</i>	<i>tag-a</i>	<i>Tag-e</i>	<i>Tag-e</i>

A redução de categorias flexivas não somente nominais, como também verbais, teria sido compensada por demais meios, como, entre outros, verbos auxiliares, pronomes pessoais e artigos definidos.

A ideia aqui apresentada pauta-se na visão de que o enfraquecimento das sílabas átonas seja um dos principais fatores responsáveis pela redução de categorias flexivas. Em outras palavras, a erosão fonológica teria provocado a indistinção de muitas flexões entre si, que, então, já não podiam mais por si sós expressar o caso

¹⁴ O sinal * é aqui empregado indicando que a forma é reconstituída. Na linguística, o asterisco é utilizado com duas acepções: uma schleicheriana, que significa “forma não atestada nos documentos” e outra consagrada pelo gerativismo, simbolizando “forma agramatical” de acordo com o julgamento de falantes nativos, resultando numa polissemia problemática para os estudos de correntes sincrônicas e diacrônicas (VIARO, 2013). Neste trabalho, na ausência de símbolos mais precisos, o asterisco é utilizado com ambas as acepções, porém o * é utilizado antes de formas não atestadas e, quando agramaticais, após as mesmas.

no substantivo. Por meio da mudança fonológica, que tende a ser redutiva, especialmente nas sílabas átonas, perdem-se as distinções de caso.

Tabela 3.2 Declinação no inglês antigo

		Dem.	Subst.	Dem.	Subst.	Dem.	Subst.	Dem.	Subst.
	Gênero	masc.	masc.	neut.	neut.	fem.	fem.	masc.	masc.
	I.M.	<i>'the'</i>	<i>'stone'</i>	<i>'that'</i>	<i>'ship'</i>	<i>'the'</i>	<i>'tale'</i>	<i>'the'</i>	<i>'name'</i>
sing.	Nom.	<i>se</i>	<i>stān</i>	<i>thcæt</i>	<i>scip</i>	<i>sēo</i>	<i>talū</i>	<i>se</i>	<i>nama</i>
	Acus.	<i>thone</i>	<i>stān</i>	<i>thcæt</i>	<i>scip</i>	<i>thā</i>	<i>tale</i>	<i>thone</i>	<i>naman</i>
	Gen.	<i>thoes</i>	<i>stānes</i>	<i>thoes</i>	<i>scipes</i>	<i>thære</i>	<i>tale</i>	<i>thoes</i>	<i>naman</i>
	Dat.	<i>thæm</i>	<i>stāne</i>	<i>thæm</i>	<i>scipe</i>	<i>thære</i>	<i>tale</i>	<i>thæm</i>	<i>naman</i>
Pl.	Nom.	<i>thā</i>	<i>stānas</i>	<i>thā</i>	<i>scipu</i>	<i>thā</i>	<i>tala</i>	<i>thā</i>	<i>naman</i>
	Acus.	<i>thā</i>	<i>stānas</i>	<i>thā</i>	<i>scipu</i>	<i>thā</i>	<i>tala</i>	<i>thā</i>	<i>naman</i>
	Gen.	<i>thāra</i>	<i>stāna</i>	<i>thāra</i>	<i>scipa</i>	<i>thāra</i>	<i>tala</i>	<i>thāra</i>	<i>namena</i>
	Dat.	<i>thæm</i>	<i>stānum</i>	<i>thæm</i>	<i>scipum</i>	<i>thæm</i>	<i>talum</i>	<i>thæm</i>	<i>namum</i>
		<i>'o(s)'</i>	<i>'pedra'</i>	<i>'aquele(s)'</i>	<i>'navio'</i>	<i>'o(s)'</i>	<i>'rabo'</i>	<i>'a(s)'</i>	<i>'nome'</i>

Compare-se o paradigma de outrora na Tabela 3.1 com o original de Blake (2001), na Tabela 3.2. Blake argumenta que a redução fonológica foi o fator determinante para a perda de caso tanto do inglês quanto das línguas românicas. No inglês, a redução das vogais átonas a schwa e a perda do *-n* teriam levado à desintegração do sistema de casos. Como consequência, teria havido uma série de outras mudanças, tais como o aumento do uso das preposições, fixação da ordem SVO (sujeito-verbo-objeto) e, por tal razão, as distinções se preservaram apenas nos pronomes.

Os fenômenos mencionados como consequência da erosão fonológica ocorreram no alemão e podem ser constatados na língua em seu estágio atual, com exceção feita à ordem das palavras, que se mantém SOV¹⁵.

As hipóteses até aqui mencionadas já haviam sido levantadas por Sapir (1921), que citou “três derivas de maior importância”, as quais remetem à perda de morfologia

¹⁵ Seguimos aqui a classificação do alemão como língua do tipo SOV, embora não seja uma língua estritamente de tal natureza, haja vista que todas as seis combinações são tipologicamente possíveis, ou seja, SVO, OVS, VSO, VOS, OSV, além da já mencionada ordem SOV. Para maiores detalhes, cf, Roelcke (1998, p. 798-815), Haider (2010) e Hopper e Traugott (2008).

de caso e estabilização da ordem das palavras. Essas duas derivas seriam manifestações de uma outra, isto é, da deriva fonética, com origem na mudança de acento na sílaba inicial do germânico e o consequente enfraquecimento das sílabas finais. Sapir sugere não somente que a perda de caso tem como consequência a estabilização da ordem das palavras, como também uma relação causal na direção oposta, ou seja, a fixação da ordem teria contribuído reciprocamente com o enfraquecimento do sistema de casos. Disto se deduz que, quanto mais rígida a ordem das palavras, menor a morfologia de caso da língua. Isto se verifica em uma comparação entre o inglês e o alemão modernos, mas não em uma comparação entre o islandês, que possui rica morfologia e uma ordem mais rígida (SVO) que o holandês, língua SOV que perdeu completamente o sistema de casos, porém, dispondo de uma ordem mais flexível (BARÖDAL, 2009), da mesma forma que o japonês e o chinês.

Além da erosão fonológica, há outra vertente em favor da ideia do papel preponderante da gramaticalização do artigo definido, que no alemão surge como reanálise do pronome demonstrativo no período que marca a passagem do antigo para o médio-alto-alemão. O pronome demonstrativo era utilizado em um contexto mais restrito de uso anafórico com referência familiar pelo contexto, portanto, em (29) e (30), com dados reproduzidos de Philippi (1997), temos:

- (29) *(in anabeginne was uuort) inti thaz uuort uuas mit gote* (a.a.a.)
 (no começo era palavra) e a palavra era com deus
 ‘(no começo era a palavra) e a palavra estava com deus’.

Também pode ser atestado como demonstrativo por meio das traduções da bíblia, em que o original latino correspondia a um demonstrativo e assim é traduzido no antigo-alto-alemão, cujas versões claramente espelham as funções sintáticas dos dados vertidos, como se vê em (30)¹⁶:

- (30) a) ille latino:

¹⁶ O sinal < se encontra tal qual está em Philippi (1997) e significa que os dados à esquerda são traduções que tiveram como fonte os dados à direita.

in then tagon < in diebus illis, 'naqueles dias'

in thaz hus < in domum illam, 'àquela casa'

in thero ziti < in illa hora, 'naquela hora'

b) *hic* latino:

umbi then samon < de hoc semine, 'daquela família'

after then tagon < post hos dies, 'depois daqueles dias'

Foi também proposto que a perda de caso morfológico está relacionada ao surgimento do artigo definido nas línguas escandinavas, como por Holmberg¹⁷ (1994, apud BARÖDAL, 2009), mas também se sugere que, no latim, finlandês e antigas línguas germânicas, a forte morfologia de caso esteja vinculada à ausência de determinante (BOUCHER, 2003, p. 47-70). Para discussão da literatura, cf. Yeghiazaryan (2010).

De acordo com tal linha teórica, línguas sem artigo possuem morfologia de caso rica, enquanto línguas com morfologia de caso pobre possuem um determinante lexical. Seria provável, portanto, que o artigo devesse se desenvolver para identificar a informação de caso não mais realizada no substantivo. Alguns problemas mencionados quanto a essa proposta, conforme Philippi (1997), são: 1) o artigo não é necessariamente supérfluo numa língua que também possui caso morfológico, como o grego antigo, que possui ambos (mas o grego antigo também possui poucos casos, se comparado às línguas indo-europeias mais conservadoras); 2) o fato de uma língua não possuir o artigo definido não significa que possua rica morfologia de caso, como o chinês, que não possui artigos, nem morfologia de caso; 3) a introdução do artigo por si só não ajuda a explicar relações gramaticais, uma vez que o processo de deflexão que atinge o substantivo também ocorre no determinante, o que corresponde ao caso de muitas línguas românicas e germânicas; e 4) preposições podem assumir a função de marcadores de caso, a princípio, sem a necessidade do artigo.

A abordagem baseada no uso de Barödal (2009, p. 138-143), da perspectiva da gramática de construção, demonstra que a perda ou manutenção do caso

¹⁷ HOLMBERG, Anders. Morphological parameters in syntax: the case of Faroese. In **Reports 35**. Umeå: Department of General Linguistics, University of Umeå, 1994. p. 21-62.

morfológico nas línguas germânicas não se deve às razões acima expostas ou a outras, como mudança de língua de tipo sintético para analítico e mudança de caso lexical para estrutural. Sugere-se que construções de tipo de frequência alta atraem verbos de baixa frequência, que tendem a diminuir mais a frequência e cair em desuso, como, por exemplo, a construção sujeito-oblíquo (sujeito sintático não-nominativo), na história do sueco e do inglês. Em (31), temos um exemplo do sueco antigo, datado aproximadamente de 1420:

- (31) *Än sidhan honom iäfwadhe tok han til at sionka*
 Mas já que ele_{OBL} duvidou levou ele a _{INF} afundar
 ‘mas já que ele duvidou, começou a afundar’

A análise é baseada na ideia de que construções originais de caso eram sinônimas ou muito similares no significado e que, logicamente, há duas maneiras de as línguas eliminarem essa sinonímia: (i) por construções de alta frequência atraindo verbos convencionalmente ocorrendo nas construções menos frequentes, então fazendo com que construções menos frequentes caíam em desuso ou (ii) fundindo construções de estrutura argumental com uma subsequente perda do caso morfológico.

Barðdal (2009) argumenta que, na história das línguas germânicas, estruturas argumentais sinônimas ou muito semelhantes se fundiram ou levaram estruturas argumentais mais frequentes a atrair mais verbos que ocorressem em menor frequência, tornando aquelas mais frequentes um grupo ainda maior, enquanto as menos frequentes caíam em desuso. Isto gera duas consequências: por um lado, em línguas como o holandês, o inglês e algumas das línguas escandinavas, como sueco, dinamarquês e norueguês, estruturas argumentais se fundiram, o que acarretou a perda do caso morfológico. Por outro lado, em línguas como o alemão e o islandês, verbos de certos tipos de estruturas argumentais menos frequentes foram atraídos para os tipos mais frequentes, diminuindo ou extinguindo o uso de estruturas argumentais menos frequentes, porém sem prejuízo para os casos morfológicos. O exemplo (31) é de uma construção do tipo sujeito-oblíquo de baixa frequência que, de acordo com os pressupostos de uma gramática de construção baseada no uso, representa uma construção ameaçada. Assim, confirmada a hipótese no sueco,

construções de baixa frequência teriam desaparecido antes, e as mais frequentes, posteriormente. Como todos os tipos de construção de maior ou menor frequência de tipo existem no alemão, a morfologia de caso perdura.

3.2 Variedades regionais e padrão do alemão falado e escrito

Podemos distinguir, basicamente, três tipos de registros de língua alemã em uso: o padrão, o coloquial e os dialetos. O padrão é a língua tal como prescrita nos manuais da língua. O *Hochdeutsch*, ‘alto-alemão’, é uma variedade suprarregional, enquanto os dialetos são as variedades regionais. Ademais, temos uma variedade coloquial (*Umgangssprache*), que mais se aproxima do padrão em termos de gramática, vocabulário, etc., do que os dialetos. O padrão é o mesmo da *Schriftsprache* (língua escrita), e o termo **não** técnico usado para defini-lo é o *Hochdeutsch*, ‘alto-alemão’ (FAGAN, 2009, p. 214). O termo *hoch*, ‘alto’, recebeu ao longo do tempo a interpretação de elevação da língua em termos de prestígio, porém diz respeito às diferenças com relação ao *Niederdeutsch*, ‘baixo-alemão’, sendo ambas as variedades demarcadas geograficamente pela *Benrather Linie* (Linha de Benrath ou Linha *maken-machen*), que divide as regiões onde a língua se desenvolveu de formas distintas: *maken-machen*, ‘fazer’, ilustra, mediante a oposição entre alofones de uma mesma palavra, sendo uma oclusiva velar (pronúncia preservada nos dialetos do baixo-alemão) e uma fricativa velar, a mudança que se processou no alto-alemão por meio da Segunda Mutaço Consonntica (*Zweite Lautverschiebung*): [p] > [pf] ou [f], [t] > [ts] e [k] > [ç] ou [x] (KNIG, 2004). A princpio, o termo *Hochdeutsch* no carregava em si nenhum sentido de maior estima ao alto-alemo ou depreciao do baixo-alemo. O *Hochdeutsch* compreende um grupo de variedades faladas ao sul e na regio central da Alemanha, enquanto o *Niederdeutsch* - tambm *Plattdeutsch* - abarca dialetos do norte alemo, regio de baixa altitude da Alemanha (da o termo *Nieder*, literalmente “baixo”) e leste dos Pases Baixos. Entretanto, a elevao do *Hochdeutsch* ao status de lngua padro terminou por reforar uma interpretao de prestgio em virtude do sentido de qualidade proporcionado pelo termo *hoch* (FOX, 2005, p. 15-18). O adjetivo se deve a razes diatpicas, de acordo com Fagan, no tendo origem em juzos de valorao da lngua ou depreciao de outras variedades, como mencionado:

“O termo ‘alto’ identifica a área em que muito da língua era falado, a região montanhosa na porção sul do território ocupado pelas línguas germânicas ocidentais, e o distingue do ‘baixo-alemão’, falado nas baixadas do norte”¹⁸
(FAGAN, 2009, p. 187-188)

Os dialetos são tipicamente divididos em três áreas, de acordo com o impacto das mudanças provocadas pela Segunda Mutao Consontica (SMC) nos mesmos: baixo-alemo (*Niederdeutsch* ou *Plattdeutsch*), mdio-alemo, ou alemo central (*Mitteldeutsch*), e alemo superior (*Oberdeutsch*). A SMC afetou em maior escala os dialetos do sul at a regio central, enquanto os dialetos mais ao norte, onde as mudanas no se processaram na mesma intensidade, preservaram muitas de suas caractersticas, de maneira que, em tal rea, h diferenas mais drsticas entre os dialetos e a lngua padro. So, inclusive, os dialetos da regio central os que mais contribiram historicamente para o desenvolvimento da lngua padro (STEVENSON; BARBOUR¹⁹, 1990 apud FAGAN, 2009). A traduo da bblia por Lutero, por exemplo, foi feita do latim a um dialeto do grupo central.

H, portanto, diferenas substanciais na lngua coloquial falada em cada uma dessas regies, embora sejam menos significativas entre os dialetos das regies central e sul, pois os dialetos de ambas sofreram mudanas em virtude da SMC, as quais no se processaram ao norte. *Hochdeutsch* se refere s variedades que sofreram a SMC, as quais englobam ambas as regies, sul e central, apesar de o adjetivo *hoch* se referir, originalmente, s localidades onde as variedades eram majoritariamente faladas, portanto, a mais elevada topograficamente, ao sul. O termo ganha conotao de prestgio, passando a ser empregado no tecnicamente como sinnimo de lngua padro, o que no acaba por gerar maior confuso, pois isto coincide com o fato de que o *Hochdeutsch* contribuiu mais com o desenvolvimento da lngua padro (*Standardsprache*, ‘lngua padro’, ou *Schriftsprache*, ‘lngua escrita’), a qual passou a ser chamada, tambm de *hochdeutsch*. Se imaginarmos as

¹⁸ Texto original: “The term ‘High’ identifies the area in which much of the language was spoken, the mountainous region in the southern portion of the territory occupied by the West-Germanic languages, and distinguishes it from the ‘Low German’ spoken in the lowlands in the north.”

¹⁹ BARBOUR, Stephen; STEVENSON, Patrick. **Variation in German**: a critical approach to German sociolinguistics. Cambridge, UK, New York: Cambridge University Press, 1990.

variedades do alemão como dispostas em uma linha contínua, temos que, entre o alemão padrão e os dialetos, está a língua coloquial, que guarda características tanto do padrão quanto dos dialetos.

3.3 Gênero e sua relação com as classes de declinação e formação de plural

Considere-se a classificação padrão dos substantivos alemães no que diz respeito à formação de plural. A Tabela 3.3, extraída de Mugdan²⁰ (1977 apud DROSDOWSKI; EISENBERG, 1995, p. 233-234), sugere que menos da metade dos substantivos alemães de que se tem registro, excluídos os casos excepcionais, sejam neutros e masculinos tanto para a frequência no vocabulário quanto no corpus do autor (44,9% e 49,70%, respectivamente), sendo representados pelos tipos S1 e S2²¹.

Tabela 3.3 Declinação no alemão padrão moderno por combinação singular/plural

Tipo	Combinação	Formas	Exemplo		Frequência ²²	
		Gen. sing./ Nom. Pl.	Gen. Sing. / Nom. Pl.		Vocabu- lário.	Texto
I	S1/P1	-(e)s/-e	<i>des Jahr-es / die Jahr-e</i>	'ano'	22,60%	29,90%
II	S1/P2	-(e)s/-Ø	<i>des Muster-s / die Muster</i>	'modelo'	13,10%	9,30%
III	S1/P3	-(e)s/-(e)n	<i>des Staat-es / die Staat-en</i>	'Estado'	0,80%	4,90%
IV	S1/P4	-(e)s/-er	<i>des Bild-es / die Bild-er</i>	'figura'	2,30%	3,10%
V	S1/P5	-s/-s	<i>des Uhu-s / die Uhu-s</i>	'corujão'	2,40%	0,90%
VI	S2/P3	-(e)n/-(e)n	<i>des Mensch-en / die Mensch-en</i>	'pessoas'	3,70%	1,60%
VII	S3/P1	-Ø/-e	<i>der Kraft / die Kräft-e</i>	'força'	1,30%	1,30%
VIII	S3/P2	-Ø/-Ø	<i>der Mutter / die Mütter</i>	'mãe'	0,20%	0,20%
IX	S3/P3	-Ø/-(e)n	<i>der Frau / die Frau-en</i>	'mulher'	52,00%	48,50%
X	S3/P5	-Ø/-s	<i>der Oma / die Oma-s</i>	'avó'	0,20%	0,02%
	Casos excepcionais	-ns/-n	<i>des Name-ns / die Name-n</i>	'nome'	0,20%	0,20%
		outros			1,10%	0,80%
					100,00%	100,00%

²⁰ MUGDAN, Joachim. **Flexionsmorphologie und Psycholinguistik**: Unters. zu sprachl. Regeln u. ihrer Beherrschung durch Aphasiker, Kinder u. Ausländer, am Beispiel d. dt. Substantivdeklinat. Tübingen: Tbl-verlag Narr, 1977. (Tübinger Beiträge zur Linguistik ; 82).

²¹ S está para singular, e P, para plural.

²² Frequência de vocabulário se refere às entradas dos substantivos de cada tipo no dicionário, enquanto a de texto foi observada no corpus do autor

A classificação é feita de acordo com as possíveis combinações dos tipos de declinações em suas formas singulares e plurais. Como apresentada, entretanto, a Tabela 3.3 esconde algumas particularidades. A classificação que relaciona singular e plural diz respeito unicamente aos morfemas de plural, inclusive -Ø, de maneira que substantivos que eventualmente flexionem a vogal do radical são agrupados com os que não a flexionam.

Dado que os substantivos femininos dos tipos de declinações VII-X não possuem flexão de caso no singular em nenhuma instância, e os substantivos do tipo VI, tidos nos termos de Grimm como pertencentes à declinação fraca, como *Menschen*, ‘pessoas’, apresentam mera distinção entre nominativo singular não marcado vs. sincretismo total de todas as demais formas, com acréscimo invariável de um -(e)n ao longo do paradigma, restringimo-nos aos tipos I-V.

O tipo de declinação I, exemplificado por *Jahr*, ‘ano’, o mais numeroso, é livre de exceções. As distinções existentes se referem apenas à possibilidade de flexão do radical: Tanto *Hund*, ‘cão’, quanto *Grund*, ‘razão’, pertencem a esta classe, entretanto, o último exemplo sofre alternância vocálica no plural (*Gründe*), enquanto o primeiro tem apenas a flexão em -e para situação idêntica (*Hunde*).

O tipo de declinação II compreende tanto os substantivos terminados em -er, ilustrado por *Muster*, ‘modelo’, quanto os terminados em -el, -em, -en, -chen e -lein, sendo todas elas sílabas átonas. Têm em comum o bloqueio do schwa subsequente, típico do dativo e genitivo singulares, não havendo, assim, formas como *Mustere**, *Fenster**, etc. Como o critério para classificação tem como característica morfêmica o -Ø para realização do plural, não apenas os substantivos terminados nas sílabas átonas mencionados acima fazem parte desse grupo, senão também os substantivos incontáveis, como, por exemplo, *Schnee*, ‘neve’, e *Fleisch*, ‘carne’. Note-se que tais substantivos sem uma forma específica de plural (*singulare tantum*) não possuem as terminações átonas mencionadas acima (-el, -em, etc.), compartilhando com os demais substantivos contáveis apenas o fato de não possuírem um morfema específico de plural, sendo esta a única razão para substantivos com estruturas silábicas diferentes, como *Fenster* e *Fleisch*, estarem classificados dentro do mesmo

tipo. Há, portanto, um problema de classificação quando certas particularidades dos substantivos são ignoradas em favor de uma generalização que não se justifica apenas por conta da forma. Apesar de substantivos dessa classe compartilharem o mesmo morfema de número -Ø no plural, as razões são distintas, já que, para os incontáveis, simplesmente não há plural. Pelas razões acima, conclui-se que o tipo de declinação II claramente privilegia o plural Ø como motivação para classificação, seja pela ausência de um morfema - mas com plural existente - ou pela própria inexistência do plural dos incontáveis (*die Muster*, 'os modelos', vs *die Fleisch**, 'as carnes', respectivamente), em detrimento de particularidades do singular (estrutura silábica que permita sufixação em -es e -e no genitivo e dativo singular, respectivamente). Portanto, as semelhanças são apenas aparentes, e *singularia tantum* não necessariamente deveriam ser considerados como pertencentes ao tipo de declinação II.

Algumas classificações consideram a declinação de substantivos do tipo III como mista, como *Staat*, 'estado', desta forma, tendo características tanto de substantivos fortes quanto de fracos (THIEROFF, 2003): fortes em virtude de formarem o genitivo em -(e)s, e.g. *Staates*, e fracos por realizarem o plural em -(e)n, como em *Staaten*, de maneira que o morfema propriamente dito seja por si só determinante para tal classificação, e não o padrão sincrético exibido. Em outras palavras, fraco passa a significar o próprio morfema -(e)n, e não necessariamente o sincretismo que ele desencadeia, ao qual se referia Grimm quando pensou essa diferenciação. Possuindo traços de ambas as declinações, esse tipo seria, portanto, misto.

Todavia, o termo fraco poderia ser destinado exclusivamente aos substantivos do tipo classificado em VI, como *Menschen*, 'pessoas', cujos representantes têm um padrão peculiar de declinação, exibindo contraste entre o nominativo singular sem flexão de caso e todas as demais formas em -(e)n, independentemente de caso e número, como já mencionado. Assim, apesar de compartilharem o mesmo padrão de formação de plural, ou seja, em -(e)n, os substantivos pertencentes a esses distintos tipos de declinação não compartilham o mesmo padrão no singular, em que se comportam de maneira diversa um do outro, do que se conclui que substantivos do

tipo III (e.g. *Staat*) deveriam ser tratados como pertencentes à declinação forte. Desta forma, conclui-se que, se número é relevante para se determinar a que tipo de declinação um substantivo pertence no plural, também há razões para se considerar o singular como critério para tanto.

Por outro lado, o rótulo de misto deveria ser reservado apenas aos substantivos do tipo *Namens*, ‘nome_{GEN.}’, na parte inferior da Tabela 3.3, uma vez que seus representantes, pouco numerosos, é verdade, se comportam exatamente tal como os fracos, exceto pelo -s característico do genitivo singular, realizado após o -(e)n.

Os substantivos do tipo IV, como *Bild*, ‘figura’, se deixam descrever de forma bastante simples, uma vez que se comportam de maneira semelhante aos do tipo I, porém com plural realizável em -er (*Bilder*), além de alternância vocálica da raiz em alguns casos (singular *Mann*, ‘homem’, vs. plural *Männer*). Apresenta flexão da vogal do radical (*Umlaut*), além da possível realização do dativo em -e. O -(e) do genitivo singular ocorre variavelmente entre o radical e -s (como em *Felds* ou *Feldes*, ‘campo’), exceto se a posição da coda do radical for ocupada por uma sibilante: *des HausØs** / *des Haus**, em que a realização do -e é obrigatória quando ocorrendo no genitivo anterior ao -s característico, como *Hause**s***_{GEN.}

Por fim, o tipo V, como *Uhu*, ‘corujão’, compreende substantivos com comportamento menos uniforme. Esses substantivos são passíveis de sufixação de caso genitivo em -(e)s no singular. Podem terminar em vocoides, exemplificado por *Uhu*, ‘corujão’, ou consoante, como *Wrack*, ‘carcaça’, sendo que, neste último caso, terminado em consoante, também aceita -e no dativo singular. O -s é característico da formação de plural e se trata de uma classe com baixa frequência de ocorrência.

A pressão pela ordenação das classes em torno das formas plurais é tamanha a ponto de substantivos de diferentes tipos serem conformados em um mesmo grupo em favor de uma forma plural compartilhada, como é o exemplo dos substantivos do tipo III (gen. em -[e]s, como em *Staates*), considerados mistos (gen. em -(e)ns, como em *Namens*), apesar do padrão de declinação distinto. Essa distinção diz respeito à assimetria no padrão de realização dos morfemas de caso e de número nos distintos

tipos, já que substantivos mistos são menos distintivos que os fortes, portanto mais sincréticos, e os fracos, ainda menos distintivos. A motivação que leva à conformação dos substantivos do tipo III da Tabela 3.3, como *Staat*, ao tipo misto de *Name*, também nos obriga a considerar os substantivos femininos, como *Frau*, ‘mulher’, do tipo IX, como fracos, pois formam o plural invariavelmente em *-(e)n* (e.g. *Frauen*). Se é consenso que a distinção entre substantivos das declinações forte e fraca se tornou opaca já no médio-alto-alemão, por outro lado, poder-se-ia fazer valer a utilidade do rótulo para agrupar os tipos de acordo com os traços apresentados: a robustez de morfemas distintivos, no caso da declinação forte; o sincretismo insensível à distinção de número; e dos mistos, para os exemplares que tenham características híbridas, tais como pensadas por Grimm.

A utilidade prática desse agrupamento para o presente trabalho reside no fato de que a classificação dos substantivos em termos de declinações forte e fraca, se aplicada ao paradigma de declinação do alemão moderno, não captura as diferenças de declinação dos substantivos no singular, pois, por agrupar juntos os substantivos masculinos, neutros e parte dos femininos, acaba por generalizar aqueles que realizam o dativo em *-e* ou *-Ø* e genitivo em *-(e)s* ou *-Ø*, o que os distingue dos fracos apenas pela ausência do característico *-(e)n* nos casos oblíquos. Por outro lado, se consideramos uma classificação tal qual na Tabela 2.22, tampouco conseguimos fazer um recorte preciso, haja vista que as generalizações são ainda mais drásticas, pois todos os substantivos masculinos e neutros estão agrupados juntos, excetuando-se os substantivos fracos - e também os mistos - do tipo S2. Tal como o fizemos, esse agrupamento permite um recorte mais preciso dos substantivos passíveis de dativo em *-e* de forma mais equitativa, ou seja, sem necessariamente privilegiar apenas o singular ou o plural como critério de classificação.

Muitas generalizações podem ser feitas a respeito da complexidade da formação do plural em alemão - para uma análise sob o viés da teoria da otimidade, cf. Wegener (1999). Da mesma forma, há muita instabilidade em seus padrões de formação: substantivos deixam uma classe fechada e passam a pertencer a uma mais produtiva e aberta, ou figuram em ambas, como ocorre no exemplo do plural de *Pizza* (*Pizzas/Pizzen*). Fenômeno semelhante se manifesta no singular: casos dubitáveis

(*Zweifelsfälle*), em que as declinações do dativo e do genitivo causam confusão mesmo entre falantes nativos, são atestados frequentemente (para ampla discussão, cf. THIEROFF, 2003). Para além disto, verifica-se que o singular também pode nos servir como importante motivação para generalizações e/ou individualizações.

Os dados da Tabela 3.3 vistos com um peso mais equitativo na relação entre singular e plural nos sugere novo panorama: desconsiderados os substantivos da declinação do tipo II com dativo em -e potencialmente realizável, e, por extensão, com o mesmo -e formador de sílaba extra no caso genitivo, como *Fleisch-e-s*, temos, basicamente, três tipos de plurais com os quais os substantivos da declinação forte podem se combinar, o que nos permite formular as regras (32), (33) e (34):

(32) Substantivo_X,

em que X é um morfema de plural diferente de -Ø e -s,

(33) Substantivo_-Ø,

em que não há sufixação para formação de plural, senão apenas flexão da vogal do radical, quando aplicável, e, por fim,

(34) Substantivo_-s.

De interesse para nossa questão é a combinação sugerida pela regra (32), Substantivo_X, além dos incontáveis, pois sabemos que todos os substantivos que aceitam tal combinação são potencialmente passíveis de declinação em -e no dativo singular. Assim, podemos concluir que a realização do dativo em -e, bem como a presença do schwa na flexão do genitivo singular dos mesmos substantivos têm relação direta com a formação do plural. Em termos de tipos de declinação em que o dativo em -e é realizável, concluímos que não mais que 1/3 dos substantivos alemães estará sujeito a essa declinação, já somados os *singulare tantum*.

3.4 Gênero, forma e semântica dos substantivos

Nuebling (2008), em estudo sobre as classes de declinação, demonstra algumas relações existentes entre gênero, animacidade e estrutura silábica dos substantivos alemães. Substantivos fracos, por exemplo, são prototipicamente trocaicos, com sílaba final em schwa, possuem gênero masculino e tendem à animacidade. Tendência contrária se verifica em substantivos da declinação forte, os quais no nominativo singular terminam, geralmente, em consoante, ou em vocoides, porém não em schwa.

Alguns substantivos da declinação forte, entretanto, terminam também em schwa. É o exemplo de *Auge*, ‘olho’: Gottsched (1980, p. 224), ainda no século XVIII, clamava pela apócope do -e nesses casos em que o substantivo estivesse no singular, de maneira que o schwa devesse ficar restrito exclusivamente aos substantivos femininos. Assim, defendia-se a forma do feminino como *Bahne*, ao invés de *Bahn*, ‘via’, e *Aug*, no lugar de *Auge*. Por esta mesma razão, substantivos masculinos ou neutros que têm o schwa no singular, independentemente de qualquer sufixação de número ou caso, como *Auge*, cujo schwa final geralmente é realizado como parte do radical, não como sufixo tal qual pensado por Gottsched, não devem ser tomados como exemplos para análise da variação na marcação de caso por dativo em -e, pois, como *Auge* já possui o schwa em seu radical, não é possível aferir se o -e é parte do radical *Auge* ou desinência de caso dativo singular acrescentada ao radical *Aug*, devendo, portanto, ser descartado em favor de formas em que o -e indubitavelmente é marcador de caso dativo.

Com relação à animacidade, adotamos a simples definição de Kempen e Harbusch (2004, p. 351), segundo a qual a animacidade se refere a seres humanos ou animais ou seus respectivos coletivos.

Há de se verificar, portanto, se o gênero dos substantivos influencia na (não) marcação do dativo em -e, portanto, além de desempenhar um papel importante quanto ao pertencimento a determinada classe de declinação, à formação do plural, tendência à animacidade e a certo tipo de estrutura silábica.

Especificamente quanto ao pé silábico, Wiese (1996) afirma que ele, “[...]parece ter um papel muito claro na estrutura prosódica do alemão”. A definição dada pelo autor é a de que

“[...] um pé é a sequência de uma ou mais sílabas. Neste último caso, a primeira sílaba deve carregar acento mais forte do que as sílabas subsequentes naquele pé. Isto é, o pé consiste na sequência de sílabas que começam com uma sílaba acentuada até (mas não inclusive) a próxima acentuada. Note-se que a sequência de duas sílabas pode [...] consistir de um ou dois pés. As sílabas na posição fraca em um pé podem ser um schwa ou não. Sílabas contendo schwa não são capazes de estar na posição forte em um pé, todos os outros tipos de sílabas podem ser núcleo de um pé” (WIESE, p. 56-57)²³

O alemão apresenta o pé tipicamente trocaico (MAAS, 2006), que seria representado pelo exemplo *Abend* ['a:bɛnt], ‘noite’. O tipo de análise tal como aqui apresentado não é consensual. Uma palavra polissilábica pode possuir um acento secundário. Fagan (2004, p. 16) considera ['widerlicher Ge]['ruch], ‘cheiro horrível’, como possuindo dois pés, ambos iniciados pelos colchetes de abertura, tal como na definição de Wiese, segundo a qual um pé não deve ser iniciado por sílaba mais fraca que a seguinte. Wiese (1996, p. 58) questiona se há, de fato, em uma palavra tal como *widerlicher* acentos equivalentes nas sílabas finais ou se haveria um acento secundário ['wider,licher]. Tal interpretação abriria a possibilidade de se considerar que haja dois pés trocaicos neste exemplo, uma vez que a regra para classificação do pé não seria violada, e uma revisão da mesma seria desnecessária, pois ela apenas proíbe que um pé seja iniciado por uma sílaba mais fraca que a sílaba seguinte (Ibidem, p. 61), porém prefere deixar a questão irresoluta e considerar que a diferença existente entre tais casos seria meramente de estrutura segmental (vogais cheias vs. schwes) (Ibidem, p. 58), portanto sem a existência de pés secundários. Por fim, cabe ressaltar,

²³ Texto original: “[...] foot is a sequence of one or more syllables. In the latter case, the first syllable must carry stronger stress than the subsequent syllables in that foot. That is, the foot consists of the string of syllables starting from one stressed syllable up to (but no including) the next one. Note that a sequence of two syllables may [...] consist of either one foot or two feet. The syllables in the weak position in a foot may be schwa syllables or not. Schwa syllables are unable to be in the strong position in a foot, all other types of syllables in German head a foot.”

segundo o mesmo autor, que há evidências de que no alemão a estrutura preferida seja o dissílabo (WIESE, 1996, p.282 et seq.).

3.5 Características fonológicas

Em 3.5.1 e 3.5.2, abaixo, são apresentadas características fonológicas típicas do alemão que afetam a realização de consoantes na posição da coda de sílabas do alemão, a chamada fortificação final, e a inserção de uma plosiva glotal diante de vogais que iniciam palavras ou radicais.

3.5.1 Fortificação final

A fortificação final (*Auslautverhärtung*) é um fenômeno que afeta as consoantes plosivas sonoras do alemão [b, d, g] > [p, t, k], bem como as fricativas [v, z, ʒ] > [f, s, ʃ], respectivamente, além das africadas. *Fortis* e *lenis* são termos tradicionais utilizados para caracterização das consoantes, também comumente distinguidas por meio do traço [±sonoro] (*fortis* para [-sonoro] e *lenis* para [+sonoro]) (FAGAN, 2009, p. 21). Por tal razão, fala-se também em dessonorização ou desvozeamento de consoantes finais. Podemos observar um exemplo de fortificação final num substantivo como *Tod*, ‘morte’: o traço sonoro (ou lenis) da consoante final é neutralizado pela fortificação de -d, o que torna o substantivo homófono ao adjetivo *tot*, ‘morto(a)’, ambos pronunciados [tʰo:t]. A oposição *fortis* e *lenis* destes exemplos se torna perceptível quando as consoantes são seguidas de vogal, como em suas respectivas formas plurais: *Tode*, pronunciado [tʰo:də], e *tote*. [tʰo:tə]. Assim, verifica-se que um ambiente intervocálico é propício para a preservação do traço sonoro (ou *lenis*).

A distinção entre ambas as terminologias não é considerada muito clara em termos fonéticos, porém são tidas como rótulos classificatórios úteis, e o que seria mais importante do ponto de vista fonológico diz respeito ao contraste existente, não à maneira como ele é representado. Frequentemente, consoantes iniciais “sonoras” são pronunciadas sem nenhuma sonoridade, e.g. *Bein* [paɪn], ‘perna’. Aqui, o [p] inicial não é idêntico a outros alofones de [p], sendo muitas vezes chamado de [b] desvozeado, também podendo ser marcado foneticamente com um diacrítico (FOX,

2005, p. 42-43). A distinção entre *fortis* e *lenis* poderia, em nossa análise dos dados adiante, no item 5, ser encarada como mais útil do que aquela em que se fala em presença ou ausência do traço sonoro, sobretudo quando a distinção se faz em termos de presença ou ausência de aspiração (as oclusivas de traço forte, como /p, t, k/ são aspiradas quando seguidas de vogal, exceto quando antecedidas por [ʃ], como em Stein [ʃtaɪn], ‘pedra’). Entretanto, essa nomenclatura se torna confusa quando falamos de consoantes com traço *fortis*, ou seja, consoantes passíveis de aspiração, e fortificação, processo que dessonoriza consoantes com traço *lenis*, mas não necessariamente as torna aspiradas. Por esta razão, referir-nos-emos às consoantes como surdas e sonoras.

Sibilantes não necessariamente se vocalizam nos casos em que precedem vogal. Embora tenhamos o mesmo som final na coda em *Haus* ‘casa’ [haʊs] e *Schluss* ‘fim’ [ʃlus], verifica-se que a sibilante em *Haus* é sonora quando sofre sufixação por vogal, como para a formação do plural *Häuser* [ˈhɔɪ.zɐ], enquanto a sibilante de *Schluss* mantém a consoante surda em contexto idêntico: *Schlüsse* [ˈʃlʏ.sə]. Note-se que essa diferença é preservada na grafia por meio da oposição s vs. ss ou ß, todos representando sibilantes surdas.

O tipo de consoante que ocupa a posição da coda em sílabas parece desempenhar um papel importante em fenômenos diversos na história do alemão. Raffelsiefen (2003), por exemplo, verificou que havia restrições à apócope do schwa quando ocorrendo junto às raízes de substantivos dos três gêneros, masculino, feminino e neutro, no médio-alto-alemão. O impedimento da apócope podia ocorrer com base em rankings de restrições, como estrutura da coda de diferentes naturezas (se consoante sonora ou surda), efeitos de ensurdecimento final e efeitos de estabilidade que criavam ambientes favoráveis à manutenção do schwa. Hock (2003, p. 448) ilustra o efeito causado pelo apagamento do dativo em -e que torna opaca a regra de ensurdecimento final do alemão, por sua vez restaurada por reordenação, tornando a regra novamente transparente. Esse pode ter sido um fator antes restritivo que favorável ao apagamento do -e do dativo.

3.5.2 Oclusiva glotal

A inserção da oclusiva glotal é bastante previsível na língua alemã. Uma possível definição dela (*Stimmloser glotaler Plosiv*, ou *Glottisschlag*, em alemão) seria a de “um som que tipicamente se ouve antes de uma vogal tônica no começo de uma palavra.” (FAGAN, 2009, p. 12). Entretanto, observa-se que a oclusiva glotal (foneticamente representada por [ʔ]) também ocorre diante de radicais iniciando em vogais, como em *erinnern* [ʔɛɐ̯ˈʔɪnən], ‘lembrar-se’, (FOX, 2005, p. 52), bem como diante de vogais átonas, como *Idee* [ʔiˈdeː], ‘ideia’, e *Antenne* [ʔanˈtɛnə], ‘antena’ (WIESE, 1996, p. 60).

Quanto ao seu status, a oclusiva glotal não é considerada como um fonema do inventário alemão em virtude de uma sua eventual ausência não levar à má formação de uma palavra (Ibidem, p. 58).

No que diz respeito ao hiato decorrente do “encontro vocálico” - entre aspas por haver uma parada glotal entre as vogais -, como afirmam alguns, há de se verificar, tal como feito para o caso das consoantes, se a realização da oclusiva glotal como som precedente ao substantivo no dativo desempenha algum papel sobre a realização ou não do schwa da declinação. Sobre vogais iniciais da sílaba seguinte a um dativo em -e, por exemplo, Behaghel (1900) sugere que elas não desempenham nenhum papel restritivo à sua realização, enquanto Fleischer, Kuhmichel e Speyer (2012) consideram o hiato como um fator importante para a não realização do schwa, inclusive em verbos, nas versões de 1774 e 1787 de Werther de Goethe.

Tendo em conta todas as características pontuadas até o momento, passemos à exposição da metodologia utilizada para análise dos dados coletados a partir de obras de autores de um período do alto-alemão-moderno em que mais houve variação, compreendendo o momento em que a mudança, ou seja, o recuo do dativo em -e, já estava em estágio bastante avançado. Essas características serão tomadas como base para a definição de variáveis independentes que possivelmente tenham influenciado a realização ou não do dativo em -e.

4. METODOLOGIA E DADOS

Nesta seção, apresentamos a maneira como se deu a coleta e seleção dos dados objetos de nossa análise, bem como uma visão geral do software utilizado, o método estatístico aplicado, a definição das variáveis dependente e independentes, além dos procedimentos e parâmetros necessários para validar a significância dos resultados obtidos.

4.1 Coleta e seleção dos dados

Existe uma série de fatores que provavelmente concorrem para a variação e mudança a que estão sujeitos os substantivos desta e outras declinações, podendo eles ser internos e/ou externos à própria língua. Se pensarmos no paradigma das declinações do alemão como comumente nos é apresentado e o comparamos ao de estágios anteriores da língua, observamos que o nivelamento atual, em estágio bastante avançado, se desenvolveu a partir de formas consideravelmente diferentes e culminando com outras semelhantes, quando não idênticas.

A presente pesquisa se baseia em um corpus da língua coletado a partir de textos literários (apenas romances, sem dramas ou poesia). Os autores são de regiões variadas onde a língua alemã era ou é falada em maior ou menor escala, o que inclui a Alemanha, Suíça, Áustria e territórios que hoje pertencem à República Tcheca. Ademais, os autores são de diferentes épocas, o que compreende os séculos XVIII, XIX e adentra o XX. Isso permite um olhar amplo sobre o “estado” da língua em diferentes regiões e também em termos de tempo aparente, tal como na sociolinguística, já que, mesmo quando contemporâneos, a distância de tempo entre épocas de nascimento de diferentes autores, e, por conseguinte, entre a fase de aquisição e consolidação da língua de um e outro, pode compreender mais do que meio século, como, por exemplo, nos casos de Wilhelm Raabe e Franz Kafka, nascidos em 1831 e 1883, respectivamente.

O corpus utilizado nesta pesquisa foi coletado da *Digitale Bibliothek 125 Deutsche Literatur von Luther bis Tucholsky*, coleção de livros digitalizados disponível

em CD-ROM, e é composto por textos reproduzidos de seus originais de acordo com o ano de publicação. Os textos digitalizados estão comumente sujeitos a alguns problemas mínimos de reconhecimento ótico dos caracteres dos textos originais, porém, estes foram constatados alhures e, ainda assim muito raramente, sendo, portanto, fidedignos aos textos que reproduzem e não comprometem a análise das ocorrências.

Foram consideradas passagens dos textos em questão, com a preocupação de se incluírem excertos com extensão semelhante tanto a fim de se obter uma quantidade apropriada de casos para análise, quanto para se ter um método aplicado indistintamente a todas as fontes.

As ocorrências de substantivos masculinos e neutros da declinação forte do dativo singular coletadas que são passíveis de declinação em -e totalizaram 1232. Destas, alguns itens, marcados ou não no dativo, são extremamente mais frequentes que outros. Como exemplo, podemos mencionar *Haus(e)* 'casa', ocorrendo 169 vezes.

A fim de minimizar os efeitos de comparar amostras que não contivessem ocorrências representativas, foram selecionadas apenas aquelas que constam do que chamaremos de vocabulário fundamental da língua. Como base, tomamos as cinco mil palavras mais frequentes do alemão (JONES, 2006), que compreendem boa parte do vocabulário ativo, ou mesmo passivo, de falantes nativos. Neste ponto, tal critério pode parecer de certa forma paradoxal, sobretudo se frequência for considerada como um dos possíveis fatores que influenciam a própria forma das palavras, uma vez que as extremamente infrequentes teriam, teoricamente, tanta importância quanto as mais frequentes. Entretanto, há de se considerar que mesmo os itens vocabulares listados entre os mais frequentes de uma língua qualquer podem ter frequência muito mais modesta, quando comparados a outros itens que encabecem a mesma lista. Portanto, mesmo que essa lista que tomamos como base seja reduzida, ela leva em consideração tanto os itens vocabulares que são quanto os que não são tão frequentes.

Ademais, estudos estatísticos, como o de Brown (1996), apontam para o fato de que em torno de dez mil palavras constituiriam o vocabulário ativo de um falante nativo com instrução formal. Mais do que isso, em torno de oito mil palavras mais frequentes são aquelas que podem surgir nos mais diversos contextos ao menos dez vezes em cada um milhão de palavras.

Tabela 4.1 Itens vocabulares analisados

IV	IV em português	Ocor- rências	Ocor- rências em %	IV	IV em português	Ocor- rências	Ocorrên- cias em %
<i>Abend(e)</i>	'noite'	31	2,5	<i>Licht(e)</i>	'luz'	15	1,2
<i>Abschied(e)</i>	'despedida'	9	0,7	<i>Mal(e)</i>	'vez'	25	2,0
<i>Anfang(e)</i>	'início'	12	1,0	<i>Mann(e)</i>	'homem'	26	2,1
<i>Arm(e)</i>	'braço'	23	1,9	<i>Maß(e)</i>	'medida'	9	0,7
<i>Augenblick(e)</i>	'instante'	45	3,7	<i>Mittag(e)</i>	'meio-dia'	10	0,8
<i>Beispiel(e)</i>	'exemplo'	18	1,5	<i>Mund(e)</i>	'boca'	14	1,1
<i>Bett(e)</i>	'cama'	33	2,7	<i>Nachmittag(e)</i>	'tarde'	12	1,0
<i>Bild(e)</i>	'quadro', 'pintura', 'imagem'	13	1,1	<i>Ort(e)</i>	'lugar', 'local'	15	1,2
<i>Blick(e)</i>	'olhar'	18	1,5	<i>Platz(e)</i>	'lugar', 'praça'	23	1,9
<i>Buch(e)</i>	'livro'	14	1,1	<i>Rand(e)</i>	'beirada', 'margem'	12	1,0
<i>Dorf(e)</i>	'aldeia'	28	2,3	<i>Saal(e)</i>	'salão'	14	1,1
<i>Freund(e)</i>	'amigo'	7	0,6	<i>Schloß(e)</i>	'castelo'	24	1,9
<i>Frühjahr(e)</i>	'primavera'	9	0,7	<i>Schluß(e)</i>	'fim'	7	0,6
<i>Geist(e)</i>	'espírito'	13	1,1	<i>Schrank(e)</i>	'armário'	9	0,7
<i>Geld(e)</i>	'dinheiro'	9	0,7	<i>Schritt(e)</i>	'passo'	7	0,6
<i>Gesicht(e)</i>	'rosto'	30	2,4	<i>Sinn(e)</i>	'sentido'	17	1,4
<i>Gespräch(e)</i>	'conversa'	9	0,7	<i>Sohn(e)</i>	'filho'	17	1,4
<i>Glück(e)</i>	'felicidade', 'sorte'	8	0,6	<i>Spiel(e)</i>	'jogo'	12	1,0
<i>Gott(e)</i>	'deus'	20	1,6	<i>Tag(e)</i>	'dia'	47	3,8
<i>Grund(e)</i>	'razão', 'causa'	20	1,6	<i>Teil(e)</i>	'parte'	12	1,0
<i>Haar(e)</i>	'cabelo'	10	0,8	<i>Tisch(e)</i>	'mesa'	48	3,9
<i>Hals(e)</i>	'pescoço'	8	0,6	<i>Tod(e)</i>	'morte'	24	1,9
<i>Haus(e)</i>	'casa'	169	13,7	<i>Ton(e)</i>	'som'	16	1,3
<i>Hof(e)</i>	'pátio'	32	2,6	<i>Volk(e)</i>	'povo'	12	1,0
<i>Jahr(e)</i>	'ano'	34	2,8	<i>Wald(e)</i>	'floresta'	19	1,5
<i>Kind(e)</i>	'criança', 'filho(a)'	11	0,9	<i>Weg(e)</i>	'caminho'	38	3,1
<i>Kopf(e)</i>	'cabeça'	27	2,2	<i>Wein(e)</i>	'vinho'	10	0,8
<i>Land(e)</i>	'país', 'terra'	30	2,4	<i>Wort(e)</i>	'palavra'	15	1,2
<i>Leib(e)</i>	'barriga'	20	1,6	<i>Zug(e)</i>	'trem'	13	1,1

Os mesmos estudos indicam que aproximadamente duas mil palavras mais frequentes cobririam em torno de 75% de qualquer texto na língua. Um possível problema que isso constitui é o fato de que frequência de ocorrências pode variar consideravelmente de indivíduo para indivíduo, bem como de contexto para contexto, haja vista que as ocorrências de itens vocabulares estão diretamente relacionadas ao tema.

Outro possível problema que se pode mencionar refere-se ao fato de que listas de períodos diferentes – com intervalos seculares – estão sendo levadas em consideração. De fato, no decorrer do tempo surgem neologismos, frequências de uso oscilam e palavras caem em desuso. No entanto, ao se comparar a frequência das ocorrências do corpus com a lista supracitada, não foram constatadas diferenças significativas. É certo que os itens ranqueados variam de acordo com fontes pesquisadas, embora as semelhanças sejam muito mais salientes que as diferenças.

Em outro corpus atual, da Universidade de Leipzig²⁴, temos palavras frequentes que são, face ao surgimento posterior, inexistentes em nosso corpus, como *Nazis*, ‘nazistas’, e *Euro*, ‘euro’. Por outro lado, não há itens de nossa lista que não estejam contidas em ambas as listas de frequência mencionadas acima.

Para organização do corpus, as ocorrências observadas foram listadas por ordem de frequência com o software Nooj²⁵, o qual é capaz de detectar a frequência de um determinado padrão (no caso, o número de ocorrências) e extrair seu contexto imediato. A lista de frequência de ocorrências de substantivos masculinos e neutros singulares foi confrontada com o dicionário de Jones (2006). As ocorrências, sendo elas tanto as marcadas quanto as não marcadas por dativo em -e, que são compartilhadas por ambas as listas, foram extraídas para análise.

²⁴ As listas podem ser consultadas por ordem de frequência de 100, 1000 e 10000 ocorrências em <http://wortschatz.uni-leipzig.de/html/wliste.html>, disponíveis também para inglês, holandês e francês (consulta em julho de 2015).

²⁵ Disponível em <http://www.nooj-association.org/> (acesso em 03/04/2014)

Tendo observado essas questões relacionadas à delimitação de um vocabulário fundamental da língua e, conseqüentemente, de nosso próprio corpus, as 1232 ocorrências a serem analisadas correspondem àquelas contabilizadas quando já excluídas as demais com frequência extremamente baixa e não presentes em mais de um autor. Por fim, saliente-se que o próprio critério de frequência será utilizado como uma das variáveis explanatórias, o que será devidamente abordado na seção 4.4, sobre a definição das variáveis independentes.

Todos os itens vocabulares levados em consideração na análise e seus respectivos números de ocorrências podem ser observados na Tabela 4.1 acima.

4.2 Algumas noções sobre o SPSS

IBM SPSS é um software estatístico que permite a realização de uma série de tarefas voltadas para a análises de dados, sejam elas descritivas ou envolvendo testes estatísticos mais complexos. As estimativas do teste de regressão logística de nosso interesse que obtemos com um teste do gênero utilizando o SPSS são muito similares às de outros softwares disponíveis, tais como SAS, SYSTAT, BMDP, MINITAB e STATA (PENG; SO, 2002, p. 38). A distribuição do software foi assumida recentemente pela empresa IBM (MEYERS et. Al, 2013, p. 3-4), mais precisamente em 2009, por qual razão leva sua sigla junto ao nome do programa. A sigla SPSS significa, originalmente, *Statistical Package for the Social Sciences* (Pacote Estatístico para as Ciências Sociais), porém, em virtude de seu uso ter se expandido para muito além de sua primeira finalidade, atingindo os mais diversos mercados que se valem de testes estatísticos, o nome se consolidou como apenas SPSS, deixando, assim, de ser um acrônimo (BOSLAUGH, 2005, p. 3). Entre 2009 e 2010, o programa foi comercializado sob o nome PASW (*Predictive Analysis Software*, 'Software de Análise Preditiva).

4.3 O Modelo de Regressão Logística

Em estatística, regressão logística é o modelo de probabilidade “[...] mais adequado para descrever e testar hipóteses sobre relações entre uma variável resultante

categórica e uma ou mais variáveis preditoras categóricas ou contínuas.” (PENG; LEE; INGERSOLL, 2002, p. 4, tradução nossa)²⁶. Ademais, “O conceito matemático central que subjaz à regressão logística é o logit - o logaritmo natural de uma razão de chance” (PENG; LEE; INGERSOLL, 2002, p. 3). Essas variáveis preditoras dizem respeito àquelas que capturam regularidades explanatórias de um determinado evento a partir de um corpus específico. Ao contrário do entendimento a que o termo fora do âmbito da estatística possa levar, tais variáveis preditoras não necessariamente fornecem uma previsão no sentido diacrônico, senão as probabilidades de um determinado evento ocorrer dentro daquela realidade sincrônica, o que se sugere a partir de uma amostragem significativa.

Segundo Hosmer e Lemeshow (2000, p.1), os “métodos de regressão se tornaram “um componente integral de qualquer análise de dados concernente à descrição da relação entre a variável resposta e uma ou mais variáveis explanatórias” (tradução nossa)²⁷. Ainda segundo os mesmos autores, o objetivo desse método é encontrar o modelo mais adequado para descrever a relação entre as variáveis dependentes e uma ou mais variáveis independentes, também chamadas preditoras, explanatórias, ou, ainda, covariáveis. O que é característico da Regressão Logística é o fato de a variável resultante do modelo ser binária, ou dicotômica, o que a distingue, por exemplo, do Modelo de Regressão Linear, em que a variável dependente resulta numa função linear, portanto uma escala. Por esta razão, esse tipo de análise é o mais apropriado, pois, para a pergunta “há realização de dativo em -e?”, a possibilidade de resposta é dicotômica (sim ou não). Em suma, a Regressão Logística “Determina o impacto de variáveis independentes múltiplas apresentadas simultaneamente para prever associação de uma ou outra das duas categorias variáveis dependentes.” (BURNS; BURNS, 2008, p. 569, tradução nossa)²⁸

²⁶ Texto original: [logistic regression] is well suited for describing and testing hypotheses about relationships between a categorical outcome variable and one or more categorical or continuous predictor variables.”

²⁷ Texto original: “Regression methods have become an integral component of any data analysis concerned with describing the relationship between a response variable and one or more explanatory variables.”

²⁸ Texto original: “ [Logistic Regression] Determines the impact of multiple independent variables presented simultaneously to predict membership of one or other of the two dependent variable categories.”

Um modelo de regressão logística é criado a partir da equação estendida

$$\pi = \text{probabilidade } (Y = \text{resultado de interesse} \mid X_1 = x_1, X_2 = x_2) \\ = \frac{e^{\alpha + \beta_1 X_1 + \beta_2 X_2 + \dots + \beta_k X_k}}{1 + e^{\alpha + \beta_1 X_1 + \beta_2 X_2 + \dots + \beta_k X_k}}$$

em que π é a probabilidade do evento, α é o intercepto de Y (valor de Y quando $X = 0$ em uma função), β_s são os coeficientes da regressão, e é a base de logaritmos naturais, e X_s são um conjunto de preditores (PENG; LEE; INGERSOLL, 2002, p. 5).

A Regressão Logística emprega uma teoria de probabilidade binomial que se propõe prever a qual de dois grupos pertencerá um dado evento (ou pessoa), criando uma equação ou função mais adequada para esse fim com base no Método de Máxima Verossimilhança (*Maximum Likelihood Method*), procedendo à maximização da probabilidade de classificação dos dados em determinada categoria (BURNS; BURNS, 2008, p. 569). As suposições feitas pela Regressão Logística, segundo Burns e Burns, as quais citamos aqui literalmente, são:

“A regressão logística não assume uma relação linear entre as variáveis dependente e independente. A variável dependente precisa ser uma dicotomia (duas categorias).
As variáveis independentes não devem ser um intervalo, nem normalmente distribuídas, ou de variação uniforme dentro de cada grupo. As categorias (grupos) devem ser mutuamente exclusivas e exaustivas; um caso pode estar somente em um grupo e cada caso deve ser um membro de um dos grupos.”
(tradução nossa)²⁹

Como este capítulo não pretende ser exaustivo em relação aos pormenores dos complexos cálculos envolvidos em Regressão Logística, atentemo-nos ao fato de que o seu emprego nesta análise é adequado em virtude de o fenômeno aqui estudado ser uma variável dicotômica que pode resultar nas respostas “sim” ou “não” (realização ou não do dativo em -e), e as variáveis explanatórias serem igualmente categóricas ou contínuas (e.g., frequência em escala). A análise de regressão logística resultará nas variáveis de uma equação necessárias para a criação de um modelo, entendido

²⁹ Texto original: “Logistic regression does not assume a linear relationship between the dependent and independent variables. The dependent variable must be a dichotomy (2 categories). The independent variables need not be interval, nor normally distributed, nor linearly related, nor of equal variance within each group. The categories (groups) must be mutually exclusive and exhaustive; a case can only be in one group and every case must be a member of one of the groups.”

como uma representação ou interpretação da realidade sugerida pelos dados, em linguagem matemática. A partir das variáveis que compõem essa equação, podemos aferir o impacto individual e conjunto por elas exercido sobre o evento (realização ou não do dativo em -e).

4.4 Definição e codificação das variáveis

Dadas as questões levantadas até aqui e considerado o fato de que temos um fenômeno cuja variação demanda que experimentemos quais seriam os fatores que possivelmente desempenham um papel sobre si, faz-se necessário que estipulemos algumas variáveis independentes que possam ser submetidas a teste estatístico para que verifiquemos se há relação entre as variáveis dependente e independentes, ou seja, a (não) realização do dativo em -e e as variáveis explanatórias a serem descritas adiante, respectivamente. Todas as variáveis são categóricas e codificadas discretamente, exceto para “frequência”, que, por se tratar de uma variável contínua, é-lhe atribuído um coeficiente dentro de uma escala. Essas variáveis, por serem categóricas, são também conhecidas como variáveis *dummy*. O código de valor numérico mais alto é aquele que será a categoria referencial: um exemplo disto é a variável dependente “realização do dativo em -e”. A ausência do morfema foi codificada com o número 0 e a presença do mesmo, com 1. Portanto, a referência para interpretação e análise é, em nossos resultados, a presença do -e característico do dativo. Vejamos, a seguir, quais são e como são codificadas as variáveis independentes.

4.4.1 Variáveis Autor e Região

Como vimos anteriormente, há algumas especificidades peculiares às variedades do alemão, seja no que se refere ao seu registro (se mais ou menos formal), à gramática, ao léxico e/ou a outros fatores. Ademais, como os autores pesquisados estão distantes não apenas no espaço, mas também no tempo, é de se esperar que haja uma diferença que implica a mudança aqui estudada, uma vez que o dativo em -e tem seu uso diminuindo no decorrer das décadas. Destarte, considerando-se os próprios autores como uma das variáveis independentes possivelmente capazes de explicar a

variação, implicitamente assumimos um componente diacrônico. A origem de cada autor, bem como anos de nascimento e morte são dados na Tabela 4.2, a seguir:

Tabela 4.2 Autores analisados

Autor	Ano de nascimento, local; ano de morte	Origem ³⁰
E.T.A. Hoffman	*1776 em Königsberg; †1822	<i>Nd.</i>
Jeremias Gotthelf	*1797 em Murten, Suíça; †1854	<i>Od.</i> **
Heinrich Heine	*1797 em Düsseldorf; †1856	<i>Nd.</i>
Eduard Mörike	*1804 em Ludwigsburg; †1875	<i>Od.</i>
Adalbert Stifter	*1805 em Oberplan, Böhmen; †1968	<i>Od.</i> **
Theodor Storm	*1817 em Husum; †1888	<i>Nd.</i>
Gottfried Keller	*1819 em Zurique; †1890	<i>Od.</i>
Theodor Fontane	*1819 em Neuruppin; †1898	<i>Nd.</i>
Wilhelm Raabe	*1831 em Eschershausen, Weserbergland; †1910	<i>Nd.</i>
Arthur Schnitzler	*1862 em Viena; †1931	<i>Od.</i>
Rainer Maria Rilke	*1875 em Praga; †1926	<i>Od.</i> **
Franz Kafka	*1883 em Praga; †1924	<i>Od.</i> **

**apesar da localização geográfica central, classifica-se como pertencente à região *Oberdeutsch* por conta da forte influência da Dupla Monarquia Imperial e Real do Império Austro-Húngaro na região (KAUFMANN, 2014, p. 137).

Os autores foram codificados, na ordem dada acima, de 0 a 11, de forma que a categoria referencial é o autor Franz Kafka. A região do *Niederdeutsch* recebeu valor 0, enquanto a categoria referencial *Oberdeutsch* recebeu o código 1.

4.4.2 Variáveis Gênero, Animacidade e Estrutura Silábica

Como observado anteriormente, gênero, animacidade, a classe de declinação e a estrutura silábica dos substantivos parecem ter correlação (NÜBLING, 2008). A fim de testarmos se os mesmos fatores desempenham um papel sobre a variável dependente “presença ou ausência do dativo em -e”, gênero e animacidade foram incluídos entre as variáveis independentes com a seguinte codificação: 0 para gênero neutro e inanimacidade, e 1 para gênero masculino e animacidade.

³⁰ *Nd.* para *Niederdeutsch* (baixo-alemão), ao norte, e *Od.* para *Oberdeutsch* (alto-alemão), ao sul da Alemanha

Quanto à estrutura silábica, apesar de considerarmos a proposta aceita por Wiese (1996), segundo a qual um pé não pode ser iâmbico em alemão, optou-se por seguir a métrica clássica com relação à categorização dos substantivos não flexionados passíveis de dativo em -e. A razão de optarmos por este critério consiste no fato de que há diversos monossílabos a serem analisados, sobre os quais, por si só não é possível discorrer em termos de pé silábico, o que é admitido pelo próprio autor em sua nota de rodapé de número 2:

“Obviamente, *Wein*, como uma palavra fonológica, pode receber acento se está inserido em uma unidade maior, tal como um composto ou frase. Mas permanece a questão de que uma unidade monossilábica não pode receber acento se acento é interpretado como estritamente relacional”. (WIESE, 1996, p. 274, tradução nossa)³¹

Desta maneira, consideramos substantivos monossilábicos como uma variável independente. Se um substantivo monossilábico, tal como *Wein*, ‘vinho’, recebe -e, somente então passa a ser um substantivo de estrutura trocaica. Já substantivos como *Gesicht* [gə'ziçt], ‘rosto’, que possuem acento na segunda sílaba, receberam a designação “iâmbico”. A princípio, tal critério parece contradizer o que aqui se assume como pé silábico no alemão, uma vez que, como dito anteriormente, em consonância com a proposta de Wiese, um pé silábico não pode ser iâmbico no alemão. Embora admita que o que propõe como pé é compatível com a métrica poética, o autor, na realidade, refere-se apenas àqueles pés que possuem acento à esquerda (WIESE, 1996, p. 57). Ademais, substantivos tais como *Wein* e *Gesicht*, caso sufixados, formam ambos pés trocaicos. Entretanto, há duas razões para que estipulemos duas variáveis categóricas aqui, sendo uma de “monossílabos” e outra de “iambos”, respectivamente: a primeira diz respeito à interpretação do acento como estritamente relacional, conforme supracitado. Enquanto para *Wein* não há relação que possa ser feita com o que diz respeito à palavra fora do contexto frasal, para *Gesicht* essa relação já está dada. Ademais, ao fazermos o contraste entre os dois tipos estrutura, podemos

³¹ Texto original: “Of course, *Wein* as a phonological word may receive stress if it [sic!] embedded in a larger unit such as a compound or a phrase. But the point remains that a monosyllabic unit cannot receive stress if stress is interpreted as strictly relational”.

averiguar se, de fato, existe uma diferença, sobretudo entre monossílabos e dissílabos com sílaba pretônica.

Por fim, destacamos a categoria dos substantivos datílicos, com uma sílaba tônica seguida de duas átonas. Esta categoria é representada por *Nachmittag* ['na:χmɪ,ta:k], 'tarde', em que não consideramos a existência de acento secundário. As quatro possibilidades foram codificadas para tais substantivos de 0 a 3 para datílico, iâmbico, trocaico e monossilábico, respectivamente, sendo esta última a categoria referencial. Observe-se que não se propõe com isso que os pés silábicos do alemão sejam analisados desta forma, ao invés da já discutida em 3.4.

4.4.3 Variável Tipo de Coda

Seguindo a discussão sobre tipos de consoantes que ocupam a coda dos radicais (do último radical, quando composto) e os possíveis efeitos que possam ter sobre a estrutura da palavra, como os de restrição da apócope do -e no médio-alto-alemão, definimos a variável independente que possa desempenhar algum papel na variação da realização do dativo em -e em três categorias: posição da coda ocupada por consoantes com traço surdo (*fortis*), sonoro (*lenis*) ou em /-r, -l, -m, -n, -ng/. Dentre as últimas, o que todas guardam em comum é o fato de que não sofrem os efeitos da fortificação, tais quais as oclusivas e fricativas: são todas nasais ou líquidas, exceto por /-r/, que possui alofones, podendo ser realizado também como consoante líquida, fricativa sonora ou vocalizado, quando na posição da coda.

No que diz respeito às consoantes com traços *fortis* vs. *lenis*, há de se ressaltar que nos referimos à sua realização diante de vogal. Por exemplo, *Abschied* ['ap,ʃi:t], 'despedida', possui consoante final cuja sonoridade é preservada na grafia pelo /d/, porém, por estar em final de sílaba, sofre o processo de fortificação. O traço sonoro (ou *lenis*) é perceptível quando ocorre diante de vogal, e.g. *Abschiede* ['ap,ʃi:də]. Sendo assim, foram codificadas as variáveis de acordo com seu traço [±sonoro] quando sucedidas de vogal e se líquidas/nasais: 0 para consoantes líquidas, nasais e alofones de /r/, 1 para surdas e 2 para sonoras, sendo esta última a categoria referencial.

4.4.4 Variável Preposição Imediata

Verificou-se nos dados de Pfeffer e Janda, discutidos em 2.5.1, que há influência da preposição sobre a marcação do caso dativo nos substantivos masculinos e neutros da declinação forte quando imediatamente preposicionados, exceto para expressões fixas. A fim de verificarmos a dimensão do impacto desse fator, codificamos a ausência da preposição imediata com 0 e sua presença com 1.

4.4.5 Variáveis Tipo e Tonicidade do Fonema Subsequente

Palavras alemãs podem ser iniciadas por fonemas consonantais, semi-vocálicos e vocálicos, embora, neste último caso, haja a inserção da oclusiva glotal [ʔ], conforme discutido em 3.5.2. Especula-se que a presença de uma vogal seja impactante na (não) realização do dativo em -e decorrente de uma forma de se evitar um hiato resultante do encontro vocálico quando o substantivo recebe o -e e a palavra seguinte se inicia em vogal, razão pela qual ambas as situações foram incluídas na análise.

Em decorrência de substantivos no caso dativo também ocorrerem em final de frase, o que caracteriza uma (semi)pausa, registrada na escrita por meio de pontuação, essas situações também foram incluídas como variáveis explanatórias em potencial, sendo codificadas de 0 a 3, valores respectivos a semivogal, (semi)pausa, vogal e consoante, sendo esta última a categoria referencial.

A variável referente à tonicidade da sílaba subsequente possui relação íntima com a estrutura silábica. Como visto em 3.4, o pé silábico alemão é nucleado à esquerda, onde se encontra a sílaba tônica. O fato de se realizar uma sílaba tônica ou átona em seguida ao substantivo no dativo indicará, conseqüentemente, se é iniciado um novo pé ou se a sílaba subsequente fará parte do pé iniciado por sílaba da palavra anterior. Recordemos que um pé não pode ser iniciado em sílaba mais fraca que a anterior. A partir disto, podemos constatar se a formação ou não de um novo pé constitui um ambiente favorável ou desfavorável para a realização do dativo em -e, ou, em última instância, se tal situação é indiferente. Também para essa variável há situações em que o substantivo é seguido de (semi)pausa, de modo que que essa

situação também deva ser incluída na análise. (Semi)pausa recebeu o código 0, a variável “sílabas átonas”, 1, e a “sílabas tônicas”, categoria referencial, 2.

4.4.6 Variável Caso [$\pm$ Preposicional]

Foi incluída na análise a variável que distingue os substantivos que estejam no caso dativo regidos por verbo, preposição, ou, em alguns casos, posposição. Nekula (2003, p. 235), analisando ocorrências de dativo em -e em correspondências pessoais de Kafka, constatou que ocorrências do -e podem ser observadas sobretudo quando o caso é regido por preposição, o que deve ser motivado por estilo, por exemplo *von dem kleinem Platze*, ‘da pequena praça’, *im Dienste*, ‘no serviço’, etc. As ocorrências foram codificadas da seguinte maneira: 0 para casos posposicionais, 1 para [-preposicional] e 2 para [+preposicional], sendo estes últimos os regidos por verbo.

4.4.7 Variável Frequência

Dentre todas as variáveis independentes, apenas uma delas é contínua. Diferentemente do que vem sendo feito em trabalhos que consideram a frequência das palavras como fator preponderante para a mudança, como Bybee (2002), que a considera como uma variável dicotômica (frequente vs. infrequente), foi listado o número de ocorrências da palavra por milhão, e.g. *Haus*, ‘casa’, e *Zug*, ‘trem’, (538 e 140 ocorrências por milhão, respectivamente), de acordo com o vocabulário fundamental da língua discutido em 4.1, e não com a frequência das próprias ocorrências encontradas em nosso corpus. A distribuição foi normalizada por meio de uma transformação que retorna o logaritmo de base (número de Euler) da expressão numérica, ou seja, a cada substantivo foi atribuído um número dentro de uma escala normalizada de frequência. O resultado das codificações pode ser observado na Tabela 4.3, abaixo, organizada por ordem decrescente de ocorrências:

Tabela 4.3 Frequência dos substantivos analisados

Substantivo	Frequência	Substantivo	Frequência	Substantivo	Frequência	Substantivo	Frequência
<i>Jahr(e)</i>	7,732	<i>Bild(e)</i>	5,663	<i>Licht(e)</i>	5,100	<i>Geist(e)</i>	4,174
<i>Beispiel(e)</i>	7,517	<i>Buch(e)</i>	5,663	<i>Zug(e)</i>	5,081	<i>Hof(e)</i>	4,159
<i>Mal(e)</i>	7,313	<i>Blick(e)</i>	5,602	<i>Arm(e)</i>	5,024	<i>Ton(e)</i>	4,127
<i>Tag(e)</i>	6,837	<i>Abend(e)</i>	5,598	<i>Bett(e)</i>	4,875	<i>Nachmittag(e)</i>	4,111
<i>Kind(e)</i>	6,757	<i>Freund(e)</i>	5,533	<i>Tod(e)</i>	4,875	<i>Schloß(e)</i>	4,111
<i>Mann(e)</i>	6,565	<i>Anfang(e)</i>	5,489	<i>Dorf(e)</i>	4,836	<i>Wein(e)</i>	3,951
<i>Land(e)</i>	6,368	<i>Platz(e)</i>	5,464	<i>Augenblick(e)</i>	4,828	<i>Hals(e)</i>	3,829
<i>Haus(e)</i>	6,288	<i>Gesicht(e)</i>	5,416	<i>Glück(e)</i>	4,718	<i>Frühjahr(e)</i>	3,689
<i>Teil(e)</i>	6,275	<i>Gespräch(e)</i>	5,384	<i>Haar(e)</i>	4,673	<i>Mittag(e)</i>	3,584
<i>Grund(e)</i>	5,986	<i>Ort(e)</i>	5,357	<i>Mund(e)</i>	4,554	<i>Leib(e)</i>	3,296
<i>Weg(e)</i>	5,974	<i>Tisch(e)</i>	5,333	<i>Maß(e)</i>	4,511	<i>Abschied(e)</i>	3,219
<i>Geld(e)</i>	5,938	<i>Gott(e)</i>	5,308	<i>Schluß(e)</i>	4,443	<i>Saal(e)</i>	3,219
<i>Wort(e)</i>	5,872	<i>Sohn(e)</i>	5,198	<i>Wald(e)</i>	4,431	<i>Schrank(e)</i>	3,091
<i>Kopf(e)</i>	5,866	<i>Schritt(e)</i>	5,130	<i>Volk(e)</i>	4,382	----	----
<i>Sinn(e)</i>	5,846	<i>Spiel(e)</i>	5,106	<i>Rand(e)</i>	4,234	----	----

4.5 Performance do Teste de Regressão Logística, resultados e interpretação

Nesta seção são apresentados como foi realizado o teste de regressão logística, os resultados e como os mesmos devem ser interpretados, para que, posteriormente, façamos um balanço sobre o papel dos fatores envolvidos na variação do dativo em -e.

Dentre os métodos disponibilizados pelo SPSS, foi escolhido o “Avançar: Condicional”, “[...] método gradual de seleção com teste de entrada baseado na significância da pontuação estatística e teste de remoção baseado na probabilidade de uma estatística de razão de verossimilhança baseado em estimativas de parâmetros condicionais” (ROVAI, 2013, p. 390, tradução nossa³², para este e outros métodos), ou, em outras palavras, um método passo a passo que seleciona as variáveis em uma ordem que maximiza a contribuição estatisticamente significativa do modelo. Dentre outros a serem discutidos mais adiante, o resultado de maior interesse

³² Texto original: “a stepwise selection method with entry testing based on the significance of the score statistic and removal testing based on the probability of a likelihood-ratio statistic based on conditional parameter estimates.”

é o das variáveis na equação (*variables in the equation*), como mostrado na Figura 4.1, que apresenta o *output* da análise estatística:

Figura 4.1 Resultado do teste de regressão logística (variáveis na equação) envolvendo todos os autores

Variables in the Equation					
	B	S.E.	df	Sig.	Exp(B)
Step 6					
TIPO_CODA (Comparada a coda não pass. fortificação/pass. Sonorid.)			2	,000	
TIPO_CODA Coda em não obstruintes (-l/-m/-n/-ng) ou -r	-1,341	,194	1	,000	,262
TIPO_CODA Coda pass. fortificação/fricativas surdas	-1,543	,170	1	,000	,214
Autor (em comparação a Franz Kafka)			11	,000	
Autor E.T.A. Hoffman	1,676	,406	1	,000	5,345
Autor Jeremias Gotthelf	1,229	,384	1	,001	3,419
Autor Heinrich Heine	1,480	,425	1	,001	4,391
Autor Eduard Mörike	,484	,371	1	,191	1,623
Autor Adalbert Stifter	3,841	,497	1	,000	46,564
Autor Theodor Storm	1,480	,368	1	,000	4,394
Autor Gottfried Keller	2,089	,396	1	,000	8,078
Autor Theodor Fontane	1,017	,399	1	,011	2,766
Autor Wilhelm Raabe	1,024	,381	1	,007	2,785
Autor Arthur Schnitzler	,526	,394	1	,183	1,692
Autor Rainer Maria Rilke	1,161	,389	1	,003	3,195
PREPOS_IMMEDIATA Não	,916	,215	1	,000	2,500
FONEMA_SEGUINTE (Em comparação a Consoante)			3	,000	
FONEMA_SEGUINTE Semivogal	-20,856	40192,970	1	1,000	,000
FONEMA_SEGUINTE Ø (Semi)pausa	-,898	,213	1	,000	,407
FONEMA_SEGUINTE Vogal	-,808	,186	1	,000	,446
TONICIDADE_SÍLABA_SEG (Em comparação a tônica)			1	,000	
TONICIDADE_SÍLABA_SEG Átona	-,736	,181	1	,000	,479
ESTR_SILAB_Item_Voc (Em comparação a Monossílabo)			3	,000	
ESTR_SILAB_Item_Voc Datílico	-1,304	,634	1	,040	,271
ESTR_SILAB_Item_Voc Iâmbico	-,738	,392	1	,060	,478
ESTR_SILAB_Item_Voc Trocaico	-3,272	,357	1	,000	,038
Constant	,000	,389	1	,999	1,000

Para não nos afastarmos do escopo deste trabalho, atenhamo-nos apenas aos resultados da coluna que contém as variáveis independentes de interesse, aos da coluna que contém as estatísticas do teste de Wald (*Sig.*), e, da mesma maneira, aos da coluna *Exp(B)*, que exhibe a razão de probabilidade do evento (*odds ratio*). Para demais detalhes sobre a interpretação do modelo de regressão logística, cf. Field (2009, p. 277-294).

Crucial para a análise são as estatísticas do teste de Wald, que mostram se as variáveis explanatórias exercem uma contribuição significativa para a previsão do resultado. Neste ponto, é necessário introduzir dois conceitos úteis para quando se fazem testes estatísticos do gênero, a saber, o de **hipótese nula** (ou H_0) e o de **hipótese alternativa** (H_1). A hipótese nula é aquela que fazemos assumindo que uma determinada variável não possui impacto sobre certo evento. Um exemplo disso é afirmarmos que “a variável tipo de coda” não possui qualquer impacto sobre a variável dependente “realização do dativo em -e”. O inverso disto é a hipótese alternativa. Sendo assim, se obtivermos um resultado estatisticamente significativo para a variável independente “tipo de coda”, podemos rejeitar a hipótese nula e aceitar a hipótese alternativa de que, sim, a variável explanatória “tipo de coda” exerce, de fato, impacto sobre a variável dependente “realização do dativo em -e”. Para rejeitarmos a hipótese nula é necessário que obtenhamos um resultado estatisticamente significativo, que nos é fornecido pelo **valor de probabilidade**, o valor de p (do inglês *p-value*), comumente utilizado como referência em estatística. O valor necessário para que rejeitemos a hipótese nula e aceitemos a alternativa deve ser menor que .05³³. Portanto, sendo o valor de p em nosso caso menor que .05 ($p = 000$), podemos rejeitar a hipótese nula de que o fator “tipo de coda” não exerce impacto sobre a realização do dativo em -e e aceitar a hipótese alternativa.

Por fim, devemos considerar os dados da coluna referentes à **razão de probabilidade**, fornecidos pela coluna $Exp(B)$. Se o valor de p para determinada variável é estatisticamente significativo, e o valor da coluna contendo valores da razão de probabilidade for maior que 1.0, podemos concluir que as chances de aquele determinado evento ocorrer aumentam, quando comparadas às da categoria referencial. Se esse valor for menor que 1.0, concluímos que as chances diminuem. Podemos tomar como exemplo a variável independente “autor”. A categoria referencial é aquela que recebeu maior valor quando codificamos os dados (Kafka, código 11). Concluímos, portanto, que a probabilidade de encontrarmos um substantivo marcado com dativo em -e na obra de Adalbert Stifter é, levando em conta

³³ Há argumentos em favor do valor de $p < .10$ (LARSON-HALL, 2010). Entretanto, manteremos o valor referencial usual para garantir mais rigorosa confiabilidade dos resultados.

a interação desta com outras variáveis independentes, aproximadamente 46 vezes maior do que em obras de Kafka, exatamente 4556,4%, em termos percentuais ($46,564 - 1 = 45,564$). De fato, essa discrepância pode ser observada nos dados de ambos os autores: realização de dativo em -e em 92% dos substantivos em Stifter e apenas 22,2%, em Kafka, considerados, concomitantemente, outros fatores (variáveis independentes). Uma discussão aprofundada do impacto sobre todas as variáveis independentes para as quais se obteve um valor de p estatisticamente significativo será feita de 5.1 em diante, onde são apresentadas as análises.

Uma vez esclarecidas essas questões, é pertinente considerar que os resultados em si não possuem utilidade estatística se não for feita uma avaliação do modelo como um todo. Na seção seguinte, faremos uma análise geral dele para verificarmos se se adequa aos nossos dados.

4.6 A Efetividade do Modelo de Regressão Logística

Para que possamos confirmar se o modelo como um todo é adequado e significativo, devemos analisar algumas outras estatísticas fornecidas pelo SPSS como resultado. Alguns deles são mostrados na Tabela 4.4 *omnibus tests of model coefficients*, que se utiliza da *model chi-square statistic*, um teste qui-quadrado, o qual mensura a diferença entre o modelo criado e o modelo anterior, o qual não inclui as variáveis independentes, e nos informa sobre sua capacidade de fazer previsão da probabilidade de certa ocorrência por meio de um índice de significância estatística que desejamos ser $p < .05$. O que esses testes basicamente fazem é avaliar se há uma relação entre a variável dependente e uma combinação das variáveis independentes, fornecendo-nos evidência de que o modelo que inclui todas as variáveis independentes possui maior capacidade de previsão do que um modelo que não inclui quaisquer. Os resultados podem ser consultados na Tabela 4.4 abaixo, em que podemos constatar que o modelo (*model*) foi gerado de maneira gradual em seis passos (note-se na primeira coluna *step* 6, 'passo 6'), que representa uma medida de melhora do poder de previsão do modelo com relação ao passo anterior, e que o resultado da última coluna é estatisticamente significativo, fornecendo um valor de p de ,000 (portanto, $p < .05$):

Tabela 4.4 Teste qui-quadrado de análise geral

<i>Omnibus Tests of Model Coefficients</i>				
		Chi-square	df	Sig.
Step 1	Step	150,254	3	,000
	Block	150,254	3	,000
	Model	150,254	3	,000
Step 2	Step	160,806	11	,000
	Block	311,060	14	,000
	Model	311,060	14	,000
Step 3	Step	92,767	2	,000
	Block	403,827	16	,000
	Model	403,827	16	,000
Step 4	Step	22,144	1	,000
	Block	425,972	17	,000
	Model	425,972	17	,000
Step 5	Step	19,227	3	,000
	Block	445,199	20	,000
	Model	445,199	20	,000
Step 6	Step	16,948	1	,000
	Block	462,147	21	,000
	Model	462,147	21	,000

Isto nos permite concluir que o modelo que contém as variáveis independentes é capaz de fazer uma classificação e previsão com maior precisão do que um modelo que não inclui quaisquer variáveis independentes.

Em alternativa à *model chi-square statistic*, temos a *Hosmer and Lemeshow goodness-of-fit statistic* (ou, simplesmente, *H-L Statistic*, um teste de qualidade de ajuste de Hosmer e Lemeshow). Diferentemente do anterior, a *H-L Statistic* testa a hipótese de que não há diferença entre o modelo que contém as variáveis e aquele que não contém nenhuma delas. Neste caso, desejamos não obter um valor de p estatisticamente significativo. O resultado desse tipo de teste pode ser observado na Tabela 4.5:

Tabela 4.5 Teste de qualidade de ajuste de Hosmer e Lemeshow

<i>Hosmer and Lemeshow Test</i>			
<i>Step</i>	<i>Chi-square</i>	<i>df</i>	<i>Sig.</i>
1	,000	1	1,000
2	1,431	8	,994
3	6,380	8	,605
4	10,903	8	,207
5	9,361	8	,313
6	12,519	8	,130

Como vemos pelo resultado destacado no último passo, o teste retornou um valor de p estatisticamente insignificante, portanto não podemos rejeitar a hipótese de que o modelo gerado não possui maior capacidade de previsão do que aquele que não contém quaisquer variáveis explanatórias. Isto nos permite concluir, uma vez mais, que o modelo é adequado e que as variáveis independentes, ou algumas delas, desempenham papel na variação da realização do dativo em -e.

Por fim, um último critério pode ser empregado para validar nosso modelo: a razão proporcional de acurácia casual (*proportional by chance accuracy rate*).

Tabela 4.6 Classificação dos dados do modelo
sem variáveis explanatórias

Classification Table					
			Predicted		Percentage Correct
			Dativo realizado em -e		
Observed			Não	Sim	
Step 0	Dativo	Não	0	573	0,0
	realizado em -e	Sim	0	659	100,0
	Overall Percentage				53,5

Esse critério assume que o percentual geral de classificação dos casos que obtivermos empregando nosso modelo final deva ser 25% maior que a razão proporcional de acurácia casual (COSTEA, 2014, p. 206). Essa razão pode ser calculada somando-se os quadrados dos valores percentuais fornecidos pela tabela

de classificação do modelo que não inclui as variáveis explanatórias. O resultado da tabela de classificação pode ser consultado em 4.6 acima.

Os percentuais de classificação são os já dados 53,5% e os deduzidos 46,5% (100 - 53,5). Calculando a razão proporcional de acurácia casual, obtivemos 50,24% ($0,535^2 + 0,465^2 = 0,50245$). Já o percentual geral de classificação do modelo final pode ser consultado na Tabela 4.7:

Tabela 4.7 Classificação dos dados do modelo
com variáveis explanatórias

Classification Table					
Observed			Predicted		
			Dativo realizado em -		Percentage Correct
			e		
			Não	Sim	
Step 1	Dativo realizado em -e	Não	150	423	26,2
		Sim	23	636	96,5
	Overall Percentage				63,8
Step 2	Dativo realizado em -e	Não	301	272	52,5
		Sim	117	542	82,2
	Overall Percentage				68,4
Step 3	Dativo realizado em -e	Não	413	160	72,1
		Sim	195	464	70,4
	Overall Percentage				71,2
Step 4	Dativo realizado em -e	Não	386	187	67,4
		Sim	148	511	77,5
	Overall Percentage				72,8
Step 5	Dativo realizado em -e	Não	390	183	68,1
		Sim	148	511	77,5
	Overall Percentage				73,1
Step 6	Dativo realizado em -e	Não	400	173	69,8
		Sim	149	510	77,4
	Overall Percentage				73,9

Como assumimos que o valor percentual de classificação dos casos no modelo final deva ser 25% maior que a razão proporcional de acurácia casual, podemos confirmar a utilidade de nosso modelo em termos de capacidade de previsão dos casos ($73,9\% > 62,80\% [= 0,50245 * 1,25]$).

Desta maneira, confirmada a utilidade de nosso modelo, passaremos à análise da contribuição individual das variáveis explanatórias na variação da realização do dativo em -e. Aos mesmos testes foram submetidos os modelos finais gerados para análise dos fatores influentes especificamente nos dados coletados de cada autor, e os resultados serão comentados individualmente em 5.2.

5. ANÁLISE DOS DADOS: O recuo do dativo em -e

“Como vocês devem saber, há duas maneiras de se formar o dativo em alemão. A nova forma não é morfológica no singular. A forma antiga certamente o é, já que há um ‘-e’ anexo aos substantivos masculinos e neutros fortes.

‘dem Mann(e)’

Isto deve ser um exemplo claro de mudança linguística, bem como o dativo junto de *wegen*, ‘por causa de’, a formação do imperativo, o duplo particípio, etc.

Entretanto, com todo o respeito à mudança linguística, acho uma pena que o sistema de casos do alemão se degrade de maneira que as formas mal sejam realizadas morfológicamente. Acho muito bonito que o alemão, dentre as línguas europeias, ao lado de algumas outras, ainda tenha um sistema de casos marcado. Por isso, eu tento incorporar esse dativo em -e ao meu uso da língua, sempre usá-lo, mesmo que ainda seja muito difícil, e eu ainda o esqueça, na maioria das vezes.”³⁴

São feitos, a seguir, dois tipos de análise: o primeiro leva em conta uma análise global dos dados incluindo todos os autores em questão. Como a quantidade de dados é muito mais robusta em comparação aos dados considerados individualmente para cada autor, há de se esperar duas consequências: que as variáveis independentes escolhidas por desempenharem um papel explanatório sobre a variação também sejam encontradas, ao menos parcialmente, como fatores igualmente impactantes nas análises individuais e, ademais, que a variável independente “autor” seja também escolhida. Isso se explica devido ao fato de que o fator diacrônico esteja implícito na análise, uma vez que os autores em questão estão mais ou menos distantes no tempo, ao longo do qual o dativo em -e sabidamente teve seu uso reduzido.

³⁴ Tradução nossa. Lamentação de um falante nativo da língua alemã quanto ao declínio no emprego do dativo em -e, disponível no fórum linguístico em <http://www.linguisten.de/Thread-Das-deutsche-Dativ-e> (última visita em junho/2015. Texto original:

“wie ihr wohl wisst, gibt es im Deutschen zwei Formen den Dativ zu bilden. Die neue Form ist nicht morphologisch im Singular. Die alte Form ist dies allerdings, indem sie ein ‘-e’ an die starken männlichen und neutralen Nomen heranhängt.

‘dem Mann(e)’

Dies ist wohl ein deutliches Beispiel für Sprachwandel, wie es auch der Dativ bei *wegen* ist, die Imperativbildung, das doppelte Partizip etc. Allerdings, bei allem Respekt dem Sprachwandel gegenüber, finde ich es schade, dass das Kasussystem des Deutschen so ausartet, dass die Formen kaum noch morphologisch realisiert werden. Ich finde es eher sehr schön, dass Deutsch unter den europäischen Sprachen, neben ein paar anderen, noch ein ausgeprägtes Kasussystem hat. Ich versuche deshalb dieses Dativ-e in meinen Sprachgebrauch einzubauen, es also immer zu benutzen, auch wenn das sehr schwer ist und ich es meistens noch vergesse.“

Dito isto, partamos para os dois tipos de análise, a começar pela global, que inclui todos os autores, para, posteriormente, verificarmos se os mesmos fatores podem ser considerados como impactantes em cada autor.

5.1 Análise Geral

Os dados analisados são de ocorrências ou não do dativo em -e que estão distribuídos entre todos os autores da seguinte maneira:

Tabela 5.1 Realização do dativo em -e por todos os autores

	Frequência	%
Não	573	46,5
Sim	659	53,5
Total	1232	100,0

O método aqui utilizado, como mencionado anteriormente, é o “Gradual Avançar: Condicional”, pelo qual as variáveis são selecionadas em uma ordem que maximiza a contribuição estatisticamente significativa do modelo.

Em seis passos, foram escolhidas gradualmente, na ordem dada, seis Variáveis Independentes: Estrutura do Item Vocabular no Caso Dativo > Autor > Tipo de Coda > Substantivo Imediatamente Preposicionado > Fonema seguinte ao substantivo (se vogal, consoante, semivogal ou Ø [pausa ou semipausa]) > Tonicidade da Sílabas Seguinte. Todas as demais Variáveis Independentes, para as quais os dados foram testados, se mostraram preteridas por não terem capacidade explanatória sobre a variação do dativo em -e, ao menos nos dados em questão, e podem ser imediatamente descartadas como impactantes na realização ou não do dativo em -e. São elas: Frequência do Substantivo; Gênero do Substantivo (se masculino ou neutro); Região de Origem dos autores; Regência do caso [$\pm$ Preposicional]; Animacidade.

Figura 5.1 Resultado do teste de regressão logística (variáveis na equação)
envolvendo todos os autores

Variables in the Equation					
	B	S.E.	df	Sig.	Exp(B)
Step 6 TIPO_CODA (Comparada a coda não pass. fortidão/pass. Sonorid.)			2	,000	
TIPO_CODA Coda em não obstruintes (-l/-m/-n/-ng) ou -r	-1,341	,194	1	,000	,262
TIPO_CODA Coda pass. fortidão/fricativas surdas	-1,543	,170	1	,000	,214
Autor (em comparação a Franz Kafka)			11	,000	
Autor E.T.A. Hoffman	1,676	,406	1	,000	5,345
Autor Jeremias Gotthelf	1,229	,384	1	,001	3,419
Autor Heinrich Heine	1,480	,425	1	,001	4,391
Autor Eduard Mörike	,484	,371	1	,191	1,623
Autor Adalbert Stifter	3,841	,497	1	,000	46,564
Autor Theodor Storm	1,480	,368	1	,000	4,394
Autor Gottfried Keller	2,089	,396	1	,000	8,078
Autor Theodor Fontane	1,017	,399	1	,011	2,766
Autor Wilhelm Raabe	1,024	,381	1	,007	2,785
Autor Arthur Schnitzler	,526	,394	1	,183	1,692
Autor Rainer Maria Rilke	1,161	,389	1	,003	3,195
PREPOS_IMMEDIATA Não	,916	,215	1	,000	2,500
FONEMA_SEGUINTE (Em comparação a Consoante)			3	,000	
FONEMA_SEGUINTE Semivogal	-20,856	40192,970	1	1,000	,000
FONEMA_SEGUINTE Ø (Semi)pausa	-,898	,213	1	,000	,407
FONEMA_SEGUINTE Vogal	-,808	,186	1	,000	,446
TONICIDADE_SILABA_SEG (Em comparação a tônica)			1	,000	
TONICIDADE_SILABA_SEG Átona	-,736	,181	1	,000	,479
ESTR_SILAB_Item_Voc (Em comparação a Monossílabo)			3	,000	
ESTR_SILAB_Item_Voc Datílico	-1,304	,634	1	,040	,271
ESTR_SILAB_Item_Voc Iâmbico	-,738	,392	1	,060	,478
ESTR_SILAB_Item_Voc Trocaico	-3,272	,357	1	,000	,038
Constant	,000	,389	1	,999	1,000

A contribuição individual de cada uma das seis Variáveis Independentes selecionadas é apresentada na Figura 4.1, reproduzida acima como Figura 5.1, em que o valor p da coluna Sig. é estatisticamente significativa para todas ($p. < .05$), exceto para as que excedem o valor referencial, e que, portanto, não fornecem robustez estatística para diferenciá-las do valor de referência de cada subgrupo de variáveis, destacadas horizontalmente em diferentes tonalidades de cores. Da mesma forma, a Variável Independente com um valor de erro padrão muito discrepante das demais (coluna S.E.) apresenta **multicolinearidade**, ou seja, as ocorrências são categóricas, não havendo qualquer variação. Neste caso, os resultados não devem ser analisados

devido à própria ausência de variação ou à escassez dos dados que impede constatação de variação, mesmo que mínima:

Há de se salientar que o impacto de cada variável independente sobre o resultado da variável dependente se dá em relação a outras variáveis independentes atuando simultaneamente dentro de um sistema complexo de interações de diferentes fatores. A seguir, é analisada a importância individual de cada variável independente sobre a realização ou não do dativo em -e em comparação à(s) outra(s) possibilidade(s) dentro de sua mesma categoria, haja vista que os fatores são categóricos, estando em distribuição complementar no mínimo binária, e.g., se o caso é [$\pm$ preposicional], questão cujas respostas podem ser “sim” ou “não”.

5.1.1 TIPO DE CODA

A distribuição da realização do dativo em -e por tipo de consoante que ocupa a posição da coda de substantivos passíveis dessa declinação pode ser observada na Tabela 5.2, que indica que há uma aparente preferência pela marcação de substantivos com morfema -e quando o radical do substantivo (último radical, quando composto) termina em uma consoante passível de sonoridade, como em (35) - lembremos que sonoridade aqui se trata de sua característica subjacente, uma vez que consoantes que ocupam a posição da coda obrigatoriamente são surdas.

- (35) *Du hättest bei mir, deinem väterlichen **Freunde** [...] Trost gefunden [...]*
Você teria em mim, seu paternal amigo [...] conforto encontrado
'você teria encontrado conforto em mim, seu amigo paternal[...]

Na Figura 5.1, em que é exibido o resultado do teste de regressão logística, verifica-se que o valor de *Exp (B)* para a variável “Substantivos que têm a posição da coda ocupada por uma consoante nasal ou líquida (e.g. /-l,-m,-n,-ng/) ou /-r/, como no exemplo (36), foi de .262, o que implica queda de 73,83% (.262 - 1 = -.73) na probabilidade (de realização do dativo em -e em comparação à categoria referencial, ou seja, coda ocupada por consoante sonora). Uma afirmação do tipo “Substantivos cujos radicais têm a posição da coda ocupada por uma consoante nasal ou líquida /-l, -m, -n, -ng/ ou /-r/, como em (36), têm 73,83% menos probabilidades de realizar o

dativo em -e que substantivos com posição da coda ocupada por consoantes que sejam sonoras” é correta.

Tabela 5.2 (Não) realização do Dativo em -e
por tipo de Coda do Substantivo

			Dativo realizado em -e		Total
			Não	Sim	
Tipo de coda	Coda consoante nasal ou líquida (/r, - l, -m, -n,-ng/	Ocorrências	147	108	255
		Percentual	57,6%	42,4%	100,0%
	Coda em consoante surda	Ocorrências	275	186	461
		Percentual	59,7%	40,3%	100,0%
	Coda em consoante sonora*	Ocorrências	151	365	516
		Percentual	29,3%	70,7%	100,0%
Total		Ocorrências	573	659	1232
		Percentual	46,5%	53,5%	100,0%

* categoria referencial

Igualmente, a probabilidade de realização do dativo em -e junto de substantivos cujo radical tenha a posição da coda ocupada por consoantes surdas, como no exemplo de (37), é 78,63% menor quando comparadas às probabilidades de realização do morfema em substantivos da categoria referencial - coda ocupada por consoante sonora -, a qual é mais provavelmente passível de flexão, portanto um ambiente mais favorável para a realização do dativo em -e.

(36) [...] als ich ihn zum ersten **Male** sah [...]
 [...] quando eu ele_{ACUS.} pela primeira vez vi
 ‘quando eu o vi pela primeira vez’

(37) Zum **Glück** kam niemand mehr in die Kirche [...]
 Por sorte veio ninguém mais em a igreja [...]
 ‘por sorte, ninguém mais veio à igreja’

Ademais, não parece haver diferença entre substantivos cuja coda seja ocupada por consoante surda ou em nasais, líquidas ou alofones de /r/.

5.1.2 AUTOR

A distribuição das ocorrências do dativo é exibida na Tabela 5.3 e no Gráfico 1:

Tabela 5.3 (Não) realização do Dativo em -e por autor

Autor		Dativo realizado em -e		Total
		Não	Sim	
E.T.A. Hoffman	Ocorrências	40	46	86
	Percentual	46,5%	53,5%	100,0%
Jeremias Gotthelf	Ocorrências	48	54	102
	Percentual	47,1%	52,9%	100,0%
Heinrich Heine	Ocorrências	28	37	65
	Percentual	43,1%	56,9%	100,0%
Eduard Mörike	Ocorrências	91	47	138
	Percentual	65,9%	34,1%	100,0%
Adalbert Stifter	Ocorrências	10	115	125
	Percentual	8,0%	92,0%	100,0%
Theodor Storm	Ocorrências	59	85	144
	Percentual	41,0%	59,0%	100,0%
Gottfried Keller	Ocorrências	30	78	108
	Percentual	27,8%	72,2%	100,0%
Theodor Fontane	Ocorrências	45	41	86
	Percentual	52,3%	47,7%	100,0%
Wilhelm Raabe	Ocorrências	53	53	106
	Percentual	50,0%	50,0%	100,0%
Arthur Schnitzler	Ocorrências	61	36	97
	Percentual	62,9%	37,1%	100,0%
Rainer Maria Rilke	Ocorrências	52	51	103
	Percentual	50,5%	49,5%	100,0%
Franz Kafka	Ocorrências	56	16	72
	Percentual	77,8%	22,2%	100,0%
Total	Ocorrências	573	659	1232
	Percentual	46,5%	53,5%	100,0%

Gráfico 5.1 (Não) realização do Dativo em -e por autor

É importante ressaltar que a proporção de ocorrências dentro de uma mesma categoria, i.e., para cada autor, desempenha um papel mais importante do que a maior quantidade de ocorrências encontradas na obra de um mesmo autor. Por exemplo, verificamos que a quantidade de ocorrências tanto de substantivos marcados quanto os não marcados com o morfema -e é muito maior na amostra retirada de Adalbert Stifter quando comparada à retirada de Kafka, porém, ainda maior é a proporção de realização do schwa em obras daquele autor em relação a este (92% vs. 22,2%).

As probabilidades de haver realização do dativo em -e são maiores para todos os autores quando comparados à categoria referencial (autor Franz Kafka), o que pode ser verificado nos resultados da análise de regressão logística, apresentados em valores percentuais na Tabela 5.4 a seguir:

Tabela 5.4 Probabilidade de Realização do Dativo em -e autor

Autor	Probabilidade de Realização do Dativo em -e em %
Franz Kafka >>>>>>>>	Categoria Referencial
E.T.A. Hoffman	434,54
Jeremias Gotthelf	241,86
Heinrich Heine	339,09
Adalbert Stifter	4556,41
Theodor Storm	339,40
Gottfried Keller	707,78
Theodor Fontane	176,59
Wilhelm Raabe	178,47
Rainer Maria Rilke	219,46

Os dados acima confirmam que a proporção superior de substantivos flexionados no dativo singular no autor Adalbert Stifter em relação a Kafka não é gratuita, uma vez que as chances de um substantivo passível de flexão em -e no dativo ser encontrado são, aproximadamente, 46 vezes maiores em Stifter que em Kafka. Não foram apresentados acima os dados referentes aos autores Eduard Mörike e Arthur Schnitzler, pois na análise em regressão logística, os resultados para ambos não foram estatisticamente significantes ($p .05 < .191$ e $.183$, respectivamente), o que nos

leva à conclusão de que não há diferença quanto à realização do morfema em Kafka, Mörike e Schnitzler, muito embora seu percentual, a princípio, pareça sugerir outro panorama (22%, 34,1% e 37,1%, respectivamente), porém, os resultados não foram suficientes para subsidiar a afirmação de que há qualquer diferença entre eles. Ademais, a proporção menor de realização do dativo em -e é compartilhada pelos três autores, em cujas obras a maior parte dos substantivos não é flexionada em -e. A julgar apenas pelos percentuais da Tabela 5.3, também podemos concluir que em vários dos autores, como Gotthelf, Heine, Storm, Fontane, Raabe e Rilke, a quantidade de substantivos com caso dativo realizado ou não em -e está mais ou menos próxima dos 50%, o que sugere que há grande variação e que a mudança, ao menos nesses autores, parece se encontrar em estágio intermediário. Mudanças desse tipo são comparadas, geralmente, em analogia a uma **curva em S**. Acerca do tema, Hopper e Traugott (2003, p. 130) afirmam que “[...] mudanças dramáticas desse tipo são discutidas em termos de curvas em S, isto é, início gradual, propagação rápida e diminuição gradual.” (tradução nossa)³⁵, portanto, a mudança estaria no meio do processo. Entretanto, uma análise em termos puramente percentuais com relação à quantidade absoluta e proporcional de ocorrências não é prudente, uma vez que o fenômeno de variação deva ser considerado num contexto em que outras variáveis independentes também estão envolvidas e podem ter impacto sobre a variável dependente, ou seja, a realização ou não do dativo em -e.

5.1.3 SUBSTANTIVOS (I)MEDIATAMENTE (OU NÃO) PREPOSICIONADOS

Tanto os substantivos que não possuem qualquer tipo de artigo e que são imediatamente preposicionados, como *zu Hause*, ‘em casa’, quanto os que são apenas mediatamente preposicionados, como em (38), bem como os casos que não são preposicionais (regência de caso verbal), tal como em (39), estão distribuídos em termos de (não) marcação de caso morfológico no dativo singular dos substantivos fortes da na Tabela 5.5:

(38) [...] *fragete ich einem geschnitzten **Bilde** der Maria nach [...]*

³⁵ Tradução nossa. Texto original: “Dramatic changes of this type are often discussed in terms of S-curves, that is, gradual beginnings, rapid spread and gradual tapering off.”

[...] perguntei eu uma esculpida imagem de Maria por [...]
 '[...] eu perguntei por uma imagem esculpida de Maria [...]

- (39) [...] *Dem Manne, den ich hasse, will er mich zum **Weibe** geben!*
 [...] O_{DAT.} homem, que eu odeio, quer ele me como esposa dar
 '[...] Ao. homem que eu odeio ele quer me dar como esposa'

Verifica-se que a maior parte dos substantivos não é imediatamente preposicionada, havendo entre a preposição e o substantivo em questão algum tipo de determinante, adjetivo, etc, como em (40) abaixo, ou simplesmente os substantivos não são precedidos por qualquer preposição (exemplos em que a regência de caso é [-preposicional]. Compare-se aquela situação à do exemplo em (41):

Tabela 5.5 (Não) realização do Dativo em -e em substantivos
 (i)mediatamente ou não preposicionados em todas as obras

		Dativo realizado em -e		Total
		Não	Sim	
Mediatamente ou não preposicionados	Ocorrências	488	597	1085
	Percentual	45,0%	55,0%	100,0%
Imediatamente Preposicionados	Ocorrências	85	62	147
	Percentual	57,8%	42,2%	100,0%
Total	Ocorrências	573	659	1232
	Percentual	46,5%	53,5%	100,0%

- (40) [...] *in demselben **Augenblick** legte Katharina die Hand auf meine Schulter [...]*
 [...] em o mesmo momento colocou Katharina a mão sobre meu ombro [...]
 '[...] no mesmo momento, Katharina colocou a mão sobre meu ombro [...]
- (41) [...] *aber das kommt meinem **Mann** nicht in Sinn [...]*
 [...] mas isso vem meu marido não em razão [...]
 '[...] mas isso não lhe ocorre ao meu marido [...]

O que particularmente nos chama a atenção na distribuição das ocorrências é o fato de que, embora em menor número, os substantivos sem artigo e também imediatamente preposicionados são bastante representativos: o percentual de ocorrências envolvendo todos os substantivos na Tabela de referência cruzada 5.5 acima é bem próximo ao meio termo, não havendo qualquer discrepância entre os percentuais em termos proporcionais, uma vez que variam de 42,2% a 57,8%. Entretanto, segundo o teste de regressão logística, as probabilidades de realização do dativo em -e aumentam para 150,01% em relação à variável de referência (substantivos sem artigo imediatamente preposicionados) quando os substantivos não são imediatamente preposicionados. Portanto, as chances de haver a marcação são maiores para substantivos não imediatamente preposicionados, haja vista que, mesmo que o sejam, grande é a probabilidade de não haver a flexão morfológica (em nosso exemplo, 57,8% não o são!).

Outro fato chama especialmente a atenção quando observamos que há, dentre os substantivos sem artigo imediatamente preposicionados, uma quantidade relativamente alta de ocorrências de substantivos flexionados (42,2%), algo a ser verificado com mais atenção, haja vista que para expressões fixas é algo esperado, enquanto para expressões que não sejam fixas a preposição constitui um ambiente desfavorável para realização do dativo em -e. (PFEFFER; JANDA, 1979). É de nosso conhecimento que “[...] o uso do dativo em -e é limitado a certas expressões fixas, em que ele sempre ocorre (como em *im Falle eines Falles*, ‘se vier ao caso’; ou *zu Hause*, ‘em casa’) [...]”³⁶ (STEVENSON, 1998, p. 108). Podemos também acrescentar a esses casos o exemplo de *nach Hause*, ‘para casa’. Considerando isto, ao analisarmos quais itens vocabulares são flexionados para dativo quando sem artigo e imediatamente preposicionados, verificamos que nada menos que 38 deles, totalizando 61,3% das ocorrências, correspondem a *Haus(e)*, ‘casa’. Indo mais além, verificamos que 36 destas mesmas ocorrências se dão com as preposições *zu*, ‘em’, e *nach*, ‘para’³⁷. A

³⁶ Tradução própria. Texto original: “[...] the use of the dative -e is limited to certain fixed expressions, where it either always occurs (as in *im Falle eines Falles*, ‘if it comes to it’; or *zu Hause*, ‘at home’) [...]”

³⁷ *nach* e *zu* não apresentam, aqui, o uso prototípico do dativo. Há evidências de diferenças morfológicas desencadeadas pelo uso de diferentes preposições: no alemão texano, por exemplo, o uso de diferentes preposições que no alemão padrão desencadeariam a realização do mesmo caso dativo acabam por desencadear o acusativo em algumas instâncias (BOAS, 2009).

partir disto, podemos concluir que expressões fixas desempenham um papel preponderante na realização do morfema -e para o dativo quando os itens vocabulares são imediatamente preposicionados. Consequentemente, concluímos que as probabilidades de realização do dativo em -e nos substantivos apenas mediatamente preposicionados e naqueles resultantes de casos não preposicionais seriam ainda maiores que os 150,1% anteriormente mencionados.

5.1.4 FONEMA INICIAL DA SÍLABA SUBSEQUENTE

Outra variável explanatória de interesse diz respeito ao fonema inicial da sílaba subsequente ao item vocabular passível de flexão morfológica. Neste caso, temos, a rigor, três possibilidades: vogal, semivogal ou consoante, como nos exemplos (42), (43) e (44), respectivamente. Entretanto, podemos acrescentar uma quarta, que seria uma variável Ø, ausência de fonema caracterizada por semipausa ou pausa total, representadas na escrita, sobretudo, pela vírgula e pelo ponto final, como em (45). A distribuição das ocorrências é a seguinte:

- (42) [...] *das hatte Lewin bei **Tische** empfunden* [...]
 [...] isso tinha Lewin à mesa sentido [...]
 ‘[...] isso Lewin tinha sentido à mesa [...]’

- (43) [...] *und hatte in seinem **Gesicht** jenen eigentümlichen Ausdruck* [...]
 [...] e tinha em seu rosto aquela curiosa expressão [...]
 ‘[...] e tinha em seu rosto aquela expressão de curiosidade [...]’

- (44) [...] *der am **Abend** zuvor seinen jungen Herrn empfangen hatte* [...]
 [...] que na noite anterior seu jovem senhor recebido tinha [...]
 ‘[...] que tinha recebido seu jovem senhor na noite anterior [...]’

- (45) [...] *damit sprang er aus dem **Bett**.*
 [...] com isso pulou ele de a cama
 ‘[...] com isso, ele pulou da cama.’

Tabela 5.6 (Não) realização do Dativo em -e
por fonema inicial da sílaba subsequente

		Dativo realizado em -e		Total
		Não	Sim	
Semivogal	Ocorrências	1	0	1
	Percentual	100,0%	0,0%	100,0%
(Semi)pausa	Ocorrências	145	148	293
	Percentual	49,5%	50,5%	100,0%
Vogal	Ocorrências	140	105	245
	Percentual	57,1%	42,9%	100,0%
Consoante	Ocorrências	287	406	693
	Percentual	41,4%	58,6%	100,0%
Total	Ocorrências	573	659	1232
	Percentual	46,5%	53,5%	100,0%

Inicialmente, podemos verificar que, para a variável “semivogal”, não há variação, dada a escassez de dados. Isto é acusado em nosso teste de regressão logística pela multicolinearidade, ou seja, ausência total de variação, e não deve ser interpretado. Os demais ambientes representados pelas variáveis independentes são demonstrados na Tabela 5.7 com relação à probabilidade de marcação do dativo em -e:

Tabela 5.7 Probabilidade de realização do dativo em -e
por fonema da sílaba subsequente

Variável	Probabilidade
Consoante>>> Cat. Referencial	
(Semi)pausa	-59,25%
Vogal	-55,42%

Uma hipótese plausível seria a de que não deveria haver qualquer distinção entre os fatores acima descritos, e que os resultados para eles fossem estatisticamente insignificantes, ao menos entre os exemplos em que a palavra seguinte iniciasse com consoante ou vogal. A razão para isto é o fato de que seria questionável o potencial de influência que desfavorecesse a realização do dativo em -e por parte de palavra subsequente iniciada por vogal, ou seja, uma tendência a se evitar um possível hiato,

haja vista que a oclusiva glotal ocorre diante de sílabas iniciadas por vogal, o que acabaria neutralizando essa diferença entre consoantes e vogais (KAUFMANN, 2014, p. 132). Essa hipótese se confirma, contrariando a análise de Fleischer, Kuhmichel e Speyer (2012), descrita no item 3.5.2. Verifica-se que as chances de um substantivo receber marcação de caso morfológico dativo quando ocorrendo diante de (semi)pausa ou de vogal são menores do que quando sucedidos de outra palavra iniciada por consoante. Entretanto, os dados sugerem que o fato de o substantivo passível de dativo em -e ser seguido de vogal não tem qualquer influência: quando o contexto de ocorrência é esse, o número de substantivos flexionados ou não por -e é próximo dos 50%. O mesmo se aplica a ocorrências que precedem uma (semi)pausa, de maneira que os substantivos que recebem o dativo em -e e os que não o recebem estão divididos em proporções quase idênticas (49,5% e 50,5%, respectivamente).

Há de se considerar, uma vez mais, outra questão: como o modelo gerado para representação da (não) realização do dativo em -e leva em conta o peso do impacto (ou a ausência dele) das variáveis explanatórias sobre a variável dependente em interação umas com as outras, é de se esperar que os fenômenos observados em autores específicos desempenhem um papel importante e influente na análise global que envolve todos ao mesmo tempo. Como se verá adiante, quando da análise individual de cada autor em 5.2, a neutralização da distinção entre consoante e vogal iniciando a sílaba subsequente ao schwa só não ocorre em dois dos autores.

5.1.5 RITMO

A questão do ritmo parece estar intimamente ligada a duas das próximas e últimas variáveis independentes aqui explanadas: no nível da palavra, a estrutura silábica do substantivo masculino ou neutro passível de flexão morfológica em -e, mais especificamente com relação ao seu radical (ou radicais, quando composto), e, no nível da frase, que também tem relação com a estrutura silábica, o acento da sílaba seguinte ao substantivo no caso dativo. Segundo Otto Behagel (1900, p. 253) “muitos

não sabem absolutamente nada sobre diferenças que estão correlacionadas com o número de sílabas, com a construção rítmica das palavras.”³⁸

Começamos pela estrutura silábica. Como vimos anteriormente, no item 4.4.2, a noção de pé silábico diz respeito à relação entre a primeira sílaba tônica até (mas não inclusive) a próxima sílaba tônica, o que nos impede de classificar pés silábicos no alemão como iâmbicos. Apesar da aparente contradição, rotulamos os substantivos nos mesmos termos da métrica clássica apenas para diferenciar as estruturas silábicas dos radicais, e tão somente em decorrência disso o chamaremos de iambos, assim como dátilos, troqueus, etc. Isso implica diferença no ritmo da palavra e também é importante na interação com a variável referente ao acento da sílaba seguinte, uma vez que, em conformidade com o que de fato assumimos como pé silábico do alemão, quando átona, a sílaba seguinte fará parte do pé que compreende a sílaba tônica que o antecede (i)mediatamente, tendo, desta forma, impacto sobre o ritmo. A distribuição dos substantivos por estrutura se dá da seguinte forma:

Tabela 5.8 (Não) realização do Dativo em -e
por estrutura silábica do substantivo

		Dativo realizado em -e		Total
		Não	Sim	
Datílico	Ocorrências	6	6	12
	Percentual	50,0%	50,0%	100,0%
Iâmbico	Ocorrências	28	11	39
	Percentual	71,8%	28,2%	100,0%
Trocaico	Ocorrências	122	12	134
	Percentual	91,0%	9,0%	100,0%
Monossilábico	Ocorrências	417	630	1047
	Percentual	39,8%	60,2%	100,0%
Total	Ocorrências	573	659	1232
	Percentual	46,5%	53,5%	100,0%

³⁸ Tradução própria. Texto original: “Manche wissen überhaupt nichts von Unterschieden, die mit Silbenzahl, mit dem rhythmischen Bau der Wörter zusammenhängen.”

Percebemos que, proporcionalmente, os substantivos que mais recebem o morfema -e, quando no dativo, são os de radical monossilábico, que, quando sufixados, tornam-se trocaicos, e.g., *Tage*, ‘dia’. A seguir, vemos as probabilidades de ocorrência do dativo em -e em cada situação, considerando substantivos monossilábicos como categoria referencial:

Tabela 5.9 Probabilidade de realização do dativo em -e
por estrutura silábica do substantivo

Estrutura Silábica	Probabilidade de realização de -e
Monossílabo>>>	Cat. Referencial
Datílico	-72,86%
Iâmbico	-52,17%
Trocaico	-96,21

Observamos acima que a probabilidade de um substantivo que não tenha radical monossilábico é sempre menor de ocorrer. Dado o baixo número de exemplares datílicos, não é possível fazer afirmações conclusivas a respeito. Esperava-se que a preferência pela marcação com dativo em -e nos substantivos datílicos fosse a menor de todas, porém isso não se confirmou, supostamente devido a essa escassez de dados. Por outro lado, os números para os dois outros eventos (iâmbico e trocaico) são expressivos, e, a partir deles, podemos tirar duas conclusões esperadas: a de que um substantivo que por si só fosse trocaico, como no exemplo de (46), independentemente de quaisquer sufixações ou contexto frasal, seria menos provavelmente sufixado do que um substantivo monossilábico, que passa a formar um pé trocaico apenas quando sufixado, como em (47):

(46) *Daß er noch am selben **Abend** zurückkehren werde [...]*

Que ele ainda na mesma noite retornar irá [...]

‘Que ele retornará ainda na mesma noite [...]

(47) [...] *daß das Fuhrwerk aus einem guten **Hause** sei.*

[...] que o veículo de uma boa casa seria.

‘[...] que o veículo seria de uma boa casa.’

Também se esperava que a diferença na preferência por marcação em -e de substantivos de estrutura iâmbica seria, em havendo tais ocorrências, maior do que em substantivos trocaicos que, se sufixados, tornam-se datílicos em termos de métrica clássica, portanto, com uma sequência maior de sílabas átonas.

Com relação ao fato de o acento não recair sobre a sílaba que sucede o item vocabular passível de sufixação, não temos um panorama acurado sobre o número de sílabas que compõem o pé silábico em cada exemplo coletado, ou seja, quantas sílabas átonas se seguem após o substantivo, o que seria bastante desejável, porém, o contexto da distribuição dos acentos no nível frasal é bastante diversificado e demanda um estudo mais aprofundado. No entanto, a informação de que sobre a sílaba seguinte recai acento é um dado importante, pois sabemos que ali se inicia um novo pé, e, portanto, quando haverá uma sequência maior ou menor de sílabas átonas quando o substantivo é sufixado. Foi incluída na análise a total falta de acento caracterizada por uma pausa ou semipausa subsequente ao substantivo no dativo. Tal critério também foi aplicado quando analisamos a influência do fonema seguinte (se vogal, consoante, semivogal ou [semi]pausa). O quadro que temos das ocorrências é disposto a seguir:

Tabela 5.10 (Não) realização do dativo em -e
por tonicidade da sílaba subsequente

		Dativo realizado em -e		Total
		Não	Sim	
(semi)pausa	Ocorrências	145	148	293
	Percentual	49,5%	50,5%	100,0%
Átona	Ocorrências	318	316	634
	Percentual	50,2%	49,8%	100,0%
Tônica	Ocorrências	110	195	305
	Percentual	36,1%	63,9%	100,0%
Total	Ocorrências	573	659	1232
	Percentual	46,5%	53,5%	100,0%

Os números acima sugerem, por um lado, equilíbrio na marcação do dativo em -e para os exemplos em que o substantivo é seguido de (semi)pausa ou sílaba átona. Há, porém, maior preferência pela sufixação em relação a esses contextos quando a sílaba seguinte é tônica? Esta pergunta é respondida pelos resultados encontrados em nossa análise de regressão logística.

Tabela 5.11 Probabilidade de realização do dativo em -e por tonicidade da sílaba subsequente

Sílaba seguinte	Probabilidade de realização de -e
Tônica	Cat. Referencial
Átona	-52,10

Observe-se que o fato de haver (semi)pausa após o substantivo não é apresentado na Tabela 5.11 acima e sequer foi relacionado no teste de regressão logística, pois seu impacto na (não) realização do dativo em -e é praticamente idêntica à influência da variável “(sílaba) átona”. Verifica-se a partir dos dados que o ambiente em que a sílaba subsequente é iniciada por uma tônica parece ser mais favorável para a realização do morfema -e. As evidências também são fortes para a afirmação de que os demais ambientes, ou seja, aqueles em que não há uma sílaba tônica subsequente não tem absolutamente nenhum impacto na preferência pela realização ou não do dativo em -e.

5.2 Análises Individuais por Autor

Em seguida, é feita a análise individual das variáveis independentes impactantes sobre a realização do dativo em -e para cada autor. Quatro desses autores, a saber, Heine, Stifter, Raabe e Kafka, serão analisados separadamente em virtude de o resultado do teste de regressão logística não ter sido classificado como suficientemente acurado e/ou as variáveis independentes não serem capazes de dar suporte estatisticamente significativa a uma análise sobre a variação por motivo de os resultados serem perfeitamente - ou quase que perfeitamente - previstos por uma única variável ou combinação de outras mais. Serão apresentados a distribuição das

ocorrências, o resultado do teste de regressão logística e a exemplificação do contexto do que seria um ambiente ideal para a realização do dativo em -e em cada um dos autores.

5.2.1 E.T.A. Hoffman

Para Hoffman, o teste de regressão logística acusou as seguintes variáveis como sendo impactantes sobre a realização do dativo em -e: estrutura silábica do substantivo passível de sufixação (Tabela 5.12), tipo de coda (Tabela 5.13) e fonema inicial da sílaba subsequente (Tabela 5.14). O teste de regressão logística nos fornece os resultados exibidos pela figura 5.2.

Tabela 5.12 (Não) realização do dativo em -e
por estrutura silábica do substantivo

		Dativo realizado em -e		Total
		Não	Sim	
lâmbico	Ocorrências	3	2	5
	Percentual	60,0%	40,0%	100,0%
Trocaico	Ocorrências	15	1	16
	Percentual	93,8%	6,3%	100,0%
Monossilábico	Ocorrências	22	43	65
	Percentual	33,8%	66,2%	100,0%
Total	Ocorrências	40	46	86
	Percentual	46,5%	53,5%	100,0%

Tabela 5.13 (Não) realização do Dativo em -e
por tipo de consoante que ocupa a posição da coda

		Dativo realizado em -e		Total
		Não	Sim	
Coda em /- r, -l, -m, -n, - ng/	Ocorrências	9	5	14
	Percentual	64,3%	35,7%	100,0%
Não	Ocorrências	29	21	50
	Percentual	58,0%	42,0%	100,0%
Sim	Ocorrências	2	20	22
	Percentual	9,1%	90,9%	100,0%
Total	Ocorrências	40	46	86
	Percentual	46,5%	53,5%	100,0%

Tabela 5.14 (Não) realização do Dativo em -e
por tipo de fonema da sílaba subsequente

		Dativo realizado em -e		
		Não	Sim	Total
(Semi)pausa	Ocorrências	3	13	16
	Percentual	18,8%	81,3%	100,0%
Vogal	Ocorrências	9	8	17
	Percentual	52,9%	47,1%	100,0%
Consoante	Ocorrências	28	25	53
	Percentual	52,8%	47,2%	100,0%
Total	Ocorrências	40	46	86
	Percentual	46,5%	53,5%	100,0%

Figura 5.2 Resultado do Teste de Regressão Logística
(variáveis na equação) para o autor E.T.A. Hoffman

Variables in the Equation						
Autor		B	S.E.	df	Sig.	Exp(B)
E.T.A. Hoffman	Step 3 TIPO_CODA (Em Comparação a coda não pass. fortição/pass. sonoridade)			2	,010	
	TIPO_CODA Coda em não obstruintes (-l/-m/-n/-ng) ou -r	-4,396	1,453	1	,002	,012
	TIPO_CODA pass. fortição/fricativas surdas	-3,540	1,313	1	,007	,029
	FONEMA_SEGUINTE (Em comparação a consoante)			2	,046	
	FONEMA_SEGUINTE Ø (Semi)pausa	3,181	1,355	1	,019	24,081
	FONEMA_SEGUINTE Vogal	-,510	,766	1	,506	,600
	ESTR_SILAB_Item_Voc (Em comparação a monossílabos)			2	,004	
	ESTR_SILAB_Item_Voc lâmbico	-,956	1,139	1	,401	,384
	ESTR_SILAB_Item_Voc Trocaico	-4,796	1,456	1	,001	,008
	Constant	3,630	1,298	1	,005	37,722

Temos que para o fato de o substantivo independentemente de estar flexionado por -e (radical ou, se composto, radicais) ter estrutura de um iambo, tal como na métrica clássica, por exemplo, *Gesicht*, 'rosto', [gə'zɪçt], não foi encontrado um valor estatisticamente significativo ($p = .401 > .05$), o que sugere não haver diferenças de impacto sobre a variável dependente quando fazemos comparação à categoria referencial, ou seja, à palavra de radical monossilábico. Entretanto, as chances de um

monossílabo como *Land*, ‘terra’, receber o sufixo -e do dativo são 99,17% maiores do que um substantivo de estrutura trocaica, como *Beispiel*, ‘exemplo’, [ˈbaɪ̯.pɪ:l].

Os resultados concernentes à variável independente relacionada ao fonema inicial da primeira sílaba da palavra subsequente indicam que, se há ausência de tonicidade em seguida ao substantivo, ou seja, se há pausa ou semipausa, fica caracterizado um ambiente propício para a realização do dativo em -e, com as probabilidades aumentando em 2308,13% quando comparadas às da categoria referencial, i.e., se a palavra seguinte se inicia em consoante, embora este resultado deva ser relativizado por conta da pequena quantidade de dados. Para o caso de o fonema subsequente ser uma vogal, não foram obtidos resultados estatisticamente significantes ($p = .506 > .05$).

Por fim, os dados nos mostram que para o tipo de coda, as probabilidades são maiores para a realização do dativo em -e quando a consoante que ocupa essa posição é sonora, a saber, 98,8% maiores com relação a quando a posição da coda é ocupada por consoante nasal, líquida ou em alofones de /r/, e 97,10%, se a coda é ocupada por consoante surda. Para as ocorrências em que a posição da coda não é ocupada por consoante sonora, o teste não retornou valores estatisticamente significantes, portanto, não parece haver preferência pela realização do morfema nesses contextos.

Desta maneira, concluímos que o ambiente mais propício para realização do dativo em -e na obra de E.T.A. Hoffman seria aquele em que, cumulativamente, a consoante que ocupa a posição da coda tenha o traço [+sonoro], o substantivo esteja diante de uma (semi)pausa e, o substantivo passível de sufixação em -e seja um monossílabo. Um exemplo é dado em (48):

- (48) [...] *daß an jenem unglücklichen Tage*, [...]
[...] que em aquele infeliz dia, [...]
‘[...] que naquele dia infeliz, [...]’

5.2.2 Jeremias Gotthelf

Para os dados provenientes da obra de Gotthelf, a distribuição dos exemplares no caso dativo de acordo com o tipo de variável independente detectada como provável fator influente na (não) realização do dativo em -e pode ser observada abaixo:

Tabela 5.15 (Não) realização do Dativo em -e
por tipo de consoante que ocupa a posição da coda

		Dativo realizado em -e		Total
		Não	Sim	
Coda em /-r, -l, -m, -n, -ng/	Ocorrências	18	12	30
	Percentual	60,0%	40,0%	100,0%
Coda em consoante surda	Ocorrências	15	11	26
	Percentual	57,7%	42,3%	100,0%
Coda em consoante sonora	Ocorrências	15	31	46
	Percentual	32,6%	67,4%	100,0%
Total	Ocorrências	48	54	102
	Percentual	47,1%	52,9%	100,0%

Tabela 5.16 (Não) realização do Dativo em -e por tipo de regência de caso

		Dativo realizado em -e		Total
		Não	Sim	
Não preposicional	Ocorrências	7	1	8
	Percentual	87,5%	12,5%	100,0%
Preposicional	Ocorrências	41	53	94
	Percentual	43,6%	56,4%	100,0%
Total	Ocorrências	48	54	102
	Percentual	47,1%	52,9%	100,0%

Tabela 5.17 (Não) realização do Dativo em -e
para substantivos preposicionados³⁹

		Dativo realizado em -e		
		Não	Sim	Total
Não	Ocorrências	35	48	83
	Percentual	42,2%	57,8%	100,0%
Sim	Ocorrências	13	6	19
	Percentual	68,4%	31,6%	100,0%
		Ocorrências	48	102
		Percentual	47,1%	100,0%

³⁹ “sim” para imediatamente preposicionados. Dentre os não imediatamente preposicionados estão também aqueles substantivos no caso dativo regidos por verbo.

O teste de regressão logística apresentou os seguintes resultados:

Figura 5.3 Resultado do Teste de Regressão Logística
(variáveis na equação) para o autor Jeremias Gotthelf

Variables in the Equation							
Autor			B	S.E.	df	Sig.	Exp(B)
Jeremias Gotthelf	Step 6	TIPO_CODA (Em Comparação a coda não pass. fortificação/pass. sonoridade)			2	,002	
		TIPO_CODA Coda em não obstruintes (-l/-m/-n/-ng) ou -r	-2,760	,845	1	,001	,063
		TIPO_CODA pass. fortificação/fricativas surdas	-2,881	,846	1	,001	,056
		PREPOS_IMEDIATA Não	2,476	,874	1	,005	11,891
		REGÊNCIA_CASO Não Preposicional	-3,778	1,330	1	,004	,023
		ESTR_SILAB_Item_Voc (Em comparação a monossílabos)			3	,354	
		ESTR_SILAB_Item_Voc Datílico	-2,896	1,606	1	,071	,055
		ESTR_SILAB_Item_Voc lâmbico	21,188	28420,722	1	,999	1592240106,661
		ESTR_SILAB_Item_Voc Trocaico	-23,357	11176,335	1	,998	,000
		Constant	,420	,631	1	,506	1,522

Percebe-se que as chances de um substantivo cuja posição de coda é ocupada por uma consoante sonora, são, uma vez mais, maiores com relação às demais (93,67%, comparado a se a consoante é líquida, nasal ou alofone de /r/, e 94,39%, se a coda é ocupada por consoante surda.

Se o substantivo é imediatamente preposicionado e sem artigo, as chances de ele ser sufixado por -e são extremamente reduzidas (10 vezes menores). Dos 19 exemplares nesse contexto, apenas 6 recebem o schwa, sendo 5 deles representados por *Haus*, uma vez mais sugerindo que expressões fixas têm papel determinante na realização do morfema -e.

Por fim, verifica-se que, se a regência do caso não for preposicional, 10 vezes maiores são as chances de que haja marcação em -e, muito embora o reduzido número de exemplares possivelmente tenha influenciado o resultado, portanto, é prudente relativizar também a importância desta variável no resultado. Ademais, observamos que o teste não retornou um valor de p estatisticamente significativo para a variável concernente à estrutura silábica dos substantivos, pois apenas há variação

entre aqueles que, quando sufixados por -e, são anteceditos pela sílaba que inicia o pé, portanto apenas monossílabos ou aqueles que classificamos como iâmbicos em termos da métrica clássica.

Desta maneira, conclui-se que o ambiente mais favorável à realização do morfema -e é aquele em que o radical do substantivo (o último, caso composto) tenha coda sonora, seja não imediatamente preposicionado e sem artigo e cuja regência de caso fosse preposicional. Um exemplo dessas condições é dado em (49):

- (49) [...] *Annebäbeli wäre im Zuge gewesen und hätte*
 [...] Annebäbeli AUX.PART. no trem estarPART. e AUX.SUBJ.
 [...] *gerne selbst geküchelt* [...]
 [...] com gosto si mesma fritarPART. [...]
 [...] Annebäbeli teria estado no trem e teria fritado ela mesma com prazer [...]

5.2.3 Eduard Mörike

Para os dados de Mörike, foram selecionadas no teste de regressão logística duas variáveis explanatórias: tipo de coda e tipo de acento da sílaba seguinte ao substantivo no caso dativo (se átono, tônico ou Ø). Para estas variáveis, foram levantados os exemplares nas seguintes quantidades:

Tabela 5.18 (Não) realização do Dativo em -e
 por tipo de consoante que ocupa a posição da coda

		Dativo realizado em -e			
		Não	Sim	Total	
Coda em /-r, -l, -m, -n, -ng/	Ocorrências	17	11	28	
	Percentual	60,7%	39,3%	100,0%	
Coda em consoante surda	Ocorrências	46	15	61	
	Percentual	75,4%	24,6%	100,0%	
Coda em consoante sonora	Ocorrências	28	21	49	
	Percentual	57,1%	42,9%	100,0%	
		Ocorrências	91	47	138
		Percentual	65,9%	34,1%	100,0%

Tabela 5.19 (Não) realização do Dativo em -e
para substantivos preposicionados

		Dativo realizado em -e		
		Não	Sim	Total
(Semi)pausa	Ocorrências	24	15	39
	Percentual	61,5%	38,5%	100,0%
Átona	Ocorrências	57	19	76
	Percentual	75,0%	25,0%	100,0%
Tônica	Ocorrências	10	13	23
	Percentual	43,5%	56,5%	100,0%
Total	Ocorrências	91	47	138
	Percentual	65,9%	34,1%	100,0%

Uma vez mais, constatamos que a coda ocupada por uma consoante sonora confere ao dativo em -e uma possibilidade maior de realização do que em outros ambientes. No entanto, a situação para os dados de Mörike é bastante diferente dos casos anteriores, pois o número de ocorrências do dativo em -e é percentualmente menor que exemplares sem -e. O que se observa é o fato de a posição da coda ser ocupada por consoante surda constitui um ambiente ainda menos favorável para a realização do dativo em -e, ou, probabilisticamente falando, 67,7% menores do que em um ambiente com consoante sonora.

Se o substantivo passível de flexão em -e é seguido por sílaba átona ou (semi)pausa, praticamente não há diferença, pois ambos os contextos desfavorecem a realização do morfema, de forma que, nestes ambientes, a probabilidade de o substantivo não ser sufixado por -e é reduzida. Por outro lado, há variação da realização do morfema praticamente equitativa quando os substantivos são seguidos por sílaba tônica, o que nos leva à conclusão de que, mesmo não constituindo um ambiente que favoreça muito a realização de -e, o fato de o substantivo ser sucedido por uma tônica ainda é mais propício para tanto. Ademais, verifica-se que não foram encontrados dados estatisticamente significantes para a variável referente à estrutura silábica, como pode ser observado nos resultados do teste na Figura 5.4, o que se explica pelo fato de que apenas há variação entre os substantivos monossilábicos (71

não recebem -e, enquanto 47 o recebem), enquanto os demais tipos de substantivos quase que invariavelmente não sofrem a flexão pelo schwa:

Figura 5.4 Resultado do Teste de Regressão Logística
(variáveis na equação) para o autor Eduard Mörike

Variables in the Equation					
Autor		B	S.E.	df	Sig.
Eduard Mörike	Step 3			2	,050
	TIPO_CODA (Em Comparação a coda não pass. fortição/pass. sonoridade)				
	TIPO_CODA Coda em não obstruintes (-l/-m/-n/-ng) ou -r	-,544	,529	1	,303
	TIPO_CODA pass. fortição/fricativas surdas	-1,131	,462	1	,014
	ESTR_SILAB_Item_Voc (Em comparação a monossílabos)			3	,945
	ESTR_SILAB_Item_Voc Datílico	-20,949	40192,970	1	1,000
	ESTR_SILAB_Item_Voc Iâmbico	-,718	1,167	1	,538
	Constant	1,136	,553	1	,040
	TONICIDADE_SILABA_SEG (Em comparação a tônicas)			2	,036
	TONICIDADE_SILABA_SEG Pausa	-,857	,585	1	,143
	TONICIDADE_SILABA_SEG Átona	-1,390	,544	1	,011
	ESTR_SILAB_Item_Voc Trocaico	-21,092	10225,260	1	,998
					Exp(B)
					,580
					,323
					,000
					,488
					3,115
					,424
					,249
					,000

O ambiente mais favorável à sufixação por -e é, portanto, aquele em que a consoante na posição da coda é sonora e a sílaba seguinte é acentuada, como no exemplo em (50):

- (50) [...] *daß ich von nun an nirgends mehr im Lande sicher sei.*
 [...] que eu de agora em diante lugar algum mais no país seguro estaria.
 ‘[...] que eu não estaria seguro em mais nenhum lugar do país de agora em diante’

5.2.4 Theodor Storm

Apenas uma variável explanatória apresentou valor estatisticamente significante para este autor, a saber, a tonicidade da sílaba seguinte ao substantivo passível de sufixação com dativo em -e:

Tabela 5.20 (Não) realização do Dativo em -e
por tonicidade da sílaba subsequente

		Dativo realizado em -e		
		Não	Sim	Total
(Semi)pausa	Ocorrências	7	19	26
	Percentual	26,9%	73,1%	100,0%
Átona	Ocorrências	48	43	91
	Percentual	52,7%	47,3%	100,0%
Tônica	Ocorrências	4	23	27
	Percentual	14,8%	85,2%	100,0%
Total	Ocorrências	59	85	144
	Percentual	41,0%	59,0%	100,0%

Para exemplos de substantivo no dativo seguidos de Ø (pausa ou semipausa), não houve dados estatisticamente significantes (vide Figura 5.5, em que $p = ,487 > .05$), pois a realização do dativo em -e nesse contexto parece idêntica às condições da categoria referencial, ou seja, se o substantivo é seguido por sílaba tônica. Por outro lado, observa-se uma queda de 79,69% na probabilidade de um substantivo apresentar dativo em -e se seguido de sílaba átona quando comparado à da categoria referencial. Se diante de sílaba átona, o substantivo pode ou não receber a flexão -e na mesma razão de probabilidade, enquanto, diante de sílaba tônica, as probabilidades são maiores para sua realização:

Figura 5.5 Resultado do Teste de Regressão Logística
(variáveis na equação) para o autor Theodor Storm

Variables in the Equation						
Autor		B	S.E.	df	Sig.	Exp(B)
Theodor Storm	Step 2 Constant	1,386	,559	1	,013	4,000
	TONICIDADE_SÍLABA_SEG (Em comparação a tônicas)			2	,006	
	TONICIDADE_SÍLABA_SEG Pausa	-,499	,717	1	,487	,607
	TONICIDADE_SÍLABA_SEG Átona	-1,594	,599	1	,008	,203
	REGÊNCIA_CASO (Em comparação aos casos preposicionais)			2	1,000	
	REGÊNCIA_CASO Posposicional	19,817	40192,970	1	1,000	403868716,094
	REGÊNCIA_CASO Não Preposicional	20,613	11116,954	1	,999	895583920,115

Diante deste quadro, concluímos que o simples fato de o substantivo passível de dativo em -e ser sucedido por sílaba tônica o torna um provável item vocabular a ser sufixado pelo morfema de caso. Uma análise mais atenta dos casos que recebem o schwa nos mostra que o substantivo *Hofe*, ‘pátio’, ocorre com bastante frequência em vez de *Hof*Ø (16 vs. 6). Este parece ser um caso discrepante, já que não se trata de expressão fixa com o morfema de caso comumente realizado fonologicamente, como é comum para *Haus* em *nach Hause* e *zu Hause*, vistos anteriormente. Uma possível hipótese é a de que haja um efeito de priming decorrente da influência de realização do dativo em -e anteriormente repetidas vezes, porém, essa variável não foi incluída na análise, e a hipótese de sua influência seria puramente especulativa.

Já para a variável que distingue casos [$\pm$ preposicionais] não se obteve resultado estatisticamente significativo, pois os 12 exemplos de caso dativo regidos por verbo invariavelmente não são marcados, portanto, regência de caso não explica a variação. Um exemplo de condições ideais para realização do dativo em -e na obra de Storm é dado a seguir:

- (51) [...] *ging ich endlich fort und nahm einen Umweg nach dem Hofe zu.*
 [...] fui eu finalmente em diante e tomei um desvio para o pátio PREFIXO
 ‘[...] prossegui e tomei um desvio para o pátio.’

5.2.5 Gottfried Keller

O resultado do teste de regressão logística acusa o tipo de coda e a condição de o substantivo ser preposicionado e sem artigo como variáveis explanatórias com peso significativo sobre a variação das ocorrências em Keller. Como todos os casos anteriores, em que a realização do dativo em -e é favorecida quando uma consoante sonora ocupa a posição da coda do radical, sua probabilidade, segundo os dados extraídos de Keller, também é maior em comparação com as outras duas alternativas (88,28% maior em relação às líquidas, nasais e alofones do /r/, e 84,35% maior, quando consoantes surdas). Observemos sua distribuição de acordo com o tipo de variável:

Tabela 5.21 (Não) realização do Dativo em -e
por tipo de consoante que ocupa a posição da coda

		Dativo realizado em -e		Total
		Não	Sim	
Coda em /-r, -l, -m, -n, -ng/	Ocorrências	10	14	24
	Percentual	41,7%	58,3%	100,0%
Coda em consoante surda	Ocorrências	15	23	38
	Percentual	39,5%	60,5%	100,0%
Coda em consoante sonora	Ocorrências	5	41	46
	Percentual	10,9%	89,1%	100,0%
Total	Ocorrências	30	78	108
	Percentual	27,8%	72,2%	100,0%

Tabela 5.22 (Não) realização do Dativo em -e
para substantivos preposicionados⁴⁰

		Dativo realizado em -e		Total
		Não	Sim	
Não	Ocorrências	23	74	97
	Percentual	23,7%	76,3%	100,0%
Sim	Ocorrências	7	4	11
	Percentual	63,6%	36,4%	100,0%
Total	Ocorrências	30	78	108
	Percentual	27,8%	72,2%	100,0%

Portanto, se a posição da coda do substantivo é ocupada por uma consoante sonora, grandes são as chances de que ele receba o dativo em -e. Nos demais ambientes, não parece haver qualquer influência, de maneira que podemos encontrar variação equivalente em termos proporcionais.

Quando o substantivo é imediatamente preposicionado, as chances de o dativo em -e ocorrer são, aproximadamente, 8 vezes menores que do contrário:

⁴⁰ “sim” para imediatamente preposicionados. Dentre os não imediatamente preposicionados estão também aqueles substantivos no caso dativo regidos por verbo.

Figura 5.6 Resultado do Teste de Regressão Logística
(variáveis na equação) para o autor Gottfried Keller

Variables in the Equation							
Autor		B	S.E.	df	Sig.	Exp(B)	
Gottfried Keller	Step 2	TIPO_CODA (Em Comparação a coda não pass. fortificação/pass. sonoridade)		2	,004		
		TIPO_CODA Coda em não obstruintes (-l/-m/-n/-ng) ou -r	-2,144	,694	1	,002	,117
		TIPO_CODA pass. fortificação/fricativas surdas	-1,855	,637	1	,004	,156
		Constant	,358	,740	1	,629	1,430
		PREPOS_IMEDIATA Não	2,202	,782	1	,005	9,045

Entretanto, um olhar mais atido nos revela que, das 4 ocorrências do marcador de caso -e, todas envolvem as expressões fixas *zu Hause*, ‘em casa’, e *nach Hause*, ‘para casa’. Desta forma, podemos interpretar que substantivos imediatamente preposicionados provável e invariavelmente não recebem o -e do dativo, exceto quando ocorrem em expressões fixas como as mencionadas acima.

5.2.6 Theodor Fontane

Para os dados de Fontane, foi selecionada apenas a variável explanatória que envolve o tipo de coda em questão. Temos o seguinte panorama:

Tabela 5.23 (Não) realização do Dativo em -e
por tipo de consoante que ocupa a posição da coda

		Dativo realizado em -e		Total
		Não	Sim	
Coda em /-r, -l, -m, -n, -ng/	Ocorrências	14	5	19
	Percentual	73,7%	26,3%	100,0%
Coda em consoante surda	Ocorrências	25	9	34
	Percentual	73,5%	26,5%	100,0%
Coda em consoante sonora	Ocorrências	6	27	33
	Percentual	18,2%	81,8%	100,0%
Total	Ocorrências	45	41	86
	Percentual	52,3%	47,7%	100,0%

Uma vez mais, temos que substantivos cuja coda é ocupada por consoante sonora constituem um ambiente mais favorável à realização do morfema de caso dativo em -

e. As probabilidades de realização nesse contexto são 93,18% maiores do que quando a mesma posição é ocupada por consoante nasal, líquida ou alofones do /r/, e 90,35%, quando a consoante é surda. Para a variável sobre estrutura silábica, não foram obtidos dados estatisticamente significantes, haja vista que parece haver variação significativa apenas entre os monossílabos:

Figura 5.7 Resultado do Teste de Regressão Logística
(variáveis na equação) para o autor Theodor Fontane

Variables in the Equation							
Autor			B	S.E.	df	Sig.	Exp(B)
Theodor Fontane	Step 2	TIPO_CODA (Em Comparação a coda não pass. fortificação/pass. sonoridade)			2	,000	
		TIPO_CODA Coda em não obstruintes (-l/-m/-n/-ng) ou -r	-2,685	,716	1	,000	,068
		TIPO_CODA pass. fortificação/fricativas surdas	-2,339	,632	1	,000	,096
		ESTR_SILAB_Item_Voc (Em comparação a monossílabos)			2	,164	
		ESTR_SILAB_Item_Voc lâmbico	-20,583	20096,485	1	,999	,000
		ESTR_SILAB_Item_Voc Trocaico	-2,314	1,216	1	,057	,099
		Constant	1,719	,490	1	,000	5,580

Para os resultados que sugerem os dados de Fontane, um exemplo de condições favoráveis para realização do dativo em -e é apresentado em (52) abaixo:

- (52) *Aber wir auf dem Lande, wir wissen es besser [...]*
 Mas nós em o campo, nós sabemos o melhor [...]
 ‘Mas nós no campo, nós o sabemos melhor [...]’

5.2.7 Arthur Schnitzler

Diferentemente de todos os demais autores pesquisados, os dados de Schnitzler são os únicos para os quais foram escolhidas variáveis diferentes como tendo papel importante na variação: além da variável referente ao tipo de coda, para a qual tivemos resultados semelhantes aos demais, a frequência do substantivo e o gênero gramatical são apontados como importantes. Observemos:

Tabela 5.24 (Não) realização do Dativo em -e
por gênero do substantivo

		Dativo realizado em -e		Total
		Não	Sim	
Neutro	Ocorrências	26	17	43
	Percentual	60,5%	39,5%	100,0%
Masculino	Ocorrências	35	19	54
	Percentual	64,8%	35,2%	100,0%
Total	Ocorrências	61	36	97
	Percentual	62,9%	37,1%	100,0%

Tabela 5.25 (Não) realização do Dativo em -e
por tipo de consoante que ocupa a posição da coda

		Dativo realizado em -e		Total
		Não	Sim	
Coda em /-r, -l, -m, -n, -ng/	Ocorrências	23	11	34
	Percentual	67,6%	32,4%	100,0%
Coda em consoante surda	Ocorrências	18	2	20
	Percentual	90,0%	10,0%	100,0%
Coda em consoante sonora.	Ocorrências	20	23	43
	Percentual	46,5%	53,5%	100,0%
Total	Ocorrências	61	36	97
	Percentual	62,9%	37,1%	100,0%

Figura 5.8 Resultado do Teste de Regressão Logística
(variáveis na equação) para o autor Arthur Schnitzler

Variables in the Equation						
Autor		B	S.E.	df	Sig.	Exp(B)
Arthur Schnitzler	Step 4 Gênero Neutro	-1,713	,813	1	,035	,180
	ESTR_SILAB_Item_Voc (Em comparação a monossílabos)			3	1,000	
	ESTR_SILAB_Item_Voc Datílico	-20,974	23205,422	1	,999	,000
	ESTR_SILAB_Item_Voc Iâmbico	-17,854	40192,970	1	1,000	,000
	ESTR_SILAB_Item_Voc Trocaico	-21,152	8320,804	1	,998	,000
	Constant	-4,621	2,066	1	,025	,010
	FREQ_ESC_IOG	1,068	,392	1	,006	2,911
	TIPO_CODA (Em Comparação a coda não pass. fortificação/pass. sonoridade)			2	,006	
	TIPO_CODA Coda em não obstruintes (-l/-m/-n/-ng) ou -r	-1,282	,603	1	,034	,277
	TIPO_CODA pass. fortificação/fricativas surdas	-2,767	,938	1	,003	,063

A correlação positiva apresentada entre a razão de possibilidades, de 2,911, na coluna $Exp(B)$, e a variável dependente (caso marcado em -e), sugere que quanto mais frequente é a ocorrência de uma palavra, maior é a possibilidade de ela ser flexionada em -e, e, ademais, que há um efeito conservador desse fator sobre a variante. Entretanto, há de se relativizar este resultado, já que, por considerar cada substantivo individualmente como uma variável com diversas possibilidades - foram coletados 33 substantivos distintos para o autor em questão -, mais desejável seria ter um número mais robusto de exemplares. Por seu turno, a variável gênero se mostrou significativa, de forma que substantivos masculinos parecem mais propensos a sofrer sufixação em -e em comparação aos neutros, cujas probabilidades são 81,97% menores.

Ademais, verificou-se que apenas substantivos monossilábicos sofrem variação, enquanto a ausência do dativo em -e nos demais ambientes é categórica, por qual razão não resultaram valores estatisticamente significantes para essa variável. Como exemplo de ambiente favorável à realização do dativo em -e de acordo com o modelo gerado para os dados de Schnitzler, temos:

- (53) *Oder in meinen vier Wänden, das ist doch*
 ou em minhas quatro paredes, isto é PARTÍCULA ENFÁTICA
im Grunde ziemlich gleichgültig.
 basicamente bastante indiferente
 ‘Ou em minhas quatro paredes, isto é basicamente bastante indiferente.’

5.2.8 Rainer Maria Rilke

As ocorrências de substantivos no caso dativo na obra de Rilke acusam dois fatores com papel importante sobre a variação: o tipo de coda e o de fonema subsequente, i.e., ausência de qualquer ([semi]pausa]). Os dados estão organizados da seguinte maneira:

Tabela 5.26 (Não) realização do Dativo em -e
por tipo de consoante que ocupa a posição da coda

		Dativo realizado em -e		Total
		Não	Sim	
Coda em /-r, -l, -m, -n, -ng/	Ocorrências	11	8	19
	Percentual	57,9%	42,1%	100,0%
Coda em consoante surda	Ocorrências	29	12	41
	Percentual	70,7%	29,3%	100,0%
Coda em consoante sonora	Ocorrências	12	31	43
	Percentual	27,9%	72,1%	100,0%
Total	Ocorrências	52	51	103
	Percentual	50,5%	49,5%	100,0%

Tabela 5.27 (Não) realização do Dativo em -e por tipo
de fonema da sílaba subsequente em Rainer Maria Rilke

		Dativo realizado em -e		Total
		Não	Sim	
(Semi)pausa	Ocorrências	19	9	28
	Percentual	67,9%	32,1%	100,0%
Vogal	Ocorrências	12	9	21
	Percentual	57,1%	42,9%	100,0%
Consoante	Ocorrências	21	33	54
	Percentual	38,9%	61,1%	100,0%
Total	Ocorrências	52	51	103
	Percentual	50,5%	49,5%	100,0%

Tal como distribuídos, os dados geraram os seguintes resultados:

Figura 5.9 Resultado do Teste de Regressão Logística (variáveis na equação) para o autor Rainer Maria Rilke

Variables in the Equation						
Autor		B	S.E.	df	Sig.	Exp(B)
Rainer Maria Rilke	Step 3 TIPO_CODA (Em Comparação a coda não pass. fortificação/pass. sonoridade)			2	,013	
	TIPO_CODA Coda em não obstruintes (-l/-m/-n/-ng) ou -r	-,661	,742	1	,373	,516
	TIPO_CODA pass. fortificação/fricativas surdas	-1,848	,630	1	,003	,158
	FONEMA_SEGUINTE (Em comparação a consoante)			2	,014	
	FONEMA_SEGUINTE Ø (Semi)pausa	-1,696	,618	1	,006	,183
	FONEMA_SEGUINTE Vogal	-1,430	,718	1	,046	,239
	ESTR_SILAB_Item_Voc (Em comparação a monossílabos)			3	,337	
	ESTR_SILAB_Item_Voc Datílico	-23,402	40192,970	1	1,000	,000
	ESTR_SILAB_Item_Voc lâmbico	-2,135	1,162	1	,066	,118
	Constant	2,199	,560	1	,000	9,017
	ESTR_SILAB_Item_Voc Trocaico	-22,040	10477,714	1	,998	,000

Podemos observar que não houve resultados estatisticamente significantes que nos permitissem estabelecer uma diferença entre a categoria referencial (consoante surda em posição de coda) e as líquidas, nasais e alofones de /r/ na posição da coda dos radicais de substantivos no caso dativo. Quando comparadas às consoantes da categoria referencial na mesma posição, verificamos que, uma vez mais, as consoantes sonoras representam um ambiente mais propício para a realização do dativo em -e, com chances 84,24% maiores.

Por fim, podemos verificar também que os resultados para o tipo de fonema subsequente ao substantivo no caso dativo também são estatisticamente significantes: há preferência por sufixação em -e diante de consoante em comparação a contextos em que há (semi)pausa após o substantivo no dativo (probabilidades são 81,66% menores) e, quando seguido de vogal, as chances caem em 76,06%. Não foram encontrados dados estatisticamente significantes para a variável “estrutura silábica” porque há variação apenas entre os substantivos monossilábicos. Devido à escassez de dados referentes a substantivos que classificamos como iâmbicos (apenas *Gesicht*, ‘rosto’, foi encontrado), não foi atestada variação em substantivos cuja estrutura seja desse tipo, ocorrendo o mesmo com o datílico *Nachmittag*, ‘tarde’.

Assim sendo, podemos conjecturar que um ambiente favorável à realização do dativo em -e para os dados de Rilke é aquele em que o radical do substantivo (último, se composto) possua na posição da coda uma consoante sonora e ocorra diante de uma consoante, como exemplificado em (54), a seguir:

- (54) *Mehrere Jahre später, nach dem Tode des alten Herrn, erzählte*
vários anos mais tarde, após _{ADAT.} morte do velho senhor, contava
man sich, wie er auch das [...]
_{SUJ.IMPESSOAL PRON.REFLEXIVO} como ele também isto [...]
‘vários anos mais tarde, após a morte do velho senhor, contava-se como ele
também [...]

5.2.9 Demais autores

No que diz respeito aos dados coletados de Wilhelm Raabe, apesar de o modelo gerado não ser adequado para subsidiar considerações sobre probabilidades de ocorrência em virtude de os exemplares de dativo em -e serem bastante previsíveis com base apenas no critério de estrutura silábica, verifica-se que substantivos com radical que possuem pé dissilábico invariavelmente não são marcados com -e, o que sugere que se evita uma sequência de sílabas átonas ocasionada pela inserção do schwa, independentemente de a sílaba seguinte ser átona ou não. Isto envolve uma questão denominada **separação completa**, em que “a variável resultante pode ser perfeitamente prevista por uma variável ou por uma combinação de variáveis” (FIELD, 2009, p. 274), ou seja, sabemos que não - ou quase não - haverá ocorrências de dativo em -e em substantivos com radical (ou radicais, se compostos) trocaico. Por outro lado, observa-se que há grande variação entre substantivos monossilábicos, porém não é possível capturar as diferenças entre eles quanto à realização do dativo em -e. Uma visão geral das ocorrências sob esse ponto de vista é apresentada na Tabela 5.28, a seguir:

Tabela 5.28 (Não) realização do Dativo em -e por estrutura silábica do substantivo em Wilhelm Raabe

		Dativo realizado em -e		Total
		Não	Sim	
Iâmbico	Ocorrências	1	1	2
	Percentual	50,0%	50,0%	100,0%
Trocaico	Ocorrências	12	0	12
	Percentual	100,0%	0,0%	100,0%
Monossilábico	Ocorrências	40	52	92
	Percentual	43,5%	56,5%	100,0%
Total	Ocorrências	53	53	106
	Percentual	50,0%	50,0%	100,0%

Acrescente-se ainda que entre os substantivos sem artigo e imediatamente preposicionados há um equilíbrio na variação. O que chama a atenção nesses exemplos é o fato de que até mesmo expressões fixas envolvendo o substantivo *Haus*, ‘casa’, comumente flexionados por -e, não o são. Ao contrário, dos 10 substantivos

observados, 5 são *Haus*, dos quais 4 deles, contrariamente às expectativas, não são marcados com o dativo em -e. Desta maneira, observamos que os dados de Raabe são relativamente inconclusivos, e que é necessário um aprofundamento maior na questão dos radicais monossilábicos passíveis de flexão no dativo. Não coincidentemente, a utilidade do modelo gerado para os dados providos de Raabe foi relativizada, já que a precisão na captação dos fenômenos envolvidos pode ser apenas fortuita, como demonstrado em nosso cálculo de acurácia dos modelos - o percentual geral de classificação dos dados não é 25% maior que a razão proporcional de acurácia casual.

Os dados retirados de Heinrich Heine sugerem quase a mesma situação, porém, a utilidade do modelo preditivo é estatisticamente significativa, de acordo com o mesmo teste. Aqui, ocorre o mesmo fenômeno de separação completa, pois não há ocorrências de dativo em -e entre os substantivos com raízes trocaicas:

Tabela 5.29 (Não) realização do Dativo em -e por estrutura silábica do substantivo em Heinrich Heine

		Dativo realizado em -e		Total
		Não	Sim	
lâmbico	Ocorrências	0	1	1
	Percentual	0,0%	100,0%	100,0%
Trocaico	Ocorrências	6	0	6
	Percentual	100,0%	0,0%	100,0%
Monossilábico	Ocorrências	22	36	58
	Percentual	37,9%	62,1%	100,0%
Total	Ocorrências	28	37	65
	Percentual	43,1%	56,9%	100,0%

Nos dados acima, verificamos que não há absolutamente nenhuma variação em duas das categorias, o que se deve à já mencionada multicolinearidade, porém, não por conta de distribuição complementar, senão por baixa quantidade de dados coletados. Por outro lado, podemos perceber que há grande variação entre os monossílabos, com preferência à marcação em -e, quando no caso dativo.

O modelo gerado para os dados de Stifter também não foi classificado como sendo acurado. Ademais, nenhuma das variáveis independentes foi selecionada como

impactante na variação, resultando o teste de regressão logística sempre em valor de $p > .05$:

Figura 5.10 Resultado do Teste de Regressão Logística (variáveis na equação) para o autor Adalbert Stifter

Variables in the Equation						
Autor		B	S.E.	df	Sig.	Exp(B)
Adalbert Stifter	Step 3			2	1,000	
	TIPO_CODA (Em Comparação a coda não pass. fortificação/pass. sonoridade)					
	TIPO_CODA Coda em não obstruintes (-l/-m/-n/-ng) ou -r	19,689	7698,759	1	,998	355625350,721
	TIPO_CODA pass. fortificação/fricativas surdas	-36,030	4747,438	1	,994	,000
	ESTR_SILAB_Item_Voc (Em comparação a monossílabos)			2	1,000	
	ESTR_SILAB_Item_Voc lâmbico	39,061	40334,481	1	,999	92045427041315600,000
	ESTR_SILAB_Item_Voc Trocaico	-74,051	9553,457	1	,994	,000
	Constant	18,172	3338,069	1	,996	77998948,503
	PREPOS_IMEDIATA Não	37,288	4566,721	1	,993	15630294826630800,000

A incapacidade do nosso modelo de gerar índices significativos para as variáveis se deve ao mesmo fenômeno de separação completa constatado acima, havendo um abismo entre substantivos sufixados e não sufixados (115 vs. 10, respectivamente), o que sugere que os substantivos quase que invariavelmente são flexionados com dativo em -e. Ao observarmos mais atentamente os dados, observamos que, dentre os poucos que não o são (apenas 8%), alguns são exemplos de paralelismos sintáticos com substantivos imediatamente preposicionados e sem artigo, como *von Dorf zu Dorf*, ‘de aldeia em aldeia’, e *von Ort zu Ort*, ‘de lugar a lugar’. Sendo assim, podemos prognosticar que as ocorrências serão quase que invariavelmente sufixadas em -e, salvo raríssimas exceções, como as mencionadas acima, as quais são bastante previsíveis. Portanto, os dados de Adalbert Stifter não nos dizem muito a respeito dos fatores em jogo na variação da realização do fenômeno aqui estudado.

Kafka, o mais próximo de nossos dias atuais, apresenta dados igualmente interessantes. O modelo gerado não acusou resultados estatisticamente significantes para nenhuma das variáveis explanatórias apresentadas. Entretanto, isto não nos impede de tirar algumas conclusões a respeito do comportamento dos substantivos singulares masculinos e neutros no caso dativo nos dados do referido autor. Aqui,

ocorre uma vez mais o fenômeno da separação completa observado nos dados de Stifter, Raabe e Heine, de forma que a variação entre ocorrências se torna bastante previsível:

Tabela 5.30 (Não) realização do Dativo em -e por estrutura silábica do substantivo em Franz Kafka

		Dativo realizado em -e		
		Não	Sim	Total
Trocaico	Ocorrências	15	0	15
	Percentual	100,0%	0,0%	100,0%
Monossilábico	Ocorrências	41	16	57
	Percentual	71,9%	28,1%	100,0%
Total	Ocorrências	56	16	72
	Percentual	77,8%	22,2%	100,0%

Observando os dados, percebemos que nenhum dos substantivos de estrutura radical dissilábica é flexionado por -e. A variação da ausência e presença do schwa se restringe apenas aos substantivos cujos radicais sejam monossilábicos, formando um troqueu, quando flexionados. Dentre os monossilabos sem artigo e imediatamente preposicionados, apenas expressões fixas envolvendo *Haus* recebem o -e, enquanto os outros 11 casos não são flexionados. As demais poucas ocorrências de dativo em -e também estão atreladas a substantivos comumente presentes em expressões fixas, como *Grund*, ‘fundo’, ‘causa’, e *Sinn*, ‘sentido’. Exemplos com essas expressões fixas são dados em (55), (56) e (57):

- (55) [...] *Ist Fräulein Bürstner zu Hause?*
 [...] está senhorita Bürster em casa?
 ‘[...] a senhorita Bürster está em casa?’

- (56) *Meine Herren, er antwortete im Grunde nichts, vielleicht*
 Meus senhores, ele respondeu basicamente nada, talvez
wußte er wirklich nichts [...]
 soubesse ele realmente nada [...]

‘Meus senhores, ele não respondeu nada, basicamente, talvez ele não soubesse realmente nada [...]’

- (57) [...] *er wußte selbst nicht, in welchem Sinne er es sagte* [...]
[...] ele sabia mesmo não, em que sentido ele o disse [...]
‘[...] ele mesmo não sabia em que sentido o disse [...]’

Desta maneira, podemos deduzir que os dados de Kafka representam a conclusão da mudança: substantivos masculinos e neutros da declinação forte são invariavelmente não marcados com dativo em -e, exceto se ocorrem em contextos fixos, cristalizados na língua.

CONCLUSÃO

Primeiramente, fizemos uma revisão sobre o desenvolvimento do sistema de casos morfológicos no alemão até um estágio mais recente da língua, momento no qual observamos uma última mudança em direção ao apagamento total do dativo em -e, que basicamente apresenta resquícios no estágio atual da língua, sobretudo em sua forma escrita. Observamos o paradigma de casos do alemão, que pende para o nivelamento das formas, e passamos, então, a focar na realização (ou não) do dativo em -e, cujo emprego sofreu grande variação, sobretudo entre finais do século XVIII e início do XX, inclusive com interferência de fatores externos, como de autores que se empenharam em suas campanhas pela preservação do -e. Revisamos a classificação do paradigma de casos em termos de substantivos fortes e fracos, propondo uma classificação mais coerente e equitativa no que diz respeito às suas formas singulares e plurais, não preterindo nenhuma delas. Formulamos algumas hipóteses acerca de potenciais fatores que poderiam ter desempenhado algum papel na variação da realização do dativo em -e no alemão e as submetemos a testes estatísticos que apontaram se e em que medida eles exercem alguma influência, tal como hipotetizado.

Foram propostos como variáveis independentes fatores internos e externos à língua para que pudessem ser apreciados quantitativa e qualitativamente por meio de teste de regressão logística, o mais apropriado para análises cujas variáveis-respostas (variáveis dependentes) sejam dicotômicas e as variáveis explanatórias (independentes) sejam igualmente categóricas (binomiais e/ou multinomiais) ou mesmo contínuas. Algumas dessas variáveis independentes foram descartadas por falta de capacidade explanatória da variação, como os fatores externos relacionados à região de origem e à frequência dos substantivos, enquanto, com relação a fatores internos, foram descartadas as variáveis concernentes aos gêneros masculino e neutro, à animacidade e ao fator sintático que diz respeito à regência [$\pm$ preposicional] do caso. Destarte, restaram fatores internos como aqueles que potencialmente podem explicar a variação existente na realização do dativo em -e, sendo eles de natureza fonológica e prosódica, além da variável “autor”, da qual já esperávamos um impacto por implicar distância de até mais de um século entre autores, considerando suas

datas de nascimento, pois, como sabíamos de antemão, o emprego do dativo em -e vinha em declínio década a década.

Se uma variável independente cogitada como potencial fator de variação não retorna um resultado estatisticamente significativo, isso pode se dever ao fato de que simplesmente não há qualquer influência de sua parte sobre determinado evento, ou então há uma subespecificação que tenha impedido verificar sua importância na variação. Entretanto, este não parece ser o caso da variável “região de origem”, de forma que não há indícios de que o emprego do dativo em -e tenha correlação com ela. Tampouco a frequência dos substantivos parece desempenhar papel na variação, exceto para os dados coletados do autor Arthur Schnitzler, em que, além da frequência, o gênero dos substantivos foi relacionado como variável explanatória, porém, devido ao número de exemplares ser baixo, relativizamos essa importância. Se subespecificada, a variável independente “frequência” pode não ter sido considerada como tendo impacto sobre a variação por três razões distintas: 1) o corpus tal como formado é inadequado para esse tipo de análise, porém a abordagem é correta; 2) tanto o corpus quanto a abordagem são inadequados; 3) o corpus é adequado, porém a abordagem é equivocada. Se 1) é verdadeiro, ou seja, se apenas o corpus é inadequado, seria necessário ampliá-lo incluindo as ocorrências menos frequentes, de maneira que não dever-se-ia considerar apenas um suposto vocabulário fundamental da língua. Se 2) é inequívoco, isto é, se o corpus e a abordagem são inadequados, a adoção do critério categórico “frequente vs. infrequente” seria uma alternativa. Porém, se 3) é verdadeiro, i.e., apenas a abordagem é equivocada, poderíamos considerar uma categoria binária, ou seja, frequente oposto a infrequente, tal como em Bybee (2002). Essa é uma possibilidade não experimentada neste trabalho e que possivelmente tivesse gerado resultados diferentes se houvéssimos optado pela análise com base em critério categórico. Entretanto, como isso implica uma decisão teórico-metodológica, a decisão por não rotular frequência categoricamente é plausível, mesmo que não tenha retornado um resultado estatisticamente significativo que a caracterizasse como uma variável independente em cujos termos poder-se-ia explicar a variação na realização do dativo em -e, haja vista que parece razoável medir a frequência numa escala quantitativa,

uma vez que o limite que divide palavras frequentes de infrequentes não parece suficientemente claro para tanto.

Se, por um lado, não foram encontrados indícios de que as variáveis independentes acima sejam atuantes sobre a variação na realização do dativo em -e, por outro, obtivemos robusta evidência de que fatores fonológicos, prosódicos e tipológicos estão nela envolvidos. A análise global dos dados nos permitiu constatar que (i) há diferença na realização do dativo em -e nos diversos autores, (ii) existe um componente tipológico na variação, pois há diferenças entre substantivos quando são mediata ou imediatamente preposicionados, (iii) fatores fonológicos parecem inibir ou favorecer a realização do fonema, e (iv) questões prosódicas se revelam igualmente preponderantes na variação.

Com relação às diferenças entre os autores, a realização do dativo em -e rareia no decorrer das décadas, o que está implícito na escolha de autores de diferentes épocas. Igualmente, o fator tipológico implicado pelo (i)mediatismo da preposição ao substantivo passível de flexão por -e produziu resultados semelhantes à condição atual da língua alemã, em que substantivos imediatamente preposicionados geralmente não são sufixados por -e, exceto se se trata de uma expressão fixa.

Os fatores fonológicos que desempenham papel na variação envolvem a natureza da consoante que ocupa a posição da coda do substantivo no caso dativo passível de sufixação por -e, fator não comumente mencionado como responsável pela preservação da ou restrição à realização do morfema, exceto Raffelsiefen (2003), que aventava essa possibilidade para schwas de maneira geral. Outro fator fonológico observado como impactante é o contexto em que ocorre o substantivo, mais precisamente, a natureza do fonema seguinte (se vogal, consoante, etc). Assim, temos fatores fonológicos internos à palavra e aqueles que se verificam no nível da frase. Quanto à posição da coda, encontramos evidência bastante expressiva de que consoantes sonoras favorecem a realização do dativo em -e, o que também pode ser interpretado de maneira inversa, ou seja, o não apagamento do morfema acaba por preservar a sonoridade da consoante, que, caso não sufixada por -e, sofre ensurdecimento final. Em última instância, também pode ser encarado como

reciprocidade na preservação, atuando um em favor do outro. Já no que diz respeito à natureza do fonema subsequente ao substantivo, observamos que, de fato, como sugerido por Siebs (1912), não há indícios de que a realização do dativo em -e seja desfavorecida por ocasião de um indesejado hiato, conforme especulado por Fleischer, Kuhmichel e Speyer (2012). Verificou-se também que o fato de o substantivo ser sucedido por consoante, diferentemente, confere a ele um ambiente propício para a realização do morfema. Uma maior especificação dessa variável independente poderia ter retornado resultados diferentes, haja vista que existe uma distinção entre consoantes plosivas e as demais (fricativas, laterais, sibilantes, etc), entretanto esta questão permanece, por ora, em aberto.

Ademais, pudemos observar a importância da prosódia verificada tanto no nível da palavra, por intermédio da estrutura silábica do substantivo, quanto no nível da frase, o que fizemos ao considerar a tonicidade da sílaba no entorno imediatamente à direita dos substantivos passíveis de sufixação pelo -e do dativo. Pudemos analisar um ambiente estendido para além do nível da palavra e constatar que a tonicidade da sílaba que sucede o schwa, portanto já no nível da frase, tem importância na realização do dativo em -e.

A maior vantagem de aplicarmos um teste como o de regressão logística binária consiste na possibilidade de verificarmos a interação de diversos fatores atuando sobre um determinado evento/fenômeno simultaneamente. Diversas abordagens, algumas das quais observamos neste trabalho, tendem a focar em apenas um determinado fator e em detrimento de outros que possam ter igual ou relativa importância ou contribuição para a manifestação de determinado fenômeno linguístico. A abordagem aqui aplicada se mostrou eficiente ao evidenciar os fatores que desempenham importante papel na variação na análise de todos os dados e encontrou eco nas análises individuais feitas por autor, o que gerou resultados estatisticamente significantes, portanto, não fortuitos. Concluímos, assim, que podemos analisar a variação e mudança de um ponto de vista multifatorial, e não limitando nosso escopo a fatores de maneira individual, sendo que a contribuição de cada um parece, num sistema complexo como é a língua, indissociável uma da outra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADELUNG, Johann Christoph. **Deutsche Sprachlehre:** zum Gebrauche der Schulen in den Königlich-Preussischen Landen, mit allergnädigsten Privilegien. Berlin: C.F. Voss, 1781.

BARÖDAL, Jóhanna. The Development of Case in Germanic. In: BARÖDAL, Jóhanna; CHELLIAH, Shobhana Lakshmi. **The Role of Semantic, Pragmatic and Discourse Factors in the Development of Case.** Amsterdam: John Benjamins, 2009. p. 123-159.

BEHAGHEL, Otto. Das -e im Dativ der Einzahl männlicher und sächlicher Hauptwörter. In: **Wissenschaftliche Beihefte zur Zeitschrift des allgemeinen deutschen Sprachvereins 17/18.** Berlin: F. Verggold, 1900. p. 251-277.

BLAKE, Barry J. **Case.** New York: Cambridge University Press, 2001.

BOAS, Hans C. Case loss in Texas German: The influence of semantic and pragmatic factors. **The Role Of Semantic, Pragmatic, And Discourse Factors In The Development Of Case,** Amsterdam: John Benjamins, 2009. p. 347-373.

BOSLAUGH, Sarah. **An intermediate guide to SPSS programming using syntax for data management.** Thousand Oaks, Calif: Sage, 2005.

BOUCHER, Paul. Determiner Phrases in Old and Modern French. In: COENE, Martine; D'HULST, Yves. **The Syntax and Semantics of Noun Phrases.** Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 47-70.

BRAUNE, Wilhelm; REIFFENSTEIN, Ingo. **Althochdeutsche Grammatik. 1:** Laut- und Formenlehre. 15. ed. Tübingen: Niemeyer, 2004.

BROWN, Nicholas J. **Russian learners' dictionary:** 10,000 words in frequency order. London, New York, NY: Routledge, 1996.

BURNS, Robert B.; BURNS, Richard A. **Business Research Methods and Statistics Using SPSS**. 2008. Disponível em: <[http://studysites.uk.sagepub.com/burns/website/material/Chapter 24 - Logistic regression.pdf](http://studysites.uk.sagepub.com/burns/website/material/Chapter%2024%20-%20Logistic%20regression.pdf)>. Acesso em: 01 maio 2015.

BYBEE, Joan. Word frequency and context of use in the lexical diffusion of phonetically conditioned sound change. **Language Variation And Change**. [S. l.], p. 239-259. jul. 2002.

CALABRESE, Andrea. Some remarks on the Latin case system and its development in Romance. In: LEMA, José; TREVIÑO, Esthela (Ed.). **Theoretical Analyses on Romance Languages**: Selected papers from the 26th Linguistic Symposium on Romance Languages (LSRL XXVI), Mexico City, 28–30 March, 1996. Amsterdam, Philadelphia: J. Benjamins, 1998. p. 71-126. (Current Issues in Linguistic Theory 157).

COSTEA, Adrian. A Statistical-Based Approach to Assessing Comparatively the Performance of Non-Banking Financial Institutions in Romania. In: KARASAVVOGLOU, Anastasios; POLYCHRONIDOU, Persefoni (Ed.). **Economic Crisis in Europe and the Balkans**: Problems and Prospects. New York: Springer, 2014. p. 195-209.

CREDNER, Karl. **Grundriß der deutschen Grammatik**: nach ihrer geschichtlichen Entwicklung, für höhere Lehranstalten und zur Selbstbelehrung. Leipzig: Veit & Comp., 1908.

DAVIES, Ramona. **Romanian**: an essential grammar. New York: Routledge, 2008.

DROSDOWSKI, Günther; EISENBERG, Peter. **Duden, Grammatik der deutschen Gegenwartssprache**. 5. ed. Mannheim: Dudenverlag, 1995. 4 v.

ELLIS, Jeffrey. **An elementary Old High German grammar**: Descriptive and Comparative. Oxford: Clarendon Press, 1953.

ENDRES, Marie et al. **Deutsche Literatur von Luther bis Tucholsky**. Berlin: Directmedia Publishing, 2005. 125 v. (Digitale Bibliothek). DVD-ROM.

FAGAN, Sarah M. **German: a linguistic introduction**. Cambridge, New York: Cambridge University Press, 2009.

FIELD, Andy P. **Discovering statistics using SPSS: and sex and drugs and rock 'n' roll**. Thousand Oaks, Calif., London: Sage Publications, 2009.

FILLMORE, Charles J. The case for case. In: BACH, Emmon; HARMS, Robert Thomas (Ed.). **Universals in Linguistic Theory**. London: Holt, Rinehart & Winston, 1968. p. 1-88.

FILLMORE, Charles J. Some problems for case grammar. In: **Working Papers in Linguistics: 10**. Michigan: Department Of Linguistics, Ohio State University, 1971. p. 245-265.

FLEISCHER, Jürg; KUHMICHEL, Katrin; SPEYER, Augustin. **Sprachveränderung bei Goethe: das auslautende Schwa in den Werther-Fassungen von 1774 und 1787**. 2012. Disponível em: <http://www.uni-saarland.de/fileadmin/user_upload/Professoren/fr41_ProfSpeyer/2012SchwaGoethe.pdf>. Acesso em: 01 maio 2015.

FOX, Anthony. **The structure of German**. New York: Oxford University Press, 2005.

GOTTSCHED, Johann Christoph. **Varianten und Kommentar**. Berlin, New York: de Gruyter, 1980. 3 v.

GRIMM, Jacob. **Deutsche Grammatik**. 2. ed. Göttingen: Dietrich, 1822. 1 v.

HAIDER, Hubert. **The Syntax of German**. Cambridge, UK, New York, NY: Cambridge University Press, 2010.

HELBIG, Gerhard; BUSCHA, Joachim. **Deutsche Grammatik**: ein Handbuch für den Ausländerunterricht. Berlin, New York, NY: Langenscheidt, 2001.

HENNINGS, Thordis. **Einführung in das Mittelhochdeutsche**. Berlin: de Gruyter, 2012.

HENTSCHEL, Elke; VOGEL, Petra Maria. **Deutsche Morphologie**. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 2009.

HOCK, Hans Henrich. Analogical Change. In: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard (Ed.). **The Handbook of Historical Linguistics**. Malden, MA, Oxford, OX, Melbourne, Berlin: Blackwell Publishing, 2003. Cap. 11. p. 441-460.

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Mechanisms: reanalysis and analogy. In: **Grammaticalization**. 2. ed. Cambridge, UK, New York, NY: Cambridge University Press, 2003. p. 39-69.

HOSMER, David W.; LEMESHOW, Stanley. **Applied logistic regression**. New York: Wiley, 2000.

JONES, Randall L. **A frequency dictionary of German**: core vocabulary for learners. London, New York, NY: Routledge, 2006.

KAUFMANN, Göz. Die Tür(e) in der deutschen Literatur: Tor zum Verständnis sprachlicher Variation. In: BERGMANN, Pia et al (Ed.). **Sprache im Gebrauch: räumlich, zeitlich, interaktional**: Festschrift für Peter Auer (Oralingua). Heidelberg: Universitätsverlag Winter, 2014. p. 123-142.

KEMPEN, Gerard; HARBUSCH, Karin. Generating Natural Word Orders in a Semi-free Word Order Language: Treebank-Based Linearization Preferences for German. In: GELBUKH, Alexander (Ed.). **Computational Linguistics and Intelligent Text Processing**: 5th International Conference, CICLing 2004 Seoul, Korea, February 15-21, 2004 Proceedings. Berlin, New York, NY: Springer, 2004. p. 350-354.

KÖNIG, Werner. **DIGITALE BIBLIOTHEK 112: ATLAS DEUTSCHE SPRACHE**. 14. ed. Berlin: Directmedia Publishing, 2004. DVD-ROM.

LARSON-HALL, Jenifer. **A guide to doing statistics in second language research using SPSS**. New York, NY, London: Routledge, 2010.

LIGHTFOOT, David. Traditional language change. In: **How new languages emerge**. Cambridge, UK, New York, NY: Cambridge University Press, 2006. p. 17-39.

MAAS, Utz. **Phonologie**: Einführung in die funktionale Phonetik des Deutschen. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2006.

MCMAHON, April M. **Understanding language change**. Cambridge, New York, NY: Cambridge University Press, 1994.

MEISEN, Karl. **Altdeutsche Grammatik II. Formenlehre**. 2. ed. Stuttgart: J.B. Metzler, 1961.

MEYERS, Lawrence S. **Performing data analysis using IBM SPSS**. 978-1118357019: Wiley, 2013.

NEKULA, Marek. Franz Kafkas Deutsch. **Linguistik Online: particulae collectae, Festschrift für Harald Weydt zum 65. Geburtstag**, Bern, n. 13, p.215-264, jan. 2003. Disponível em: <http://www.linguistik-online.org/13_01/nekula.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2014.

NÜBLING, Damaris. Was tun mit Flexionsklassen? Deklinationsklassen und ihr Wandel im Deutschen und seinen Dialekten. **Zeitschrift Für Dialektologie Und Linguistik**, Stuttgart, v. 3, n. 75, p.282-330, 2008.

PENG, Chao-ying Joanne; LEE, Kuk Lida; INGERSOLL, Gary M. An Introduction to Logistic Regression Analysis and Reporting. **The Journal Of Educational Research**. [s. L.], p. 3-14. set. 2002.

PENG, Chao-ying Joanne; SO, Tak-shing Harry. **Logistic Regression Analysis and Reporting: A Primer**. 2002. P. 31-70. Disponível em: <<http://www.indiana.edu/~jopeng51/teaching-logistic.pdf>>. Acesso em: 01 maio 2015.

PFEFFER, Allan Jay; JANDA, Richard D. Die Bildung des Dativs mit oder ohne -e. In: **Zielsprache Deutsch 2**. Munique: Max Hueber, 1979. p. 34-39.

PHILIPPI, Julia. The rise of the article in the Germanic languages. In: KEMENADE, Ans; VINCENT, Nigel. **Parameters of Morphosyntactic Change**. Cambridge, UK, New York, NY: Cambridge University Press, 1997. p. 62-93.

POLENZ, Peter von. **História da Língua Alemã**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970. Tradução de: Jaime Ferreira da Silva e António Almeida Lisboa.

RAFFELSIEFEN, Renate. Constraints on schwa apocope in Middle High German. In: LAHIRI, Aditi. **Analogy, levelling, markedness: principles of change in phonology and morphology**. 2. ed. Berli, Nova York, NY: de Gruyter Mouton, 2003. p. 125-170.

ROELCKE, Thorsten. Typologische Unterschiede in den Varietäten des Deutschen. In: BESCH, Werner. **Sprachgeschichte: ein Handbuch zur Geschichte der deutschen Sprache und ihrer Erforschung**. Berlin; New York, NY: de Gruyter, 1998. p. 1000-1013.

ROVAI, Alfred P.; BAKER, Jason D.; PONTON, Michael K. **Social science research design and statistics: a practitioner's guide to research methods and SPSS analysis**. Chesapeake, VA: Watertree Press, 2013.

SAPIR, Edward. **Language: An Introduction to the Study of Speech**. New York: Harcourt, Brace, 1921.

SAUER, Wolfgang Werner. **Gegenwartsdeutsch**. Stuttgart: J.B. Metzler, 1997.

SCHADE, Otto. **Paradigmen zur deutschen Grammatik**: gotisch, althochdeutsch, mittelhochdeutsch, neuhochdeutsch, für Vorlesungen. Halle A. S: Buchhandlung des Waisenhauses, 1884.

SIEBS, Theodor. **Deutsche Bühnenaussprache**. 10. ed. Bonn: Albert Ahn, 1912.

STEVENSON, Patrick. **The German language and the real world sociolinguistic, cultural, and pragmatic perspectives on contemporary German**. Oxford, UK: Clarendon Press; New York: Oxford University Press, 1998.

THIEROFF, Rolf. **Die Bedienung des Automaten durch den Mensch. Deklination der schwachen Maskulina als Zweifelsfall**. 2003. Disponível em: <http://www.linguistik-online.de/16_03/index.html>. Acesso em: 01 maio 2015.

VEITH, Werner Heinrich. Bestrebungen der Orthographiereform im 18., 19. und 20. Jahrhundert. In: BESCH, Werner; REICHMANN, Oskar; SONDEREGGER, Stefan (Ed.). **Handbuch zur Geschichte der deutschen Sprache und ihrer Erforschung**. Berlin: de Gruyter, 2000. p. 1782-1803.

VIARO, Mário Eduardo. SUFIXOS E SUFIXOIDES DO PONTO DE VISTA DIACRÔNICO. In: ALVES, Ieda Maria et al (Org.). **OS ESTUDOS LEXICAIS EM DIFERENTES PERSPECTIVAS**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2013. p. 30-62. Vol. III. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlc/neo/livros/EstLexDifPerspvolIII.pdf>>. Acesso em: 01 maio 2015.

WEGENER, Heide. **Die Pluralbildung im Deutschen - ein Versuch im Rahmen der Optimalitätstheorie**. 1999. Disponível em: <http://www.linguistik-online.de/3_99/index.html>. Acesso em: 01 maio 2015.

WEINHOLD, Karl; EHRISMANN, Gustav. **Kleine mittelhochdeutsche Grammatik**. 7. ed. Leipzig, Wien: Wilhelm Braumuller, 1930.

WIESE, Richard. **The phonology of German**. Oxford, UK: Oxford University Press, 1996.

WRIGHT, Joseph. **Grammar of the Gothic Language**: and the gospel of St. Mark, selections from the other gospels and the second epistle to Timothy with notes and glossary. 2. ed. Oxford: Clarendon Press, 1966.

YEGHIAZARYAN, Lusine. **Caso, definitude e os sintagmas nominais no armênio**. 2010. 235 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Departamento de Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.